

Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Universidade Federal de Uberlândia  
Instituto de Letras e Linguística  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

**WAGNER CASSIANO DA SILVA**

**A nasalidade no dialeto quilombola do Norte de Minas: uma  
análise contrastiva baseada em *corpus***

**Uberlândia/MG**

**Junho de 2016**

**WAGNER CASSIANO DA SILVA**

**A nasalidade no dialeto quilombola do Norte de Minas: uma análise  
contrastiva baseada em *corpus***

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

**Área de Concentração:** Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

**Linha de pesquisa:** Teoria, descrição e análise linguística.

**Orientador:** Prof. Dr. Ariel Novodvorski

**Uberlândia/MG**

**Junho de 2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S586n  
2016      Silva, Wagner Cassiano da, 1973-  
            A nasalidade no dialeto quilombola do Norte de Minas: uma análise  
            contrastiva baseada em corpus / Wagner Cassiano da Silva. - 2016.  
            145 f. : il.

            Orientador: Ariel Novodvorski.  
            Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
            Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.  
            Inclui bibliografia.

            1. Linguística - Teses. 2. Nasalidade (Fonética) - Teses. 3. Língua  
            portuguesa - Fonética - Teses. I. Novodvorski, Ariel. II. Universidade  
            Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos  
            Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

---

**A NASALIDADE NO DIALETO QUILOMBOLA DO NORTE  
DE MINAS: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA BASEADA EM  
*CORPUS***

**WAGNER CASSIANO DA SILVA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Ariel Novodvorski (UFU - Orientador)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Thaïs Cristófaro Silva (UFMG)**

---

**Prof. Dr. Guilherme Fromm (UFU)**

Uberlândia, 30 de junho de 2016

*A Deus, Autor e Protetor de minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo amor e carinho demonstrado a mim neste período de crescimento intelectual.

Aos meus pais, Valdir e Ireni (*In memoriam*), por terem me ensinado o caminho da dignidade.

Ao meu irmão, Valdinei, pelo apoio e presença em minha casa quando me ausentava para estudar em Uberlândia.

A minha avó Maria do Carmo, pelas orações, afeto e acolhimento.

Ao Prof. Dr. Ariel Novodvorski pela orientação e acolhida desta pesquisa em um momento difícil.

A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marlúcia Maria Alves por ter acolhido o projeto inicial desta pesquisa e pela orientação, amizade e carinho manifestado ao longo desse processo de escrita.

A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liliane Pereira Barbosa pela leitura e apontamentos na escrita final do texto.

Ao colega de mestrado e amigo Jackson Rafael, pela aceitação em fazer a pós-graduação e que se tornou motivação para que eu pudesse realizar esse sonho.

As demais colegas de Montes Claros: Claudia Braga e Claudia Adriana pela companhia e pela presença nos momentos de solidão longe de casa.

Aos colegas de mestrado, especialmente aos meus queridos amigos: Kênia de Souza, Breno Chamone, Camila Martinelli e Cris Lobo (doutorado).

Aos meus companheiros de república, Wilian Santos Silva e Renato Montandon de Lima, que me acolheram e contribuíram para que eu pudesse cumprir meus créditos de forma tranquila e segura, serei eternamente grato a vocês.

Agradeço aos meus irmãos na fé: Comunidade Santa Laura, Grupo de Oração Beata Laura e a RCC pela compreensão e apoio durante este período, e em especial ao GOU Santa Mônica/UFU pelo carinho e acolhimento durante este período.

A todos os professores do PPGEL/UFU pela contribuição em minha formação docente.

Aos demais familiares, que direta ou indiretamente contribuíram para que conseguisse vencer mais uma etapa em minha vida.

*A função de comunicar não é sua função única, e nem mesmo sua função essencial: ela permite antes pensar [...] um pensar analógico que não exige a equivalência nem a transitividade, mas o devaneio sem volta da similitude e da metáfora, sem quadros fixos de valores, sem limites categoriais precisamente impostos, sem necessidade de conclusões.*

Carlos Franchi (1976, p. 47-48)

## RESUMO

Esta pesquisa investigou a nasalidade de vogais na fala espontânea de moradores das comunidades quilombolas de Brejo dos Crioulos e Poções (MG). Como aporte teórico, baseou-se nos pressupostos da Fonética e Fonologia, em estudiosos renomados na investigação da nasalidade (CAGLIARI, 1977; CÂMARA JR., 1984, 2013; BISOL, 2013; ABAURRE; PAGOTTO, 1996; SILVA, 2015), com subsídios da Linguística de *Corpus*. Seu objetivo geral foi investigar a ocorrência da nasalidade, no dialeto dessas comunidades quilombolas, e seu comportamento linguístico, considerando os fatores linguísticos que podem no fenômeno interferir. Especificamente, objetivou-se a) detectar a ocorrência de vogais nasalizadas com auxílio dos recursos que provê a Linguística de *Corpus* (*Praat* e *WorldSmith Tolls*); b) discriminar os diferentes tipos de contextos de ocorrência das vogais nasalizadas; c) fazer análises quantitativa e qualitativa das vogais nasalizadas no *corpus* de estudo; d) descrever e analisar o comportamento das vogais nasalizadas e; e) contrastar os valores de F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas. Hipotetizou-se que a nasalidade acontece por ser condicionada pelo segmento nasal seguinte à vogal nasalizada – processo fonológico de “assimilação” –, sua posição quanto ao acento primário e categoria gramatical. Acreditou-se que as comunidades quilombolas de Brejo dos Crioulos e Poções produzem em suas falas vogais nasalizadas e que esse fenômeno linguístico é favorecido pela presença adjacente de consoantes ou vogais nasais. Além disso, foi hipotetizado que os valores dos F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas nessas comunidades são distintos. Elaboraram-se as seguintes perguntas de pesquisa: (i) a presença de vogais nasalizadas na fala nessas comunidades quilombolas está condicionada à presença de um segmento sonoro nasal? (ii) o segmento sonoro nasal seguinte à vogal nasalizada favorece a ocorrência do fenômeno da nasalidade? há diferença entre os valores de F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas nas duas comunidades quilombolas consideradas? Para compor o nosso *corpus*, utilizaram-se gravações de 24 entrevistas (12 locutores femininos e 12 locutores masculinos), num total de 24 participantes. Verificou-se que o segmento sonoro nasal seguinte tende a condicionar a vogal nasalizada. Geralmente, assimila-se o abaixamento do véu palatino de segmento consonantal nasal imediatamente seguinte, mas há casos de segmento vocálico nasal – assimilação regressiva; a sílaba tônica tende a favorecer a nasalidade, mas ela ocorre em posição pretônica e postônica também; os valores de F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas nas comunidades quilombolas de Poções e Brejo dos Crioulos são distintos: o Grupo de Brejo dos Crioulos tende a produzir o F1 das vogais orais e nasalizadas mais abaixado do que o Grupo de Poções e o F2, mais anteriorizado. A nasalidade tende a ocorrer em verbos e substantivos, apesar de não ser específica a uma categoria gramatical. Esta pesquisa apontou casos de nasalização espúria, confirmando pesquisas já realizadas. Por sua vez, revelou casos de itens lexicais com contexto favorável à nasalização, mas com sua não ocorrência. Este último caso, tido como de abaixamento do véu palatino uniforme no Português Brasileiro, apresentou vogais pronunciadas sem o abaixamento do véu palatino. Ou seja, detectou-se variação no fenômeno de nasalização no Português Brasileiro. Com este trabalho, promoveu-se a discussão sobre a nasalidade, com o intuito de contribuir com os estudos linguísticos sobre o funcionamento do Português Brasileiro neste contexto geográfico.

**Palavras-chave:** Vogais orais. Nasalidade. Nasalização. Análise acústica.



## ABSTRACT

This research investigated the nasality of vowels in the spontaneous speech of inhabitants of the quilombola communities of Brejo dos Crioulos and Poções (MG). As a theoretical framework, we based on the assumptions of Phonetics and Phonology, in renowned scholars on the investigation of nasality (CAGLIARI, 1977; CÂMARA JR., 1984, 2013; BISOL, 2013; ABAURRE; PAGOTTO, 1996; SILVA, 2015), with subsidies of the Corpus Linguistics. Its general goal was to investigate the occurrence of nasality, in the dialect of these quilombola communities, and their linguistic behavior, considering the linguistic factors that can interfere in the phenomenon. Specifically it was aimed to a) detect the occurrence of nasalized vowels with the help of the resources that the Corpus Linguistics provides (Praat and WorldSmith Tolls); b) discriminate the different types of occurring contexts of nasalized vowels; c) make quantitative and qualitative analyzes of the nasalized vowels in the study corpus; d) describe and analyze the behavior of nasalized vowels and; e) contrast the values of F1 and F2 of the oral and nasalized vowels. It was hypothesized that the nasality happens because it is conditioned by the nasal segment following the nasalized vowel - phonological process of “assimilation” - its position as the primary stress and grammatical category. It was believed that the quilombolas communities of Brejo dos Crioulos and Poções produce nasalized vowels in their speech and this linguistic phenomenon is favored by the adjacent presence of consonants or nasal vowels. Furthermore, it was hypothesized that the values of F1 and F2 of oral and nasalized vowels in these communities are distinct. The following research questions were elaborated: (i) is the presence of nasalized vowels in the speech of these quilombola communities conditioned to the presence of a nasal sound segment? (ii) does the nasal sound segment following the nasalized vowel favor the occurrence of the nasality phenomenon? is there a difference between the values of F1 and F2 of the oral and nasalized vowels in both quilombola communities considered? To compose our corpus, 24 interviews recordings were used (12 female speakers and 12 male speakers), a total of 24 participants. It was found that the following nasal sound segment tends to condition the nasalized vowel. In general, it assimilates the lowering of the soft palate of nasal consonant segment immediately following, but there are cases of nasal vowel segment - regressive assimilation; the stressed syllable tends to favor the nasality, but it occurs in pretonic and postonic position as well; F1 and F2 values of oral and nasalized vowels in the quilombola communities of Poções and Brejo dos Crioulos are distinct: the group of Brejo dos Crioulos tends to produce the F1 of oral and nasalized vowels more lowered than the group of Poções and the F2, in a more anterior position. The nasality tends to occur in verbs and nouns, although it is not specific to a grammatical category. This research found cases of spurious nasalization, confirming previous studies. In turn, it revealed cases of lexical items with favorable context for nasalization, but with its non-occurrence. This last case, considered as the lowering of the uniform soft palate in PB, presented pronounced vowels without the soft palate lowering. That is, it was detected variation in the phenomenon of nasalization in PB. With this work, it was promoted the discussion about nasality, in order to contribute to the linguistic studies about the functioning of Brazilian Portuguese in this geographical context.

**Keywords:** Oral Vowels. Nasality. Nasalization. Acoustic analysis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Municípios norte-mineiros que possuem comunidades quilombolas.....	30
Figura 1 – Demonstração do período e da amplitude da onda sonora.....	37
Figura 2 – Espectrogramas de vogais orais.....	38
Figura 3 – Quadro fonético sonoro.....	60
Figura 4 – Pasta <i>corpus</i> armazenada no <i>Dropbox</i> .....	61
Figura 5 – Etiquetagem dos itens lexicais entre parênteses angulares.....	62
Figura 6 – Telas <i>Praat objects</i> e <i>Praat Picture</i> .....	65
Figura 7 – Telas <i>View &amp; Edit</i> e tela <i>Sound</i> .....	66
Figura 8 – Tela função <i>Sel</i> para geração se espectrogramas.....	66
Figura 9 – Espectrograma.....	67
Figura 10 – Contexto de nasalidade e sua ocorrência <+nas1>.....	72
Figura 11 – Contexto de nasalidade e sua não ocorrência <+nas0>.....	74
Figura 12 – Contexto não favorável à nasalidade e sua ocorrência <-nas1>.....	75
Figura 13 – Contexto de nasalização e sua ocorrência <naz>.....	76
Figura 14 – Contexto de nasalização e sua não ocorrência <naz0>.....	77
Figura 15 – Casos de nasalidade vogal [ã].....	79
Figura 16 – Casos de nasalidade vogal [ẽ].....	79
Figura 17 – Casos de nasalidade vogal [ĩ].....	80
Figura 18 – Casos de nasalidade vogal [õ].....	80
Figura 19 – Casos de nasalidade vogal [ũ].....	81
Figura 20 – Segmento sonoro nasal imediatamente seguinte [m].....	83
Figura 21 – Segmento sonoro nasal imediatamente seguinte [n].....	84
Figura 22 – Segmento sonoro nasal imediatamente seguinte [ɲ].....	84
Figura 23 – Posição da vogal nasalizada (pretônica).....	86
Figura 24 – Posição da vogal nasalizada (tônica).....	87
Figura 25 – Posição da vogal nasalizada (postônica).....	87
Figura 26 – Categoria gramatical (adjetivo).....	89
Figura 27 – Categoria gramatical (advérbio).....	90
Figura 28 – Categoria gramatical (numeral).....	90
Figura 29 – Categoria gramatical (preposição).....	91

Figura 30 – Categoria gramatical (pronome).....	91
Figura 31 - Categoria gramatical (substantivo).....	92
Figura 32 – Categoria gramatical (verbo).....	92

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Médias de F1 e F2 (Hz) das vogais orais e nasais do PB – homens.....	39
Quadro 2 – Médias dos formantes F1 e F2 (Hz) vogais orais e nasais do PB – mulheres.....	40
Quadro 3 – Vogais orais do PB.....	42
Quadro 4 – Vogais nasais do PB.....	43
Quadro 5 – Perfil social dos informantes de Brejo dos Crioulos.....	56
Quadro 6 – Perfil social dos informantes Poções.....	57
Quadro 7 – Modelo de transcrição pelo projeto NURC.....	58
Quadro 8 – Etiquetas para identificação dos itens lexicais por meio do <i>WordSmith Tools</i> ....	62
Quadro 9 – Etiquetas categoria gramatical.....	63
Quadro 10 – Etiquetas tempo verbal.....	63
Quadro 11 – Etiquetas tonicidade das vogais em relação ao fenômeno da nasalidade.....	64
Quadro 12 – Nasalidade quanto à presença de segmentos nasais adjacentes.....	68
Quadro 13 – Posição do fenômeno da nasalidade quanto ao acento primário.....	69
Quadro 14 – Categoria gramatical.....	69
Quadro 15 – F1/F2 das vogais orais de locutoras femininos do GP.....	95
Quadro 16 – F1/F2 das vogais orais de locutores masculinos do GP.....	95
Quadro 17 – Médias dos F1 e F2 das vogais orais do GP .....	99
Quadro 18 – F1/F2 das vogais orais de locutores femininos do GB.....	99
Quadro 19 – F1/F2 das vogais orais de locutores masculinos do GB.....	100
Quadro 20 – Médias dos F1 e F2 das vogais orais do GB.....	103
Quadro 21 – Médias do F1 das vogais orais dos locutores femininos entre GP e GB.....	105
Quadro 22 – Médias do F1 das vogais orais dos locutores masculinos entre GP e GB.....	106
Quadro 23 – Médias do F2 das vogais orais dos locutores femininos entre GP e GB.....	108
Quadro 24 – Médias do F2 das vogais orais dos locutores masculinos entre GP e GB.....	110
Quadro 25 – F1/F2 das vogais nasalizadas de locutores femininos do GP.....	111
Quadro 26 – F1/F2 das vogais nasalizadas de locutores masculinos do GP.....	111
Quadro 27 – Médias dos F1 e F2 das vogais nasalizadas do GP.....	113
Quadro 28 – F1/F2 das vogais nasalizadas de locutores femininos do GB.....	114
Quadro 29 – F1/F2 das vogais nasalizadas de locutores masculinos do GB.....	114
Quadro 30 – Médias dos F1 e F2 das vogais nasalizadas do GB.....	117

Quadro 31 – Médias do F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos entre GP e GB.....	119
Quadro 32 – Médias do F1 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos entre GP e GB.....	120
Quadro 33 – Médias do F2 das vogais nasalizadas dos locutores femininos entre GP e GB.....	121
Quadro 34 – Médias do F2 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos entre GP e GB.....	123

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Itens lexicais diferentes presentes no <i>corpus</i> .....	71
Tabela 2 – Itens lexicais com vogais nasalizadas/nasais no <i>corpus</i> .....	71
Tabela 3 – Distribuição das vogais nasalizadas/nasais por tipo de etiqueta.....	78
Tabela 4 – Distribuição das vogais nasalizadas.....	81
Tabela 5 – Segmento sonoro imediatamente seguinte.....	85
Tabela 6 – Posição da vogal nasalizada em relação ao acento primário.....	88
Tabela 7 – Categoria gramatical dos itens lexicais nasalizados.....	93

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ADCT	Atos das Disposições Constitucionais Transitórias
adj	Adjetivo
adv	Advérbio
arred.	Arredondada
C	Consoante
CEDEFES	Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
dB	Decibel
DOU	Diário Oficial da União
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
ENT	Entrevistador
F1	Formante 1
F2	Formante 2
F3	Formante 3
F4	Formante 4
F5	Formante 5
fp	Feminino plural
fs	Feminino singular
Fco. Sá	Francisco Sá
Fem.	Feminino
GB	Grupo de Brejo dos Crioulos
GER	Gerúndio
GP	Grupo de Poções
Hz	Hertz
IF	Infinitivo
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPA	Alfabeto Fonético Internacional
LA	Linguística Aplicada
LC	Linguística de <i>Corpus</i>

LOC	Locutor
LP	Língua Portuguesa
M	Masculino
Masc.	Masculino
MG	Minas Gerais
MINC	Ministério da Cultura
mp	Masculino plural
ms	Masculino singular
N	Nasal
/N/	Arquifonema nasal
n.º	Número
N/E	Não escolarizado
nas	Nasalidade
Naz	Nasalização
num	Numeral
NURC	Projeto Norma Linguística Urbana Culta
oc.	Ocorrências
PAR	Particípio
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PI	Presente do Indicativo
PIMPI	Pretérito Imperfeito do Indicativo
Pos	Postônica
PPI	Pretérito Perfeito do Indicativo
Pre	Pretônica
prep	Preposição
pron	Pronome
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
sb	Substantivo
TO	Tônica
Unimontes	Universidade Estadual de Montes Claros
V	Vogal



Varz.	Varzelândia
vb	Verbo
1p	Primeira pessoa
2p	Segunda pessoa
3p	Terceira pessoa
→	Passa a
/	Contexto seguinte/truncamento
[a]	Vogal baixa central não arredondada
[ɛ]	Vogal média-baixa anterior não arredondada
[e]	Vogal média-alta anterior não arredondada
[i]	Vogal alta anterior não arredondada
[ɔ]	Vogal média-baixa posterior arredondada
[o]	Vogal média-alta posterior arredondada
[u]	Vogal alta posterior arredondada
[ɪ]	Vogal alta anterior não arredondada frouxa
[ʊ]	Vogal alta posterior arredondada frouxa
[ã]	Vogal baixa central não arredondada nasal/nasalizada
[ẽ]	Vogal média anterior não arredondada nasal/nasalizada
[ĩ]	Vogal alta anterior não arredondada nasal/nasalizada
[õ]	Vogal média posterior arredondada nasal/nasalizada
[ũ]	Vogal alta posterior arredondada nasal/nasalizada
[m]	Nasal bilabial vozeada
[n]	Nasal alveolar vozeada
[ɲ]	Nasal palatal vozeada

1	Faixa etária até 30 anos
2	Faixa etária entre 31-50 anos
3	Faixa etária superior a 51 anos
( )	Incompreensão de palavras ou segmentos
(hipótese)	Hipótese do que se ouviu
:: ou :::	Alongamento de vogal ou das consoantes [r], [s]
- -	Silabação
...	Qualquer pausa
_ _	Comentários do locutor que quebram a sequência temática
[	Superposição, simultaneidade de vozes (ligando linhas)
“ ”	Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos
((minúsculas))	Comentários descritivos
Maiúsculas	Entoação enfática

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>1 COMUNIDADES QUILOMBOLAS E A PESQUISA LINGUÍSTICA.....</b>	<b>25</b>
1.1 Vozes do Sul <i>versus</i> convencionalismo linguístico.....	30
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>34</b>
2.1 Fonética e Fonologia.....	34
2.1.1 Fonética Acústica e Fonética Instrumental.....	36
2.1.2 Vogais da LP.....	41
2.1.2.1 Vogais orais.....	41
2.1.2.2 Vogais nasais.....	42
2.1.2.2.1 A proposta de Câmara Jr. (2013).....	43
2.1.2.2.2 A proposta de Pontes (1972).....	44
2.1.2.3 Vogais nasalizadas.....	45
2.2 Linguística de <i>Corpus</i> : uma abordagem para estudos com <i>corpora</i> .....	47
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>51</b>
3.1 Caracterização das comunidades quilombolas.....	51
3.1.1 Comunidade Quilombola de Brejo dos Crioulos – São João da Ponte/MG.....	52
3.1.2 Comunidade Quilombola de Poções – Francisco Sá/MG.....	53
3.2 Procedimentos metodológicos.....	54
3.3 Constituição do <i>corpus</i> de estudo.....	55
3.3.1 Projeto NURC.....	57
3.3.2 O IPA – transcrição dos itens lexicais.....	59
3.3.3 Etiquetagem dos itens lexicais.....	61
3.3.4 Análise acústica – <i>software Praat</i> .....	64
3.3.5 Tratamento quantitativo e qualitativo dos itens lexicais.....	67
3.3.5.1 Segmento sonoro seguinte.....	68
3.3.5.2 Posição quanto ao acento primário.....	69
3.3.5.3 Categoria gramatical.....	69

<b>4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>71</b>
4.1 Ocorrências de vogais nasalizadas/nasais no <i>corpus</i> .....	72
4.1.1 Contexto de nasalidade e sua ocorrência <+nas1>.....	72
4.1.2 Contexto de nasalidade e sua não ocorrência da nasalidade <+nas0>.....	73
4.1.3 Contexto não favorável a nasalidade e sua ocorrência <-nas1>.....	74
4.1.4 Contexto de nasalização e sua ocorrência <naz>.....	75
4.1.5 Contexto de nasalização e sua não ocorrência <naz0>.....	77
4.2 Vogais nasalizadas.....	78
4.2.1 Segmento sonoro nasal seguinte.....	82
4.2.2 Posição quanto ao acento primário.....	86
4.2.3 Categoria gramatical.....	89
4.3 Análise acústica das vogais orais e nasalizadas.....	94
4.3.1 Análise acústica das vogais orais.....	94
4.3.1.1 F1 e F2 das vogais orais do GP.....	95
4.3.1.1.1 Médias dos valores do F1 das vogais orais do GP.....	97
4.3.1.1.2 Médias dos valores do F2 das vogais orais do GP.....	98
4.3.1.2 F1 e F2 das vogais orais do GB.....	99
4.3.1.2.1 Médias dos valores do F1 das vogais orais do GB.....	101
4.3.1.2.2 Médias dos valores do F2 das vogais orais do GB.....	102
4.3.1.3 Análise contrastiva entre F1 e F2 das vogais orais do GP e GB.....	103
4.3.1.3.1 F1 das vogais orais do GP e GB.....	103
4.3.1.3.2 F2 das vogais orais do GP e GB.....	107
4.3.2 Análise acústica das vogais nasalizadas.....	110
4.3.2.1 F1 e F2 das vogais nasalizadas do GP.....	110
4.3.2.1.1 Médias dos valores do F1 das vogais nasalizadas do GP.....	112
4.3.2.1.2 Médias dos valores do F2 das vogais nasalizadas do GP.....	113
4.3.2.2 F1 e F2 das vogais nasalizadas do GB.....	114
4.3.2.2.1 Médias dos valores do F1 das vogais nasalizadas do GB.....	115
4.3.2.2.2 Médias dos valores do F2 das vogais nasalizadas do GB.....	116
4.3.2.3 Análise contrastiva entre F1 e F2 das vogais nasalizadas do GP e GB.....	117
4.3.2.3.1 F1 das vogais nasalizadas do GP e GB.....	117
4.3.2.3.2 F2 das vogais nasalizadas do GP e GB.....	120
<b>5 RESULTADOS.....</b>	<b>125</b>

<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICE A Itens lexicais com marca de nasalidade.....</b>	<b>136</b>

## INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa, doravante LP, como qualquer língua não está imune de sofrer ou ter processos fonológicos que atestam a vivacidade desta língua utilizada por mais de duzentos e um milhões de brasileiros. Este estudo, cujo objeto é um processo fonológico existentes na LP, a nasalidade, ou seja, a realização de um som vocálico com um leve abaixamento do véu palatino pela proximidade de um som nasal em sílaba adjacente, dialeto dos quilombolas do Norte de Minas Gerais, a saber, duas comunidades: Brejo dos Crioulos e Poções, podendo ser assim mais uma contribuição às pesquisas sobre a LP.

O Norte de Minas possui uma grande concentração de comunidades quilombolas na zona rural de vários de seus municípios, um total de 153 comunidades (CEDEFES, 2008). Tais comunidades são povoadas por remanescentes de quilombos com suas características e peculiaridades, por pertencerem a uma etnia socialmente diferenciada. Nossa motivação pela escolha de investigar a fala nesse espaço geográfico surge não só pelo fato de percebermos que esses indivíduos são vítimas de diversos preconceitos, mas, principalmente, em função do preconceito linguístico, em razão de pertencerem a uma etnia socialmente discriminada.

Pensamos em analisar a fala dessa etnia pelo fato de estarmos inseridos nesse mesmo contexto geográfico, o Norte de Minas, e também porque pretendemos dar sequência ao trabalho iniciado no período de graduação, em que pesquisamos o fenômeno fonológico em apenas uma comunidade.

Na presente pesquisa, pretendemos ampliar o que já fora iniciado. Ao descrever o dialeto de duas comunidades quilombolas do Norte de Minas (Brejo dos Crioulos e Poções), pretendemos contribuir para a descrição das maneiras de se usar a LP no Brasil, em contextos sociais, históricos e culturais diferentes.

O fenômeno da nasalidade ocorre “quando uma vogal tipicamente oral é seguida por uma das consoantes nasais: [m, n, ɲ]” (SILVA, 2005, p. 93). Este fenômeno caracteriza os casos de vogais nasalizadas. Ampliamos, nesta pesquisa, o conceito de nasalidade e sugerimos que os casos de vogais orais seguidas por vogais nasais, por exemplo, ‘indentidadí’ [ĩdētʃiˈdadʒi] e ‘ainda’ [ãˈĩdā], também caracterizam nasalidade. Outros estudiosos adotam outras denominações, mas decidimo-nos pela de Silva (2005). Esta estudiosa distingue o

fenômeno da nasalidade do de nasalização. A nasalização<sup>1</sup> trata dos casos de vogais nasais da LP, ou seja, os casos de vogais obrigatoriamente nasais, cuja desnasalização representa outra palavra na língua (‘manta’ [‘mãtə] *versus* ‘mata’ [‘matə]). Para Silva (2005, p. 91) as “vogais nasais são produzidas com o abaixamento do véu palatino, permitindo que o ar penetre na cavidade nasal”, logo sua “qualidade vocálica [...] é diferente da qualidade vocálica das vogais orais correspondentes”, pois estas são produzidas com o véu palatino suspenso.

No caso das vogais nasalizadas (fenômeno de nasalidade), o acréscimo dessa propriedade de abaixamento do véu palatino às vogais tipicamente orais não interfere no significado da palavra, pois marcam apenas uma variação dialetal, como ocorre, por exemplo, em: ‘dama’ [‘dãmə], ‘cano’ [‘kãnʊ], ‘banho’ [‘bãɲʊ] e ‘ainda’ [ãĩdə].

É nosso intuito, também, proporcionar à comunidade científica um conhecimento sobre o modo de falar dos membros de remanescentes de quilombos. Queremos, ainda, propor um trabalho no Norte de Minas, mais propriamente no território quilombola, visto que poucas pesquisas foram feitas junto a essa comunidade de fala, que pode apresentar o provável ou nos apresentar algo improvável, que até então a comunidade acadêmica ainda desconheça. Assim, pensamos em contribuir na descrição das maneiras de se usar a LP no Brasil, já que a variação ocorre em qualquer língua, e contextualizar, em relação a um fenômeno linguístico, os quilombolas do Norte de Minas nesse uso da LP.

Este trabalho assume relevância/importância por ser realizado em uma região quase não analisada, acerca do fenômeno em estudo, para assim, contribuímos com futuros confrontos com outras pesquisas já realizadas no Português Brasileiro (PB) e/ou Português Europeu (PE). Além disso, é uma pesquisa de base empírica que se pautou no uso de ferramentas computacionais (*Praat* e *WorldSmith Tolls*) que nos auxiliaram a elucidar o fenômeno da nasalidade. Por outro lado, torna-se importante investigar a fala de comunidades de etnia socialmente diferenciada, habitantes tipicamente de zonas rurais – grupo social que se sente excluído e sofre preconceitos sociais e linguísticos. Sua fala representa uma variedade do PB; assim, propiciamos um conhecimento do PB, em mais uma de suas múltiplas facetas. Pretendemos, também, que esta pesquisa possa contribuir no sentido de minimizar os preconceitos linguísticos.

Como aporte teórico, baseamo-nos nos pressupostos da Fonética e Fonologia, em estudiosos renomados na investigação do fenômeno da nasalidade (CAGLIARI, 1977;

---

<sup>1</sup> Outros estudiosos também adotam outras denominações, por exemplo, Câmara Jr., López, Wetzels e Bisol utilizam o termo nasalização.

CÂMARA JR., 1984, 2013; BISOL, 2013; ABAURRE; PAGOTTO, 1996; SILVA, 2005), com subsídios da Linguística de *Corpus*.

Objetivamos investigar a ocorrência da nasalidade, no dialeto dessas comunidades quilombolas, e seu comportamento linguístico, considerando os fatores linguísticos que podem no fenômeno interferir. Especificamente, objetivamos a) detectar a ocorrência de vogais nasalizadas com auxílio dos recursos que provê a Linguística de *Corpus* (*Praat* e *WorldSmith Tolls*); b) discriminar os diferentes tipos de contextos de ocorrência das vogais nasalizadas; c) fazer análises quantitativa e qualitativa das vogais nasalizadas no *corpus* de estudo; d) descrever e analisar o comportamento das vogais nasalizadas e; e) contrastar os valores de F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas.

Hipotetizamos que esse fenômeno linguístico, denominado nasalidade, que trata dos casos de vogais nasalizadas, acontece por ser condicionado por segmento nasal imediatamente seguinte à vogal nasalizada – processo fonológico de “assimilação” –, sua posição quanto ao acento primário e categoria gramatical. Acreditamos que as comunidades quilombolas do Norte de Minas produzem em suas falas vogais nasalizadas e que esse fenômeno linguístico é favorecido pela presença adjacente de consoantes ou vogais nasais. Além disso, hipotetizamos que os valores de F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas em Brejo dos Crioulos e Poções são distintos.

A partir do falar quilombola e da ampliação da discussão para os demais dialetos do PB, elaboramos as seguintes perguntas de pesquisa, que derivam das hipóteses: (i) a presença de vogais nasalizadas na fala das comunidades quilombolas do Norte de Minas está condicionada à presença de um segmento sonoro nasal? (ii) o segmento sonoro nasal (seguindo a vogal nasalizada) favorece a ocorrência do fenômeno da nasalidade? Há diferença entre os valores de F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas nas duas comunidades quilombolas consideradas?

Para compor o nosso *corpus* utilizamos gravações de 24 entrevistas, sendo: 12 locutores femininos e 12 locutores masculinos totalizando um total de 24 participantes pertencentes às comunidades mencionadas. Os dados foram selecionados e categorizados através do *Praat* e *WorldSmith Tolls*.

Verificamos que o segmento sonoro nasal seguinte tende a condicionar a vogal nasalizada. Geralmente, assimila-se o abaixamento do véu palatino de segmento consonantal nasal imediatamente seguinte, mas há casos de segmento vocálico nasal – assimilação regressiva; a sílaba tônica tende a favorecer a nasalidade, mas ela ocorre em posição pretônica e postônica também; os valores de F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas nas comunidades quilombolas de Poções e Brejo dos Crioulos são distintos: o Grupo de Brejo dos Crioulos



tende a produzir o F1 das vogais orais e nasalizadas mais abaixado do que o Grupo de Poções e o F2, mais anteriorizado. A nasalidade tende a ocorrer em verbos e substantivos, apesar de não ser específica a uma categoria gramatical. Esta pesquisa apontou casos de nasalização espúria, confirmando pesquisas já realizadas. Por sua vez, revelou casos de itens lexicais com contexto favorável à nasalização, mas com sua não ocorrência. Este último caso, tido como de abaixamento do véu palatino uniforme no PB, apresentou vogais pronunciadas sem o abaixamento do véu palatino. Ou seja, detectou-se variação no fenômeno de nasalização no PB.

Este trabalho está estruturado em seis capítulos, assim subdivididos:

No Capítulo 1, apresentamos as comunidades quilombolas perpassadas pelo viés responsivo da Linguística Aplicada. No capítulo 2, tratamos da fundamentação teórica que embasa esta pesquisa, os ramos da Linguística que se ocupam do sistema sonoro das línguas (Fonética e Fonologia), por fim, abordamos de forma sucinta a Linguística de *Corpus*, que foi utilizada para nos auxiliar no uso das ferramentas computacionais para elucidar o fenômeno pesquisado. No Capítulo 3, descrevemos a metodologia e o tratamento dado ao *corpus* para que esta pesquisa pudesse ser realizada. No Capítulo 4, analisamos os dados a partir do detalhamento do que fora encontrado em nosso *corpus* acerca do fenômeno da nasalidade. No Capítulo 5, apresentamos os resultados encontrados após a análise dos dados. No Capítulo 6, tecemos as considerações finais a que chegamos e possíveis caminhos para outros estudos sobre este fenômeno que ocorre na LP. Posteriormente, as referências e o apêndice.

Na próxima seção, consideramos a comunidade de fala escolhida para extrairmos nosso *corpus*, utilizando-nos da Linguística Aplicada e apresentamos os quilombolas, pois pretendemos com esta pesquisa ter e dar uma responsividade social para com aqueles que se sentem marginalizados.

## 1 COMUNIDADES QUILOMBOLAS E A PESQUISA LINGUÍSTICA

Neste capítulo, apresentamos as comunidades quilombolas dialogando com a Linguística Aplicada (LA) com o intuito de apresentar e esclarecer detalhes deste povo que por ora se constituiu nossa comunidade de fala e de onde extraímos nossos dados para o estudo do fenômeno em questão.

A vida contemporânea apresenta-se de maneira heterogênea, em contraposição aos moldes hegemônicos de tempos passados. Contudo, nos dias atuais e apesar da valorização e de inúmeras ações de inclusão, que buscam resgatar singularidades, diferentes grupos sociais ainda se veem colocados de lado ou sofrem efeitos de marginalização, e vivem na expectativa de ter vez e voz, num mundo que, muitas das vezes, contribui para seu silenciamento.

Um exemplo disso é a existência de agrupamentos de remanescentes afrodescendentes e espaços de quilombolas, na zona rural do Norte de Minas, com suas características e peculiaridades. Comentários sobre o falar diferenciado dos quilombolas no município, feitos muitas vezes em tom pejorativo nos ambientes urbanos, incentivaram-nos no empreendimento da análise da língua dessas comunidades de fala.

Desse modo, pensamos que, por meio da descrição das peculiaridades no uso do PB, tendo como recorte o Norte de Minas, contribuiríamos tanto para a comunidade de fala em si, pelo resgate de valores históricos, sociais e culturais, como para a comunidade acadêmica nos estudos linguísticos.

Estudamos um fenômeno linguístico de variação dialetal – a nasalidade de vogais. Contextualizamos, em relação a esse fenômeno linguístico, os quilombolas de duas Comunidades do Norte de Minas: Brejo dos Crioulos, no município de São João da Ponte, e Poções, pertencente ao território do município de Francisco Sá.

A seguir, apresentamos alguns recortes que trazem o quanto os quilombolas se sentem discriminados nas diversas esferas sociais, pelo simples fato de pertencerem a uma etnia socialmente discriminada.

ENT.<sup>2</sup>: *então para você ser negro é uma identidade...*

LOC.<sup>3</sup> 1: *sê negru é... num é... num é fiura... num é duença... issé... issé... issé coisa di Deus... Deus feiz u mundu compostu di tudu... Deus feiz brancu... u negru... Deus feiz u mais inteligenti... u mais que num é... issu já vem di Deus moçu... issu num é coisa que apareceu*

<sup>2</sup> ENT. = entrevistador.

<sup>3</sup> LOC. = locutor.

*aqui na terra naum... issu é di naçaum... issu é naçaum di Deus... é assim Deus feiz u mundu compostu di tudo... cê num vê qui us lugá chovi... otros num chovi... tem lugá qui num tem nem a palavra di Deus... é assim... u povu tem que intendê qui issu tudo é di Deus... issu num é uma coisa de vaia... i nem pra sirví pra nomi... igual aqui quilombola... tipu assim... tipu assim... as veiz eu sintu aqui naum só eu sintu excluídu assim ó... devidu ser negro... tipu assim ó... colocô a gente comu... num sei... ah é differenti... hum é diferentji ganhô/ até nomi quilombola...*

ENT.: *((quilombola))...*

LOC. 1: *num é*

ENT.: *deixa eu te perguntar uma coisa aqui...*

LOC. 1: *i coisa todú mundo é igual fí... comu brancu... negru... ês pudia pô na cabeça todo somo inguais.... inguais...*

Este outro fragmento, a seguir, aponta o autopreconceito pelo fato de serem analfabetos. Isso faz com que se sintam inferiores em relação a quem supostamente é letrado:

ENT.: *você como estudante hoje encontra dificuldade pra poder estudar?*

LOC. 2: *incontru muitu i principalmenti pra dá aula pra elis sabe porque muitus elis si senti impotenti num se senti elis tem vergonha di assumi que elis saum analfabetu i... i... issu vai si afastanu vai larganu u istudu di ladu i já pensa assim ó... num sei mais intaum eu vô dexá di aprendê di... di... istudá porque eu num consigu fazê mais num cunsigu lê num consigu nem iscrevê intaum eu buscu podê chamá essas pessoa pra podê voltá a istudá porque há sempri uma chanci nunca é tardi pra quem é si aprendi cedu nunca é tardi pra quem quê aprendê que tê um objetivu...*

Assumimos, então, como comunidade de fala, os quilombolas do Norte de Minas por perceber que eles podem contribuir significativamente na história científica e pelo papel singular que desempenham no vasto cenário do PB.

A Linguística, cujo objeto de estudo é a linguagem, tem caminhado ao longo de alguns anos levando em conta e imbricando seu objeto com a interface de diferentes campos do conhecimento, pois entende que, apenas uma única área de conhecimento não é capaz de dar conta de um fenômeno como, por exemplo, a língua falada pelos quilombolas, tida como não padrão/informal ou estigmatizada, por membros de comunidades não quilombolas ou de centros urbanos.

Assim, ao abordar uma questão sob apenas um ponto de vista, arriscamos supor relações que, na verdade, podem não existir, o que inutilizaria a pesquisa ou poderia provocar sérios danos, dependendo da natureza do assunto que estivesse sendo investigado.

Muitos estudos linguísticos contemporâneos, por exemplo, a LA, apontam para a necessidade da inclusão dos saberes dos indivíduos que vivem à margem da sociedade e que muito poderiam contribuir para o desenvolvimento de pesquisas em Linguística. Isto é, nossos

estudos, perfazendo o caminho indicado por Moita Lopes (2006), precisam ter algo a dizer sobre os sujeitos e também o mundo em que se inserem e os constituem, não podemos dissociar da prática, ou seja, abafar as vozes dos que as vivem.

Para Moita Lopes (2006), o grande desafio para aqueles que enveredam pelos caminhos da linguagem é o grande questionamento: como fazer ciência com relevância sobretudo, para aquelas pessoas que se sentem ou que foram postas à margem da sociedade, as “Vozes do Sul” – proposta de Boaventura Santos (2001).

Os estudiosos do campo de estudo que envolve a linguagem têm que buscar novas trilhas que ajudem a contemplar, de forma mais precisa, toda a gama de variedade linguística de comunidades marginalizadas, que estão a clamar, registrando sua singularidade linguística e colaborando para que possam ter voz no mundo, assim como os demais.

Esses grupos sociais marginalizados estão diante de nós, limitados, mas nem por isso amordaçados. Cumpre-nos refletir a partir de Moita Lopes (2002) a seguinte questão que pode alavancar o nosso novo jeito de produzir conhecimento:

como podemos criar inteligibilidades sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem: os pobres, os favelados, os negros, os indígenas, homens e mulheres homoeróticos, mulheres e homens em situação de dificuldades sociais e outros, ainda que eu os entenda como amálgamas identitários e não de forma essencializada (MOITA LOPES, 2002, p. 86 ).

Esta pesquisa compromete-se com uma destas classes, que para as ciências sociais são vistas como “os de baixo”: “a cultura popular exerce sua qualidade de discurso ‘dos de baixo’, pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias” (SANTOS, 2000, p. 144).

Moita Lopes deixa para nós o caminho a trilhar, pois segundo ele, para que façamos ciência é necessário que este “[...] seja responsivo à vida social, é necessário que se compreenda a LA não como disciplina, mas como área de estudos, na verdade, como áreas tais como estudos feministas, estudos *queer*, estudos sobre negros, estudos afro-asiáticos etc.” (MOITA LOPES, 2006, p. 97)

Fazer pesquisa nos dias de hoje, conclama-nos a enveredar pelo novo paradigma que se instaura, dar lugar aqueles que podemos chamar de “Vozes do Sul”, pois foram postos à esquerda do positivismo, colonialismo e hegemonia que se instaurou no campo da ciência:

aqueles que foram postos à margem em uma ciência que criou outridades com base em um olhar ocidentalista têm passado a lutar para emitir suas vozes como formas igualmente válidas de construir conhecimento e de organizar a vida social, desafiando o chamado conhecimento científico tradicional e sua ignorância em relação às práticas sociais vividas pelas pessoas de carne e osso no dia-a-dia, com seus conhecimentos entendidos como senso comum pela ciência positivista e moderna. (MOITA LOPES, 2006, p. 77-78)

Contemplar esses indivíduos certos de que eles também têm muito a dizer, pois como propõe o mentor das “Vozes do Sul” – Boaventura Santos (2001) –, o Sul também diz e tem muito a dizer. Isto é, romper com os esquemas rígidos que até então a pesquisa tinha como paradigma ou como verdade hegemônica.

Compreendem-se, a partir do autor, que aqueles que vivem excluídos podem ter uma significativa contribuição para a construção de conhecimento, tanto os aspectos da vida social quanto as questões que permeiam e podem ajudar na compreensão de questões pertinentes para a pesquisa. Sendo assim, é tempo de inaugurar um novo paradigma para que a linguística dialogue com o mundo contemporâneo.

Pode-se dizer que o objetivo desse novo paradigma seria o de estabelecer e romper com a ideia hegemônica e antiexcludente, pois veem e encaram os sujeitos como homogêneos e os discursos como globalizados. E, para isso, a Linguística não pode ser encarada como uma ciência fechada em si mesma; ao contrário, deve “beber de outras fontes” para assim, dar conta de maneira abrangente do que se propõe a pesquisar.

Para palear um passado doloroso dos afrodescendentes, aqui denominados quilombolas, o nosso país passa a criar medidas como a data que nos faz lembrar a resistência negra – Dia da Consciência Negra –, mas também reconhece que na história do país houve escravização dos descendentes desse segmento social, através de outras ações legais.

Afirma Silva (2010) que as terras quilombolas são um direito territorial dado às pessoas que são etnicamente descendentes de negros escravizados; por outro lado, torna-se uma reparação histórica com aquelas pessoas que sofreram com a escravidão. Com isso, o Brasil, segundo Sampaio (CEDEFES, 2008, p. 17) assume-se e, no assumir, rompe com o a ideia de ser um país homogêneo etnicamente, que assume um único credo e uma só língua, mas, ao contrário, vê-se como um país plural nas etnias, na cultura e na língua.

A Constituição da República Federativa do Brasil, no Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), estabelece que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Esse artigo é regulamentado pelo

Decreto n.º 4.887/2003, promulgado pelo presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, que rege o procedimento fundiário com as seguintes palavras do Art. 2º e § 2º “são terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural”.

Esse Artigo 2º, ainda, estabelece critérios para definir as comunidades que são beneficiadas:

Art. 2º - Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

De acordo com Silva (2010), cabe à Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura (Minc), o acompanhamento das comunidades certificadas. Segundo a Fundação Cultural Palmares, são 1193 comunidades quilombolas já reconhecidas no Brasil, cujas certidões foram emitidas e publicadas no Diário Oficial da União (DOU) pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Porém, se considerarmos que há comunidades certificadas, mas que, ainda, não foram publicadas as certificações, por meio do veículo federal, o número eleva-se para cerca 1.480 comunidades quilombolas reconhecidas.

Por outro lado, conforme Sampaio (*apud* CEDEFES 2008, p. 21), outros centros de pesquisa mantêm cadastrados, para fim de monitoramento, um número estimado em quase três mil comunidades e o movimento quilombola refere-se à existência de quatro a cinco mil comunidades no nosso país.

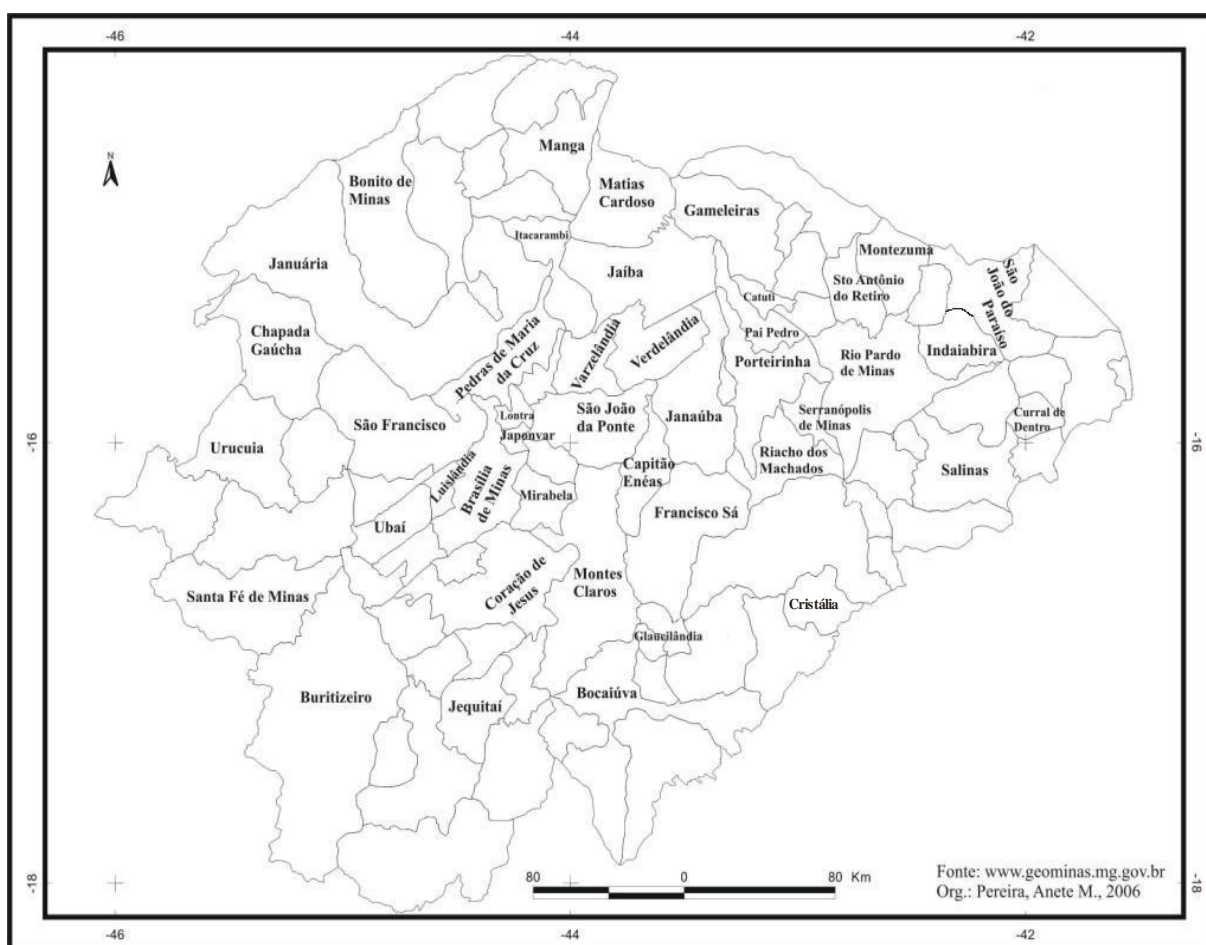
Diante de um número expressivo desse segmento social, concluímos, com base nos textos constitucionais, que as comunidades quilombolas deixam, nos dias atuais, de ser um lugar de resistência e passam a ser um lugar de resgate de sua cultura e de desenvolvimento do seu povo, possibilitando-lhes angariar tudo aquilo de que seus antepassados foram privados de possuir durante o período colonial.

Mesmo com lugar garantido em um espaço geográfico dentro do país, ainda assim, sofrem por não terem o que os demais cidadãos brasileiros têm por direito: educação, saúde, lazer, trabalho e demais benefícios que os fariam ficar na comunidade quilombola. Por conta disso, muitos saem à procura de melhor qualidade de vida em grandes centros, perdendo a identidade de quilombolas e se tornando homens e mulheres urbanos.

Acreditamos que os espaços quilombolas são meramente um lugar pacificador e não lugar onde se pode cultivar e resgatar a cultura, dada à falta de infraestrutura que tais pessoas etnicamente sociais encontram nesse lugar.

Em Minas Gerais, essas comunidades quilombolas somam um total de 439, sendo que, na Região Norte, concentra o maior número dessas comunidades, aproximadamente 153 comunidades presentes em 44 municípios, conforme Mapa 1 a seguir:

Mapa 1 – Municípios norte-mineiros que possuem comunidades quilombolas



Fonte: Mapa confeccionado por Anete Maria Pereira (adaptado).

### 1.1 Vozes do Sul *versus* convencionalismo linguístico

Neste trabalho, em que nos propomos a investigar o falar dos quilombolas do Norte Minas, queremos trazer à tona o que esses indivíduos, de uma etnia peculiar e singular instaurada em nosso país, desde o período de escravização, têm a nos evidenciar enquanto parte integrante das “Vozes do Sul”.

A fim de melhor compreender, podemos trazer o conceito que a sociologia talhou para o termo “preconceito”, entendido por Allport (1954) como “uma antipatia baseada em uma generalização infundada e inflexível”, ou ainda, “uma atitude hostil contra um indivíduo, simplesmente porque ele pertence a um grupo desvalorizado socialmente”.

A partir desse conceito e de acontecimentos cotidianos, constatamos que, em nossa sociedade, há muitos grupos socialmente desvalorizados, étnica e culturalmente. Existem tantos tipos de preconceito quantas pertenças a grupos minoritários na estrutura de poder (em nosso caso, os quilombolas).

Segundo Eagly e Diekman (2005), todo preconceito é fruto de uma contradição, que surge normalmente do antagonismo de crenças que dizem respeito a certas características tipicamente possuídas por membros de um grupo social – que tem a ilusão de ser o estereótipo – e as características a respeito dos atributos que facilitam a conquista do sucesso em papéis sociais de prestígio. Entretanto, aqueles que não possuem o mesmo privilégio estão na camada dos estigmatizados ou excluídos, pertencendo assim a classe não valorizada socialmente.

Só podemos mensurar e afirmar que existe preconceito na medida em que possuímos dois grupos com características contrastivas relevantes, um em relação ao outro. Um dos aspectos em oposição passa a ser amplamente depreciado em um ou mais âmbitos sociais, dificultando a inserção do indivíduo que o possui nos grupos em que tal aspecto é desvalorizado.

Entendemos que, por diversas razões, ainda há preconceito nos dias atuais, pois há uma certa intolerância no convívio social. Observamos que, quando se fala no convencionalismo linguístico, temos muito o que fazer para que o preconceito seja minimizado, assim como os demais tipos de preconceito. Esse nosso pensamento é fortalecido por Bagno:

parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que é apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. (BAGNO, 2007, p. 13)

A heterogeneidade da língua dá-se através da fala e isso faz com que surjam os preconceitos linguísticos por parte dos indivíduos que se sentem privilegiados em relação aos demais. Por estarem em uma situação cultural de destaque, por pertencerem a estratos de nível mais elevado, sentem-se em uma posição de destaque em relação àqueles que não dominam a norma culta da língua. Como afirma Rajagopalan (2004) “se acham os donos da língua”.



Porém, é de suma importância que seja entendido que existem antagonismos entre língua ideal *versus* língua falada e camadas de prestígio *versus* camadas estigmatizadas.

Nessa perspectiva, configura-se preconceito linguístico todo desejo de normatizar a fala por meio da norma tida como culta, aquela que é encontrada nas gramáticas, considerando o que não está presente nelas como um acidente ou um erro. Bagno adverte que essa visão pertence aos prescritivistas<sup>4</sup>:

outros termos empregados indistintamente pelos prescritivistas são: norma padrão, língua padrão, língua culta, padrão culto. Todos eles, porém, carecem de uma definição teórica rigorosa, sendo usados basicamente como um sinônimo geral de ‘bom português’, em contraste com tudo o que ‘não é português’. (BAGNO, 2007, p. 109)

É relevante lembrar que, assim como nosso país possui um vasto território nacional, de igual modo existem diferentes formas de se falar. Teyssier afirma que

[...] as divisões dialetais no Brasil são menos geográficas que socioculturais sócio-culturais. As diferenças nas maneiras de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto, que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. (TEYSSIER, 1997, p. 98)

Assim, a língua pode ser entendida como a soma das diferentes variedades de uma língua, seja de prestígio, seja estigmatizada. Essas variedades da língua podem ser consideradas de prestígio, quando estão associadas a um grupo social considerado “superior” a outro, e variedades estigmatizadas, quando são avaliadas preconceituosamente pela sociedade, por não estarem relacionadas a um grupo social de prestígio. O falante cuja variedade linguística é estigmatizada, geralmente, enquadra-se em esfera sociais “inferiores”: baixo nível de escolaridade, baixo poder aquisitivo, habitante de zona rural ou favela etc. Desse modo,

uma vez que a variação linguística pressupõe a valoração social, as variantes empregadas por falantes dos estratos mais baixos da população em grande parte são estigmatizadas. E o preconceito é tanto mais forte quanto maior for a identificação da forma com a classe discriminada. À proporção que passa a ser usada por outros grupos, o estigma vai diminuindo até deixar de existir completamente, se a variante é aceita pela classe dominante. (MONTEIRO, 2000, p. 65)

<sup>4</sup> Prescritivista é aquele que segue “a gramática denominada culta, normativa, prescritiva ou tradicional [...], concebida como um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas [...]. Franchi (1991) considera [a gramática prescritiva] um conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores. Podemos entendê-la também como um conjunto de normas que nos orientam no uso padrão-culto quando este nos for exigido.” (VALADARES, 2010, p. 36)

Essas maneiras de falar diferentes ocorrem em razão de a fala, geralmente, acontecer de maneira espontânea, livre, autônoma, para expressar emoções, ideias e propósitos, são orientadas pela visão de mundo, influências sociais, históricas e cultural a que o falante está exposto. A partir desse contexto de dinamicidade da língua falada, surge a variação linguística, que pode ser entendida como um conjunto de variáveis presentes em uma língua falada; assim, essa variação corresponde à heterogeneidade da língua falada.

Em suma, se gramáticos e não gramáticos sabem da heterogeneidade da LP, seria sensato que trabalhássemos para contemplar em nossa gramática o uso da língua e não uma língua para se colocar em uso, pois são poucos que possuem a chance de conhecer a língua culta e praticá-la. Principalmente, nas comunidades quilombolas rurais, onde os meios de transporte são precários e as escolas são distantes, dificultando ainda mais o acesso à cultura tida como privilegiada, em relação à cultura deles que, em sua grande maioria, são analfabetos.

Para Back (1973, p. 317), “a língua é falada para ser ouvida pelos outros. Aquilo que os falantes não ouvem, simplesmente, não existe em seu código linguístico, portanto não é elemento da língua e não interessa ao linguista, embora possa interessar a um foneticista, à Física Acústica”.

Empreendemos este trabalho junto às comunidades quilombolas pelo fato de percebermos exclusão desse segmento social nos meios urbanos – como diria Boaventura Santos (2001), “às margens da vida” –, mas também pelo contato que tivemos ao longo do nosso trabalho de conclusão de curso da graduação. Passamos a gostar desse povo de uma maneira diferente e esperamos com esta pesquisa contribuir para que a academia os conheçam a partir de sua fala. Urge fazer pesquisa que nos leve

a amar estas pessoas pelo que elas são, deixando de lado todos os rótulos discriminadores que tentam classificá-las em categorias supostamente inferiores às que eu e pessoas de minha extração social ocupamos, tem sido uma lição fundamental para toda a minha vida pessoal e profissional. (BAGNO 2007, p. 11)

No próximo capítulo, abordamos o arcabouço teórico desta pesquisa.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, demarcamos os pressupostos teóricos que sustentaram esta pesquisa sobre os casos de nasalidade no PB. Na subseção a seguir, discorremos sobre os ramos da Linguística que se ocupam da descrição e análise dos sistemas sonoros das línguas, a saber, Fonética e Fonologia, os estudiosos renomados na investigação do fenômeno da nasalidade (CAGLIARI, 1977; CÂMARA JR., 1984, 2013; BISOL, 2013; ABAURRE; PAGOTTO, 1996; SILVA, 2005) e a Linguística de *Corpus*, que também subsidia esta pesquisa.

### 2.1 Fonética e Fonologia

Em razão de nosso objeto de estudo representar um fenômeno caso fonético-fonológico do PB, já que trata uma das pronúncias possíveis de um segmento sonoro num dado item lexical, retomamos algumas questões da Fonética e da Fonologia a fim de distinguir esses dois ramos da ciência Linguística.

Silva (2005, p. 23) trata a Fonética como um ramo da Linguística que “apresenta métodos de descrição, classificação e transcrição dos sons da fala [...] utilizados na linguagem humana”, o que permite descrever os mecanismos e os fenômenos que estão envolvidos na produção do som. Dessa maneira, a Fonética ocupa-se da produção, propagação e percepção do som. Assim, as finalidades da Fonética são, segundo Silva (2005): a) identificar os órgãos que atuam na produção de um som; b) demonstrar o caminho percorrido pela corrente de ar na produção dos sons (até sua exteriorização); c) analisar a propagação dos sons no espaço; e d) pesquisar a percepção do ouvinte em relação ao som emitido pelo falante. Logo, segundo Jakobson (1962, p. 231), a Fonética trata dos sons da fala (substância do som), de um ponto de vista fisiológico, físico e psicoacústico. Para tratar dessas finalidades, a Fonética divide-se em áreas de interesse (SILVA, 2005, p. 23):

- **Fonética articulatória:** investiga a produção da fala, em seus aspectos fisiológicos e articulatórios. Os fones (sons da fala) são descritos com base em movimentos e estados dos órgãos envolvidos em sua produção e em mecanismos da corrente de ar;
- **Fonética auditiva:** investiga como as ondas sonoras da fala são percebidas pelo ouvido e cérebro do ouvinte (CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 2000, p. 106);

- **Fonética acústica:** investiga as propriedades físicas dos sons da fala a partir da transmissão do falante ao ouvinte – a propagação do som no espaço;
- **Fonética instrumental:** investiga as propriedades físicas dos sons da fala, através de instrumentos laboratoriais.

Além dos segmentos sonoros, a Fonética analisa as propriedades sonoras que vão além de um segmento: considera as propriedades que possuem valores relativos e são denominadas de aspectos suprasegmentais/prosódicos, tais como, ritmo, entoação, acentuação, duração, tom, intensidade, quantidade, timbre etc.

Por sua parte, a Fonologia é o ramo da Linguística trata do som da fala considerando a sua funcionalidade na língua, ou seja, os sons funcionais da língua. Isto significa que ela estuda as relações que os sons estabelecem entre si para demonstrar diferenças de significado. Segundo Jakobson (1962), a Fonologia trata dos sons da fala que distinguem significações (mais tecnicamente, e segundo alguns modelos teóricos, os fonemas), além de suas inter-relações e combinações. Analisa os princípios que governam a organização dos sons nas línguas naturais e tenta explicar suas variações, interpretando os resultados descritos pela Fonética, com base nos sistemas sonoros das línguas, pois cada língua possui um sistema sonoro distinto, que a diferencia de outra língua, e nos modelos teóricos linguísticos existentes. Assim, podemos entender que a Fonologia tem por finalidades, conforme Silva (2005):

- distinguir significados de itens lexicais através de distinção sonora;
- propor o sistema fonológico (vocálico, consonantal e semivocálico) de uma língua, com base em seus sons funcionais;
- descrever as combinações possíveis entre os fonemas da língua.

Observamos que a relação fone-fonema representa dois níveis de análise linguística: físico-articulatório (material) e psíquico (mental), respectivamente.

Dado que consideramos também, em nossa pesquisa, os F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas da fala das comunidades de Poções e Brejo dos Crioulos e os medimos através do *Praat*. Na subseção a seguir, detemo-nos na Fonética Acústica e Fonética Instrumental.

### 2.1.1 Fonética Acústica e Fonética Instrumental

A fala, um dos atributos que diferencia o homem dos demais animais, acontece de maneira espontânea, livre, autônoma, usada para expressar emoções, ideias e propósitos, é orientada pela visão de mundo, influências sociais, históricas e culturais a que o falante está exposto.

Além de ser um meio de comunicação entre os seres humanos, a fala traz consigo características próprias no ato de sua realização pelo indivíduo. Pois antes de ser o meio que estreita os laços entre os homens ela se concretiza em ondas sonoras que podem ser analisadas acusticamente, por meio da concentração de energia empregada para a produção de um dado som.

A Fonética Acústica trabalha com as propriedades físicas dos sons da fala, os aspectos acústicos. Por ser a fala uma atividade complexa, através de análises acústicas, considerando ainda, a parte articulatória, os elementos que a compõem podem ser analisados de maneira mais apurada através de instrumentos laboratoriais. Nesse caso, passamos à Fonética Instrumental uma vez que ela trata das propriedades acústicas da fala a partir de equipamentos.

O som pode ser mensurado na realização da fala e estudado em sua produção e propagação. Segundo Cagliari (1977, p. 18), “a fala ao sair pela boca e ou pelo nariz, se propaga através do ar em forma de ondas sonoras. Ao deixar o falante, os sons da fala podem ser analisados acusticamente como qualquer som transmitido pelo ar”. A partir da onda sonora e de sua compreensão, podemos estabelecer a diferença entre um som e um ruído: aquele é constituído por uma onda com vibração regular e este, com vibrações irregulares.

O som pode ser definido como a vibração de um corpo que gera ondas que se propagam na elasticidade do ar, ou seja, ele não se propaga no vazio. Cagliari (1977, p. 18) propõe que “os sons da fala têm uma estrutura acústica própria, apresentando características de fricção e zonas de ressonância e antirressonância típicas que representam os diferentes timbres dos sons”.

As propriedades acústicas do som são: amplitude, duração, frequência fundamental e o espectro da onda sonora. Para tal, analisamos espectrogramas, gráficos da forma de onda, formantes e frequência fundamental. A Figura 1 representa o comprimento e a amplitude de uma onda:

Figura 1 – Demonstração do período e da amplitude da onda sonora

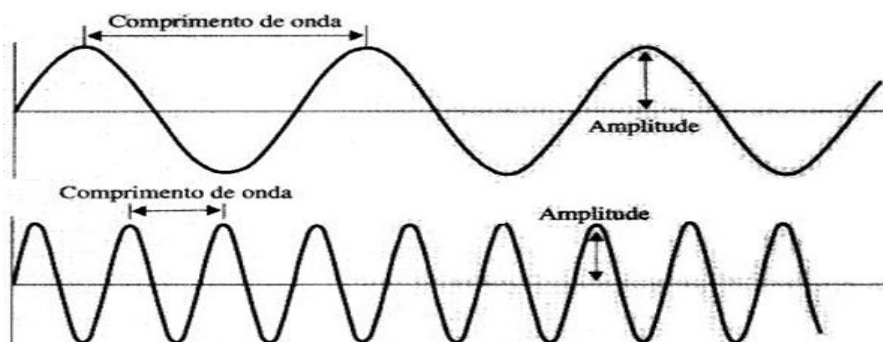


Imagem obtida no site: [http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/imagens/md\\_ef\\_ci/2009-03-10\\_22/image016.jpg](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/imagens/md_ef_ci/2009-03-10_22/image016.jpg)

Fonte: Disponível em: <[http://www.fonologia.org/acustica\\_osom\\_2.php](http://www.fonologia.org/acustica_osom_2.php)>.

A amplitude é entendida por Moraes Barbosa (1994, p. 31) como a “distância entre o ponto de repouso e o ponto extremo a que chega o corpo que vibra numa vibração”. Então a intensidade de um som depende da amplitude do movimento vibratório da fonte que o produz: quanto maior for a amplitude da onda, maior é a quantidade de energia gerada, e, portanto, maior a intensidade do som. A amplitude é mensurada, na Figura 1, por meio da linha horizontal, sempre partindo do ponto zero. Silva (2011, p. 57) afirma que a “unidade de medida é o decibel (dB). A amplitude está relacionada com a intensidade de um som”.

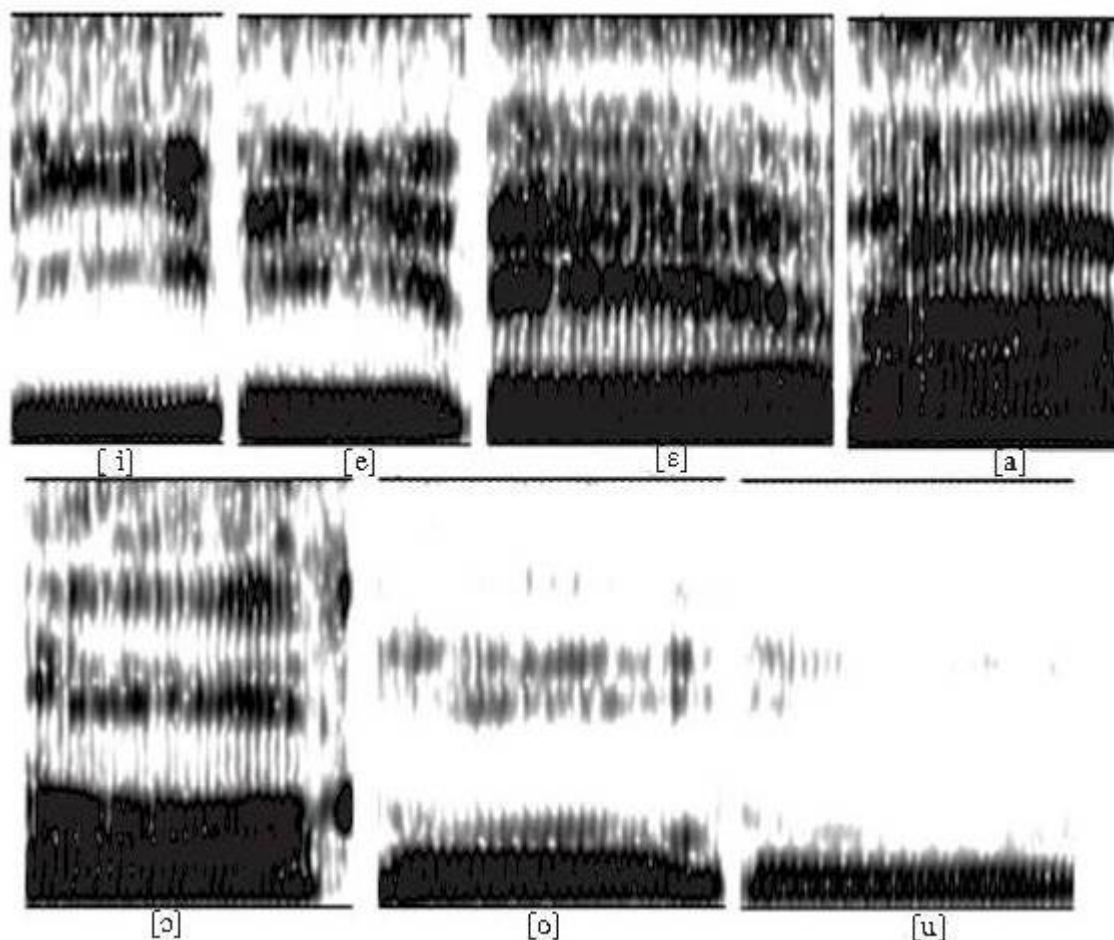
A intensidade, de acordo com Mateus *et al.* (2005 *apud* Santos, 2013, p. 26), é “a quantidade de energia transportada pela onda em função de uma área percorrida num determinado período de tempo”. Mede-se a intensidade em decibel (dB).

A frequência da vibração é a quantidade de ciclos realizados por segundo, isto é, quantas vezes acontecem a repetição do ciclo completo de uma onda. A frequência é medida em Hertz (Hz)<sup>5</sup>. Se dissermos que uma onda sonora possui 300 Hz, isto quer dizer que houve trezentos ciclos completos por segundo. A partir da onda de vibração é possível analisar a amplitude e a frequência, pois podem ser mensuráveis por esta onda de vibração.

Com a invenção de dispositivos que pudessem captar o sinal da fala por meio de gravações, o estudo das propriedades físicas dos sons da fala teve um grande avanço. O primeiro desses inventos foi o fonógrafo de Thomas Edison, no século XIX. Por meio desse instrumento de mensuração, começaram a analisar os sons da fala por meio de espectrogramas e dos seus formantes. Ilustramos a seguir espectrogramas das vogais orais da LP, de um locutor masculino.

<sup>5</sup> Hertz (Hz) é a “unidade de frequência no Sistema Internacional de Unidades (SI), equivalente à frequência de um fenômeno periódico cujo período tem a duração de um segundo” (DICIONÁRIO HOUAISS, eletrônico).

Figura 2 – Espectrogramas de vogais orais



Fonte: Marchal e Reis (2012, p. 167).

Os formantes permitem que um dado som seja ouvido e, daí, podemos conceituá-los como frequências que todo o trato vocal assume para propagar um determinado som, ou seja, é a ressonância do trato vocal.

Os formantes, conforme Silva (2011, p. 120), são identificados em um espectrograma (F1, F2, F3, F4 e F5) na posição horizontal, como barras escuras e/ou acinzentadas e identificam a vogal ou a consoante. No caso das vogais do PB, F1 trata da altura das vogais: o valor mais alto de F1 (150-850Hz), diz respeito à vogal mais baixa, enquanto o valor mais baixo identifica a vogal mais alta. F2 (500-2500Hz) identifica a anterioridade e posterioridade da vogal: o valor mais alto indica uma vogal anterior e o valor mais baixo, uma vogal posterior. O F3 “corresponde à área de ressonância acima das pregas vocais, os ventrículos laríngenos, as pregas ariepligóticas e vestibulares”. O F4 “relaciona-se à forma do tubo laríngeo” (ZEMPLIN, 2000 *apud* VALENÇA, 2014, p. 21). Por sua vez, F5 (F3+F4) “é dependente do cumprimento do trato vocal e da configuração na profundidade da laríngea”

(SUNDBERG, 1974). Contudo, salientamos que, nesta pesquisa, apenas F1 e F2 das vogais nos interessam, dados os objetivos desta pesquisa.

Souza (1994) realizou uma pesquisa contrastiva entre o PB e o PE e foram encontradas as seguintes médias dos F1 e F2 de vogais orais e vogais nasais na fala de locutores masculinos do PB:

Quadro 1 – Médias dos F1 e F2 (Hz) das vogais orais e nasais do PB – homens

<b>Médias de F1 e F2</b>			
<b>Homens do PB</b>			
<b>Vogais</b>		<b>F1</b>	<b>F2</b>
<b>Nasais</b>	[ĩ]	342Hz	2243Hz
	[ũ]	348Hz	833Hz
	[ẽ]	547Hz	1932Hz
	[õ]	483Hz	907Hz
	[ã]	574Hz	1296Hz
<b>Orais</b>	[i]	322Hz	2159Hz
	[u]	384Hz	865Hz
	[e]	486Hz	2008Hz
	[ɛ]	614Hz	1591Hz
	[o]	440Hz	832Hz
	[ɔ]	581Hz	998Hz
	[a]	726Hz	1369Hz

Fonte: Santos (2013) – adaptado.

Ainda nesse estudo, encontraram-se as médias dos F1 e F2 das vogais orais e nasais produzidas na fala de locutores femininos (QUADRO 2).



Quadro 2 – Médias dos formantes F1 e F2 (Hz) vogais orais e nasais do PB – mulheres

<b>Médias de F1 e F2</b>			
<b>Mulheres do PB</b>			
<b>Vogais</b>		<b>F1</b>	<b>F2</b>
<b>Nasais</b>	[ĩ]	394Hz	2623Hz
	[ũ]	376Hz	830Hz
	[ẽ]	578Hz	2292Hz
	[õ]	500Hz	910Hz
	[ã]	698Hz	1464Hz
<b>Orais</b>	[i]	415Hz	2536Hz
	[u]	412Hz	873Hz
	[e]	536Hz	2416Hz
	[ɛ]	642Hz	2243Hz
	[o]	497Hz	879Hz
	[ɔ]	622Hz	1033Hz
	[a]	824Hz	1553Hz

Fonte: Santos (2013) – adaptado.

Nos Quadros 1 e 2, Santos (2013) apresenta os valores das frequências dos F1 e F2 de locutores masculinos e femininos, respectivamente, em uma pesquisa que comparou o PB e o PE. Nota-se, na comparação entre as vogais orais e nasais, um abaixamento dos valores dos F1 e F2 nas vogais nasais. Lembramos que, para comparar os valores entre as vogais médias orais e nasais, a autora considerou os valores das médias altas em relação às médias nasais. Esse abaixamento de valores nas nasais detectado corrobora a nossa intuição de que o elemento nasal tem força a ponto de modificar os valores das vogais orais pela presença do elemento nasal seguindo a vogal (SANTOS, 2013). Na subseção seguinte, tratamos das vogais da LP, em razão do objeto aqui investigado.

### 2.1.2 Vogais da LP

Os sons das línguas naturais são articulados como vogais, consoantes e *glides*. As vogais são segmentos sonoros articulados, segundo Silva (2005, p. 26), sem interrupção da passagem da corrente de ar “na linha central [do trato bucal], portanto, não há obstrução ou fricção [do ar]”, possuem proeminência acentual na LP e são núcleo de sílaba. As consoantes são segmentos sonoros articulados “com algum tipo de obstrução nas cavidades supraglóticas de maneira que haja obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar podendo ou não haver fricção” (SILVA, 2005, p. 26) e são opcionais na estrutura de uma sílaba. Por sua vez, os *glides*, ou semivogais, são segmentos sonoros vocálicos assilábicos (não possuem proeminência acentual) que são opcionais na estrutura silábica, assim como as consoantes.

Em razão de nossa pesquisa tratar de segmentos vocálicos, neles nos ateremos. As vogais, para Jakobson, Fant e Halle (1952), entre outros, são fonemas e figuram como núcleo de sílaba na LP. Elas são classificadas conforme a) a altura da língua (baixa, média (baixa e alta) e alta, b) anterioridade e posterioridade da língua (anterior, central e posterior) e c) arredondamento ou não arredondamento dos lábios (arredondada e não arredondada). Além dessas propriedades, outros traços também são considerados, tais como: abaixamento ou não do véu palatino (nasal e oral), tensão (frouxa ou tensa), duração (longa, média e breve) e desvozeamento (vozeada e desvozeada).

Nas próximas subseções, tratamos dos tipos de vogais do PB: orais, nasais e nasalizadas, para situar nosso objeto de estudo no escopo das vogais.

#### 2.1.2.1 Vogais orais

As vogais orais são segmentos sonoros produzidos sem a corrente de ar sofrer nenhum tipo de obstrução na linha central do trato vocal, conforme já explicitado, e, no caso das vogais orais, elas são também produzidas com o véu palatino suspenso, de forma que a corrente de ar não atinja a cavidade nasal e saia exclusivamente pela cavidade bucal. Os estudiosos (por exemplo, Câmara Jr. (2013) e outros) propõem que o PB possui sete vogais orais em posição tônica, conforme Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 – Vogais orais do PB

	anterior		central		posterior	
	arred.	não arred.	arred.	não arred.	arred.	não arred.
Alta		[i]			[u]	
média-alta		[e]			[o]	
média-baixa		[ɛ]			[ɔ]	
baixa				[a]		

Fonte: Silva (2005).

Legenda:

arred. = arredondada

não arred. = não arredondada

O Quadro 3 apresenta as vogais orais que ocorrem em posição tônica no PB e sua classificação na língua, mas elas também ocorrem em posição átona (pretônica e postônica), com marcas de variação fonética.

A seguir, tratamos dos casos de vogais articuladas com o véu palatino abaixado. Mas, no PB, quando se trata dessas vogais, há que se distinguir os casos. Há os casos em que 1) a pronúncia com o véu palatino abaixado é uniforme na língua (por exemplo, ‘canto’ [ˈkãtu] e [ˈkatu] os casos em que 2) a pronúncia é variável na língua, ou seja, ocorre com o véu palatino abaixado ou levantado, dependendo do dialeto (por exemplo, ‘camarera’ [kãmaˈreɾɐ] e [kamaˈreɾɐ]). Tratamos, na próxima subseção, do primeiro caso.

### 2.1.2.2 Vogais nasais

As vogais são segmentos sonoros produzidos sem a corrente de ar sofrer nenhum tipo de obstrução na linha central do trato vocal, conforme já explicitado, e, no caso das vogais nasais, elas são também produzidas com o véu palatino abaixado, de forma que a corrente de ar saia pela cavidade bucal e uma parcela do ar escape pelas fossas nasais (SILVA, 2005). A pronúncia uniforme das vogais com o véu palatino abaixado representa os casos de vogais tipicamente nasais no PB. A esse fenômeno denominamos nasalização<sup>6</sup> (SILVA, 2005).

Quanto à tonicidade, as vogais nasais não têm um lugar específico para se realizar, ou uma sílaba que proporcione que ela seja nasal pois, conforme Silva (2005, p. 93), podem

<sup>6</sup> Há estudiosos que denominam esse fenômeno de nasalação/nasalização fonológica.

ocorrer em “final de palavra em posição tônica – como em ‘lã’ [ˈlã], “em posição postônica – como em ‘ímã’ [ˈĩmã]”, “em meio de palavra em posição tônica – como em ‘santu’ [ˈsãtu]” e “em posição pretônica – como em ‘cantora’ [kãˈtorə].

Além disso, a vogal nasal em PB ocorre obrigatoriamente em qualquer um de seus dialetos, logo não há pronúncia variável (articulação ora oral ora nasal) em seus ambientes de ocorrência. No Quadro 4, a seguir, apresentamos as cinco vogais nasais do PB que ocorrem em posição tônica, a partir da concepção de Silva (2005): [ã], [ẽ], [ĩ], [õ] e [ũ].

Quadro 4 – Vogais nasais do PB

	anterior		central		posterior	
	arred.	não arred.	arred.	não arred.	arred.	não arred.
Alta		[ĩ]			[ũ]	
média		[ẽ]			[õ]	
baixa				[ã]		

Fonte: Silva (2005).

Legenda:

arred. = arredondada

não arred. = não arredondada

A seguir, duas propostas para os fonemas vocálicos do PB.

#### 2.1.2.2.1 A proposta de Câmara Jr. (2013)

Na perspectiva de Câmara Jr., na LP, não existem fonemas vocálicos nasais como, por exemplo, no francês. O estudioso postula que, na LP, há vogais orais, em sílabas abertas, e vogais orais seguidas de um segmento nasal (V+N) – o arquifonema /N/ –, em sílabas travadas.

De acordo com ele, na produção das vogais nasais, o abaixamento do véu palatino na articulação da vogal é bem intenso e isso ocorre porque a vogal oral tem contato direto com um segmento nasal – arquifonema /N/ – no limite da sílaba em que a vogal ocorre (por exemplo, ‘tampa’ [ˈtãpə], ‘ponti’ [ˈpõ̃tʃɪ] e ‘cinto’ [ˈsĩtu]). Esse travamento silábico pelo arquifonema /N/ proposto justifica porque tal abaixamento do véu palatino é distintivo no PB, de forma que o levantamento do véu palatino gera itens lexicais com diferenças semânticas

(‘tampa’ [ˈtãpə] e ‘tapa’ [ˈtapə]; ‘ponte’ [ˈpõŋtɨ] e ‘pote’ [ˈpõtɨ]; e ‘cinto’ [ˈsĩtu] e ‘cito’ [ˈsɨtu]).

Muitas pesquisas e estudos adotam esta proposta do arquifonema /N/ para a representação das vogais nasais por não conseguirem caracterizar em termos fonológicos. Nessa perspectiva, a LP possui sete fonemas vocálicos.

Bisol (2013), por exemplo, assume a mesma linha de pensamento de Câmara Jr. (2013), ao afirmar que não existe no português uma vogal nasal totalmente pura, mas ao contrário o fenômeno se dá na presença de uma VN *versus* V, a vogal sendo seguida por uma consoante nasal, em que esta emite seu traço nasal para a vogal, por espraçamento.

#### 2.1.2.2.1 A proposta de Pontes (1972)

Contudo, nem todos os estudiosos adotam a proposta de Câmara Jr. (2013) para os fonemas vocálicos da LP e postulam um arquifonema /N/. Pontes (1972), Head (1964) e Back (1973), por exemplo, defendem que há oposição fonêmica em vogais orais e vogais nasais na LP em razão de haver na língua pares mínimos como ‘juta’ e ‘junta’ e ‘cito’ e ‘cinto’. Nessa perspectiva, vogais orais e vogais nasais são interpretadas como fonemas distintos. Ou seja, a proposta é que temos doze fonemas vocálicos na LP (7 fonemas orais e 5 fonemas nasais).

Segundo Pontes (1972, p. 20), essa interpretação é econômica, se comparada à proposta de Câmara Jr. (2013) haja vista que “não aumenta o número de padrões silábicos [...] e evita arbitrariedade na escolha da consoante nasal de travamento [...]”.

Na próxima subseção, consideramos o segundo caso de abaixamento do véu palatino, nosso objeto de estudo.

#### 2.1.2.3 Vogais nasalizadas

As vogais nasalizadas caracterizam casos em que uma vogal, tipicamente, oral é articulada, em alguns dialetos, com o véu palatino abaixado em razão de adquirir a nasalização do segmento sonoro nasal que a segue (por exemplo, ‘camareira’ [kãmaˈɾeĩɾə]). A esse fenômeno linguístico Silva (2005) denomina nasalidade<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Há estudiosos que denominam esse fenômeno de nasalação/nasalização fonética.

Na nasalidade, a vogal ganha o traço nasalizado (na perspectiva gerativista) através de um breve abaixamento do véu palatino durante a articulação da vogal, por estar próxima a um segmento sonoro nasal. A regra 1) descrita, a seguir, enquadra os casos em que uma vogal oral passa a nasalizada, quando em posição tônica, seguida de segmento sonoro nasal (por exemplo, ‘tomu’ [tõmu], ‘panu’ [pãnu] e ‘minha’ [mĩɲə]).

#### Regra 1

$$V \rightarrow [+nasal] / \text{_____} [+nasal] \\ [+acento]$$

Fonte: CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 92.

Segundo a perspectiva de Callou e Leite (1994), essa regra é aplicável em contextos; logo, caracteriza um caso de regra fonética.

Como há dialetos em que a nasalidade também ocorre em posição átona, a Regra 1 pode ser ajustada para dar conta desses casos (REGRA 2):

#### Regra 2

$$V \rightarrow [+nasal] / \text{_____} [+nasal]$$

Essa regra 2 descreve os casos em que uma vogal oral passa a nasalizada quando seguida de segmento sonoro nasal (por exemplo, ‘menino’ [mĩ'nĩnu], ‘minuto’ [mĩ'nutu] ou ‘sinalzinho’ [sĩnaw'zĩ]).

Segundo Moraes (2013, p. 96), a nasalidade das vogais dá-se pela presença de uma consoante nasal seguindo uma vogal, que favorece o abaixamento do véu palatino no ato de sua realização, pois, aquelas assumem o traço [+ nasal] da consoante nasal seguinte. As consoantes que favorecem tal fenômeno são: [m] – nasal bilabial vozeada –, [n] – nasal alveolar vozeada – e [ɲ] – nasal palatal vozeada. Abaurre e Pagotto (1996, p. 514) propõem uma possível hierarquização no que se refere ao lugar de articulação, para favorecer a nasalidade por meio da assimilação: as palatais estariam sobre as dentais e as dentais sobre as

labiais, conforme esquema: palatais > dentais > labiais. Na análise desta pesquisa, veremos se confirmamos ou refutamos essa proposta.

Nossa proposta de análise das vogais nasalizadas fundamenta-se no fato de essa pronúncia nasalizada, em alguns dialetos do PB, não se manifestar apenas mediante a presença de uma consoante nasal seguindo a vogal nasalizada na cadeia sonora de uma palavra, mas também, mediante a presença de um segmento vocálico nasal, como, por exemplo, em ‘ainda’ [ãĩdə].

Segundo Coelho e Nazário (2007, p. 6), o “processo de nasalidade marca variação dialetal, isto é, é um processo fonético, que não provoca mudança de significado”.

Mattos e Silva (1996, p. 69) postula que “a nasalidade da vogal [...] pode resultar da contiguidade da consoante nasal que inicia a sílaba seguinte, ou seja, heterossilábica, que não desapareceu do latim para o português”.

Em outras palavras, as vogais nasalizadas são aquelas produzidas com o abaixamento do véu palatino, assim como as vogais nasais, embora mais leve do que o abaixamento das vogais nasais; contudo, esse abaixamento do véu palatino é variável, isto é, marca variação dialetal, visto que há falantes que, nos ambientes em que essa vogal nasalizada ocorre, produzem vogais orais, por exemplo, ‘meninu’ [mẽ'nĩnu] ~ [me'ninu]. Nesses exemplos, a primeira transcrição retrata a fala em que há marca de nasalidade e a segunda não. Ou seja, enquanto o abaixamento do véu palatino é obrigatório na nasalização, esse mesmo abaixamento é opcional na nasalidade (depende do dialeto do falante), o que a torna um caso de variação no PB.

Esses casos de nasalidade, seguidos de consoante nasal ou vogal nasal, caracterizam o fenômeno fonológico denominado assimilação, segundo o qual um segmento sonoro pode se apropriar de uma dada propriedade fonética de outro segmento sonoro, tornando-os semelhantes em relação a este aspecto (CAGLIARI, 2002, p. 99). Segundo Cavaliere (2005, p. 59), a assimilação pode aproximar os sons envolvidos (assimilação parcial) ou igualá-los (assimilação total). Em sua perspectiva, a assimilação pode ser regressiva, caso em que o som modificado está em posição anterior ao som modificador, ou progressiva, caso em que o som modificado está em posição posterior ao som modificador.

Por fim, podemos detectar que a nasalização e a nasalidade não são fenômenos equivalentes: o resultante da nasalização é realizar a distinção entre itens lexicais, e a vogal deixa de ser oral em virtude da ocorrência do abaixamento do véu palatino e; o resultante da nasalidade é uma variação na pronúncia do item lexical, em razão da presença de um

segmento sonoro nasal adjacente à vogal nasalizada, do qual assimila o abaixamento do véu palatino.

A seguir, explicitamos a Linguística de *Corpus*, pois nela também nos ancoramos para a análise aqui proposta.

## 2.2 Linguística de *Corpus*: uma abordagem para estudos com *corpora*

A Linguística de *Corpus*, doravante LC, surge por volta dos anos 1964, por ocasião da criação do *corpus* Brown. Este *corpus*, segundo Novodvorski e Finatto (2014, p. 7), é “um ponto de referência inevitável em qualquer retrospectiva sobre a LC em nível mundial”.

É um campo da ciência que estuda a linguagem e tem como objeto a obtenção e exploração de *corpora*. Segundo Berber Sardinha (2000, p. 325), diz respeito à “coleta e exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados de maneira sistemática com o objetivo de servir para pesquisa em uma língua ou estudo da variedade linguística”. A partir de evidências empíricas, extraídas através de computador, uma parcela significativa da linguagem verbal é possível ser tratada, para posterior exploração.

Salienta-se que a existência dos *corpora* não depende exclusivamente do computador, dado que já

havia *corpora* antes do computador, já que o sentido original da palavra ‘*corpus*’ é ‘corpo’, ‘conjunto de documentos’ (conforme o dicionário Aurélio). Na Grécia Antiga, Alexandre, o Grande definiu o Corpus Helenístico. Na Antiguidade e na Idade Média, produziam-se *corpora* de citações da Bíblia. de estudo a linguagem verbal humana e as línguas naturais de uma determinada comunidade, “[...] ocupando-se”, como afirma Borba, (2005, p. 75), “da linguagem humana e das línguas naturais, para cumprir seu objetivo básico que é determinar a natureza da linguagem e a estrutura e funcionamento das línguas [...]”. Ou seja, a Linguística interessa-se pela linguagem verbal oral ou escrita. (BERBER SARDINHA, 2000, p. 325)

A LC, então, está voltada para a compilação de textos para que os pesquisadores da área da linguagem possam elucidar os aspectos da língua, bem como favorecer a descrição e a explicação de elementos linguísticos, sejam eles de ordem lexical, sejam de ordem gramatical (fonológico, morfológico, sintático e semântico).

Em outras palavras, o campo da LC não está centrado apenas na coleta de *corpora*, como é mencionada no senso comum; ao contrário, a LC busca de forma rigorosa, a partir



de critérios estabelecidos internacionalmente, o que pode e quanto pode traduzir uma amostra de uma dada língua utilizada pelo falante.

É de se notar que com o advento das novas tecnologias, criou-se uma revolução no estudo das línguas e na LC, pois passaram a fazer uso do computador, o que possibilitou alargar os estudos dos aspectos linguísticos de forma sistematizada saindo do paradigma idealizado. O conhecimento da LC faz-se necessário, mesmo sendo para uns apenas uma metodologia e para outros, uma teoria em ascensão.

A LC, segundo Novodvorski e Finatto (2014), não se inscreve em nenhuma filiação teórica, pois seu trabalho consiste em permitir que os que a ela se achegam possam usufruir dos seus métodos instrumentais e metodológicos e alertam que a “LC também é um modo de compreender a língua, que temos nosso modo de defini-la como objeto de estudo: a língua é um sistema probabilístico de combinatórias [...]” (*Idem*, p. 8).

Então, a LC proporciona grandes vantagens já que torna *corpora* não eletrônico em eletrônico. Com isso, é possível

o acesso público a dados linguísticos altamente sistematizados e computadorizados, assim como às ferramentas computacionais e estatísticas disponíveis para o seu tratamento, tornam hipóteses sobre a língua passíveis de testagem efetiva e redefinição, com altos níveis de representatividade e confiabilidade. (MELLO, 2012, p. 32)

Nos dias atuais, a LC utiliza-se do computador para extrair e tratar o *corpus* ou os *corpora* (coletâneas de textos, escritos ou transcrições de fala que são armazenados na memória do computador).

Dentro dos seus métodos, a LC centraliza-se, objetivamente, na coleta e exploração dos *corpora* sejam eles escritos, sejam orais. Os *corpora* escritos sempre foram produzidos em maior quantidade, dada a facilidade em obter os mesmos no domínio público, diferentemente dos *corpora* orais que necessitam dos tramites éticos para se efetuar a gravação e posterior transcrição para que a pesquisa seja alavancada.

Os *corpora* orais estão em crescente nos estudos linguísticos e para além destes. Sua ascensão tem sido ampliada rapidamente, o que tem proporcionado estudos no campo da linguagem e nos estudos da fala.

Mello (2012) salienta que os bancos da fala são mais conhecidos do que os *corpora* da língua falada. E os distingue quando afirma:

[...] no primeiro, normalmente se fazem gravações estilizadas, baseadas em roteiros e efetuadas em cabines acústicas, com fins a estudos estritamente de cunho acústico e de aplicabilidade para a indústria da tecnologia da fala. Os corpora da língua falada, por outro lado, são normalmente baseados em desenhos específicos, para capturar a fala espontânea em suas várias modalidades. (MELLO, 2012, p. 34)

A máxima veiculada no seio da LC de que “um *corpus* vale de acordo com o seu objetivo”, significa dizer que não é sua extensão que favorecerá um estudo apurado da língua, mas sim o que o *corpus* oferece para comprovar os questionamentos surgidos antes de sua construção.

Assim, Novodvorski e Finatto (2014, p. 9) corroboram:

todo *corpus* sempre traz questões novas ou questões que não se imaginava encontrar, ainda que, – de acordo com o próprio Fillmore (1992) – nenhum *corpus* nos dê resposta para tudo. De tal modo, tanto as observações como os experimentos e hipóteses formuladas no âmbito de toda investigação nos conduzem a uma revisão à luz das comprovações e dos resultados.

O *corpus* sustenta uma sistematização dos dados que, por outro lado, possibilita uma apuração acurada. Os dados por si só podem dizer o que o pesquisador estima ou o contrário, uma vez que os dados falam por si mesmo. Isso pode indicar uma teoria ou refutá-la no tratamento de tal *corpus*.

Para Novodvorski e Finatto (2014, p. 9), “a sistematização de dados e de observações chega a ser crucial. Talvez ainda mais importante do que a simples aplicação e contraste de teorias”. Os dados podem sugerir tantos outros problemas quanto àqueles levantados pelo pesquisador. A “[...] descoberta e identificação de padrões a partir da observação são, para Hanson (1958), os problemas fundamentais [...]” (*Idem*, 2014, p. 9). A LC apresenta-se como uma nova possibilidade dentro da Linguística, para lidar com o seu objeto de estudo; contudo, é fundamental a observação empírica dos fatos linguísticos.

A LC possui métodos que garantem e sustentam os estudos na ciência da linguagem e seus ramos, possibilita o estudo de evidências empíricas e a aplicação de mais de um meio para o estudo de um determinado fenômeno linguístico.

Desse modo, pode-se garantir resultados com mais clareza e precisão, pontos fundamentais no conhecimento científico possibilitando seu pleno desenvolvimento a partir de resultados coletados e elucidados pelas ferramentas computacionais.

Após essa contextualização teórica, no próximo capítulo, abordamos a nossa metodologia de pesquisa, por meio da qual conduzimos nossa investigação sobre a ocorrência

de vogais nasalizadas no dialeto quilombola de Brejo dos Crioulos e Poções, ambas comunidades norte-mineiras.

### 3 METODOLOGIA

Este capítulo trata do *corpus* de estudo e dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa. Inicialmente, caracterizamos as comunidades quilombolas onde fizemos as gravações das falas de seus moradores que, posteriormente, constituíram o *corpus*. Em seguida, apresentamos os passos que foram dados para o tratamento do *corpus*, de maneira detalhada, a fim de elucidarem o fenômeno estudado.

Os passos foram dados: contato com os presidentes das comunidades quilombolas escolhidas: submissão dos projetos iniciais ao comitê de ética da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes); gravações de áudio com os membros das comunidades quilombolas; transcrição das gravações segundo o projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC); etiquetagem do *corpus* de análise considerando o fenômeno linguístico pesquisado – vogais nasalizadas – e as vogais nasais e orais, dados os objetivos contrastivos desta pesquisa; uso da ferramenta *Concord* do *Wordsmith Tools*, com o objetivo de quantificar as ocorrências das vogais; uso do *software Praat* com o propósito de qualificar os formantes das vogais; transcrição fonética de itens lexicais e sons na representação de dados, através do Alfabeto Fonético Internacional (IPA)<sup>8</sup>; descrição, análise quantitativa e análise qualitativa dos dados obtidos por meio do alinhamento dos elementos com apresentaram a mesma etiquetagem; descrição, análise quantitativa e análise qualitativa dos dados obtidos por meio do alinhamento dos elementos com apresentaram etiquetagem diferentes; descrição e análise contrastiva dos dados do Grupo de Brejo dos Crioulos (GB) e do Grupo de Poções (GP). Na próxima seção, tratamos da caracterização das comunidades escolhidas.

#### 3.1 Caracterização das comunidades quilombolas

Nossa pesquisa foi realizada com base em dados extraídos da fala espontânea de moradores de duas comunidades quilombolas do Norte de Minas. Este estudo permite-nos compreender o que de fato é uma comunidade quilombola, além de introduzi-la no panorama nacional brasileiro e situá-la como comunidade de fala da LP.

As terras reconhecidas e demarcadas como quilombolas são um direito territorial dado às pessoas que são etnicamente diferenciadas; por outro lado, torna-se uma reparação histórica

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.sil.org>>. Acesso em: 30 maio 2015.

com aquelas pessoas que sofreram com a escravidão. Com isso, o Brasil, segundo Sampaio (*apud* CEDEFES, 2008, p. 17), assume-se e no assumir rompe com o a ideia de ser um país homogêneo etnicamente, que assume um único credo e uma só língua, mas, ao contrário, se vê como um país plural nas etnias e na cultura.

### **3.1.1 – Comunidade quilombola de Brejo dos Crioulos – São João da Ponte/MG**

Situada entre os municípios de São João da Ponte e Varzelândia, a comunidade quilombola Brejo dos Crioulos é o segundo maior aglomerado quilombola do Norte de Minas, sendo constituído, conforme o CEDEFES, por cerca de 3.000 famílias, ocupando aproximadamente 460 moradias.

No período da escravidão, os negros buscavam refúgio próximo de lugares brejeiros, pela facilidade de proliferação de doenças tropicais que eram de grande perigo para o branco que perseguiram e prendiam os negros. Assim aconteceu com os primeiros ocupantes deste território, pois se buscou firmarem junto à Lagoa da Peroba, lugar de brejo que proliferava a maleita, que atingia fatalmente os brancos e índios. Com isso, puderam seguir na resistência, fugindo do povo branco que os escravizavam. Este lugar passou a ser referência para muitos negros fugidos do sistema vigente.

Com a chegada da estrada de ferro, na década de 1940, o transmissor da maleita foi combatido, dando espaço para que os fazendeiros ocupassem as terras dos negros que por décadas ocupavam aquelas terras. Surgiram os primeiros conflitos entre quem invadia as terras e quem queria proteger seu lugar de moradia.

Também, na década de 1960, novos conflitos entre fazendeiros e os negros voltaram a acontecer por conta da expansão agrícola no Norte de Minas. Como é relatado por CEDEFES e Costa (1999), “[...] uma nova leva de fazendeiros vem ocupar a região, utilizando até mesmo meios violentos como jagunços armados, venda forçada, grilagem de terras ou ocupação direta das terras [...]”<sup>9</sup>, que até então eram dos quilombolas, lugar de sustentação da cultura, religiosidade e demais aspectos dos seus ancestrais.

O território quilombola de Brejo dos Crioulos é constituído por pequenos fragmentos territoriais: Araruba, Araquém, Cabaceiros, Conrado, Caxambu, Serra D’Água e Furado Seco.

---

<sup>9</sup>Disponível em: <[http://www.cedefes.org.br/index.php?p=projetos\\_detalhe&id\\_pro=156](http://www.cedefes.org.br/index.php?p=projetos_detalhe&id_pro=156)>. Acesso em: 19 set. 2015.

Os moradores deste espaço geográfico foram sempre expostos a muitas lutas e perseguições por parte daqueles que almejavam tomar suas terras, por isso muitos negros fugiam para as matas para resguardar a vida, sem com isso poder proteger seu pedaço de terra e que até os dias atuais ainda é motivo de cobiça por parte de fazendeiros.

Para o CEDEFES, a comunidade quilombola de Brejo dos Crioulos conta com uma infraestrutura precária, contando apenas com energia elétrica, um posto telefônico instalado em um dos povoados que constitui a comunidade – Araruba. Também não há tratamento de água nem esgoto para dar um destino aos dejetos humanos. A mesma localidade possui uma escola que oferece educação até a 4ª série da educação básica. As famílias, para se sustentarem, cultivam a terra, criam pequenos animais (galinhas e porcos) e prestam serviços para outras pessoas e fazendeiros da região.

No que tange à cultura, os negros de Brejo dos Crioulos cultivam até os dias atuais a alegria, manifestada por meio de danças e toques de caixa, chamado de batuque, a grande manifestação cultural desse povo do médio Arapuim.

### **3.1.2 – Comunidade quilombola de Poções – Francisco Sá/MG**

Situada no município de Francisco Sá, que dista 487 km da capital deste estado, a comunidade quilombola de Poções recebeu a certificação que atesta ser um território de quilombola em 7 de junho de 2006. Encontra-se localizada a 34 km do centro urbano do município rumo ao distrito de Cana Brava e, depois, toma-se a direção para Poções. A comunidade é constituída de negros vindos da cidade de Itabuna e Jequié, no Estado da Bahia, e por brancos que moravam na Fazenda Brejo Luís, do distrito de Santo Antônio do Gurutuba, região diamantífera do município de Grão Mogol conforme Gonçalves (2007, p. 45-63). Seu espaço territorial é composto por pequenos grupos locais: Poções de Cima, Poções de Baixo, Poço de João de Deus, Angical, Salinas, Pocinho, Vargem Dourada, Arroz, Por Dentro, Santo André e Brejo Luiz teve início a partir da chegada da família do Negro Lucas.

A comunidade hoje em dia goza de alguns benefícios vindos por ocasião da certificação como território quilombola: energia elétrica, casas de alvenaria, caixas para captação de águas da chuva, posto telefônico, posto médico com dois atendimentos mensais e uma escola tipicamente quilombola.

Os moradores sobrevivem do cultivo da terra, da criação de animais e prestação de serviços para os fazendeiros que fazem limite com o território quilombola. Em sua grande

maioria, os jovens, ao atingir a maioridade, partem para os grandes centros em busca de novas perspectivas de trabalho, uma vez que no seu espaço a oferta de emprego é muito escassa.

### 3.2 Procedimentos metodológicos

Para aplicarmos as teorias científicas adotadas para análise do fenômeno em estudo, as vogais em casos de nasalidade, foi preciso realizar gravações das falas dos membros das comunidades acima supracitadas. Em seguida, fizemos a transcrição de todas as gravações e, por fim, fizemos a análise das vogais dos itens lexicais embasados em suportes teóricos, para assim, poder cunhar as considerações finais sobre o fenômeno pesquisado.

Então, nesta subseção, esboçamos toda a metodologia utilizada: desde os primeiros contatos com os membros das comunidades quilombolas, cuidados éticos frente ao um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), passando pelo processo de gravação, seleção do *corpus*. Como lidamos com fala, apresentamos, ainda, a transcrição fonética nas situações de exemplificação, ao longo do trabalho.

Sendo assim, elencamos os procedimentos metodológicos que se aplicaram desde o primeiro contato com os quilombolas até o tratamento dado ao *corpus*:

- a) contato com os presidentes das comunidades quilombolas escolhidas;
- b) submissão dos projetos iniciais ao CEP da Unimontes;
- c) gravações de áudio com os membros das comunidades quilombolas;
- d) transcrição das gravações segundo o projeto NURC;
- e) etiquetagem do *corpus* de análise;
- f) uso da ferramenta *Concord* do *Wordsmith Tools*, com o objetivo de quantificar as ocorrências de vogais;
- g) uso do *software Praat* com o propósito de qualificar os formantes das vogais;
- h) transcrição fonética de itens lexicais e sons na representação de dados, através do IPA;
- i) descrição, análise quantitativa e análise qualitativa dos dados obtidos através do alinhamento dos elementos com apresentaram a mesma etiquetagem;
- j) descrição, análise quantitativa e análise qualitativa dos dados obtidos através do alinhamento dos elementos com apresentaram etiquetagem diferentes;
- k) descrição e análise contrastiva dos dados do GB e do GP.

### 3.3 Constituição do *corpus* de estudo

O *corpus* desta pesquisa é constituído de *corpora* de duas outras pesquisas que buscaram descrever o PB falado pelos membros de comunidades quilombolas do Norte de Minas: i) *corpus* de um trabalho de conclusão de curso intitulado “A nasalidade no dialeto quilombola de Poções (MG)”<sup>10</sup> da autoria deste pesquisador, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Liliane Pereira Barbosa; e ii) e *corpus* das pesquisas realizadas pelo projeto “Origem e desenvolvimento da Língua Portuguesa no Norte de Minas”<sup>11</sup>, coordenado pela professora Maria do Socorro Vieira Coelho, juntamente com as pesquisadoras professoras Liliane Pereira Barbosa, Ros’elles Magalhães Felício e Sandra Ramos de Oliveira. O *corpus* da pesquisa realizada em Brejo dos Crioulos foi cedido, gentilmente, pela professora Liliane Pereira Barbosa e firmamos o termo de cessão de *corpus*.

Para chegarmos à constituição do nosso *corpus* de análise, fizemos e percorremos todos os trâmites que uma pesquisa com seres humanos adota. Para isso, contatamos os membros das comunidades escolhidas, para que nos fossem dadas as autorizações e fizessem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação em pesquisa, que foi assinado pelo representante legal daquelas comunidades.

Em seguida, submetemos o projeto ao CEP da Unimontes. Assim, pudemos adentrar o território e seus domicílios para a realização das entrevistas e gravações de membros daquelas comunidades em uso da fala espontânea. Em cada pesquisa, as entrevistas tiveram como temas: vida da pessoa, história da comunidade, legalização da comunidade quilombola, músicas populares, crendices, receitas de comidas típicas, artesanato, o cultivo da lavoura, causos, religião (cristianismo, macumba, protestantismo), entre outros.

Realizamos a seleção de informantes nascidos e criados naquelas comunidades e que nunca tinham residido fora do território quilombola de origem. Foram 12 informantes (de cada comunidade escolhida) divididos em faixa etária: 4 jovens (2 masculinos e 2 femininos) com idades entre 12 e 30 anos, 4 adultos/medianos com idades entre 31 e 50 anos (2 masculinos e 2 femininos) e mais 4 idosos com idades a partir de 50 anos (2 masculinos e 2 femininos). Em seguida, realizamos as entrevistas.

Neste estudo, visamos preservar a identidade das pessoas que participaram das gravações, visto que assim como nos primeiros trabalhos, em que não houve interesse em lhes

---

<sup>10</sup> O projeto foi submetido ao CEP da Unimontes, cujo número do processo do parecer consubstanciado é 1765.

<sup>11</sup> O projeto foi submetido ao CEP da Unimontes, cujo número do processo do parecer consubstanciado é 198.



acarretar desconfortos e riscos, neste também adotamos os mesmos critérios éticos para evitar possíveis constrangimentos por parte dos informantes. A fim de evitar sua exposição, cada informante foi codificado da seguinte maneira:

- a primeira e segunda letras correspondem ao grupo em que o indivíduo reside (GB = Grupo Brejo dos Crioulos; GP = Grupo Poções);
- a letra posterior, ou seja, a terceira, diz respeito ao gênero ( M = Masculino; F = Feminino);
- o número caracteriza em que faixa etária o indivíduo se encontra (1 = idade entre 12 e 30 anos, 2 = idade entre 31 e 50 anos e 3 = idade superior a 50 anos);
- a última letra diz respeito à diferenciação dos indivíduos.

Por meio deste recurso, entendemos que os dados pessoais dos indivíduos foram preservados e resguardados. Sendo assim, dispomos a codificação dos informantes desta pesquisa no que se refere à comunidade quilombola de Brejo dos Crioulos no Quadros 5 a seguir:

Quadro 5 – Perfil social dos informantes de Brejo dos Crioulos

n.º	código	gênero	idade	escolaridade	origem
1	GBF1A	F	29	EF	Varz.
2	GBF3B	F	53	EF	Varz.
3	GBF2C	F	33	EF	S. J. Ponte
4	GBF1D	F	21	EM	Varz.
5	GBF2E	F	32	EF	Varz.
6	GBF3F	F	59	EF	Varz.
7	GBM3G	M	63	EF	Varz.
8	GBM1H	M	24	N/E	S. J. Ponte
9	GBM2I	M	37	EF	Varz.
10	GBM3J	M	67	EF	Varz.
11	GBM1K	M	19	EF	S. J. Ponte
12	GBM2L	M	37	N/E	S. J. Ponte

Legenda:

A-L	Informantes
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
S. J. Ponte	São João da Ponte
Varz.	Varzelândia

A codificação dos informantes da comunidade de Poções está descrita no Quadro 6:

Quadro 6 – Perfil social dos informantes de Poções

n.º	código	gênero	idade	escolaridade	origem
1	GPF2A	F	29	EF	Fco. Sá
2	GPF1B	F	27	EM	Fco. Sá
3	GPF3C	F	63	EF	Fco. Sá
4	GPF3D	F	67	EF	Fco. Sá
5	GPF2E	F	40	EF	Fco. Sá
6	GPF1F	F	20	EM	Fco. Sá
7	GPM1G	M	21	EM	Fco. Sá
8	GPM3H	M	43	EF	Fco. Sá
9	GPM1I	M	19	EF	Fco. Sá
10	GPM1J	M	45	EM	Fco. Sá
11	GPM3K	M	57	EF	Fco. Sá
12	GPM2L	M	25	EF	Fco. Sá

Fonte: O autor.

Legenda:

A-L Informantes  
 EF Ensino Fundamental  
 EM Ensino Médio  
 Fco. Sá Francisco Sá

As gravações obtidas através das entrevistas com os informantes passaram por tratamento a fim de que a pesquisa pudesse se concretizar.

### 3.3.1 Projeto NURC

De posse do áudio, realizamos as transcrições segundo o projeto NURC, que nos permite tornar a língua falada em um objeto científico. Técnicas próprias são adotadas para esta transcrição, pois, assim afirma Castilho (2013, p. 226), “a cada pergunta sobre os materiais orais corresponderá um tipo de transcrição. Perguntas sobre como se desenrola uma conversação requerem uma transcrição conversacional para a obtenção das respostas”. Somente por meio da transcrição, torna-se viável a realização da análise.

Os critérios adotados por esse método de transcrição conversacional apresentam uma tipografia apropriada, isto é, por meio de sinais e adaptação da ortografia, busca-se aproximar ao máximo a escrita da fala (QUADRO 7). Adotamos na presente pesquisa a nomenclatura proposta por Castilho e Preti (1987, p. 9-10), apresentada a seguir. Os exemplos utilizados para a ilustração dos códigos de transcrição foram extraídos do nosso próprio *corpus* de estudo.

Quadro 7 – Modelo de transcrição pelo projeto NURC

( )	incompreensão de palavras ou segmentos;	<i>cantei até um cantu... qui eu cantei qui fala assim ó... a hora lá deu vontadi di cantá... fala assim...( )</i> (GPF2E)
(hipótese)	para hipótese do que se ouviu	<i>u trabalho da Asia Minas qui é u... u... (P um... P) um mais dois... (GPM3K)</i>
/	para truncamento	<i>meus fii tudu piquenu meu maridu farta das vista cumé/ qui a pessoa</i> (GPF3D)
Maiúsculas	entoação enfática	<i>pegu cum Deus pa Deus abençoá NÉ?</i> (GPF3D)
:: ou :::	para o alongamento de vogal ou das consoantes [r], [s]	<i>qui dji mãos dadas é qui nós consegui é::</i> (GPM3K)
- -	para silabação	<i>que é im-por-tan-tji?... (GPM3K)</i>
?	para interrogação	<i>purque purque impreta tudu a genti fica até cum vergonha quandu chega uma pessoa di fora... num fica meu fii?</i> (GPF3D)
...	para qualquer pausa	<i>um tantu dji gentji mermu conversava aí pra fundá a comunidadji... que num tjinha ela aqui naum... (GPM3K)</i>
((minúsculas))	para comentários descritivos	<i>durmia sastifeitu cum barriguinha cheia só qui... ((risos)) comu dize a situaçaum era essa né que u que... (GPM3K)</i>
--	para comentários do locutor que quebram a sequência temática	<i>galinha eu crio... _ _cria galinha... galinha... i agora eu tô crianu dois cachorru... mais só qui num tá qui naum... tá ni ota casa lá na fazenda... (GPF2A)</i>
[	para superposição, simultaneidade de vozes (ligando linhas)	<i>ingualmente... é... é... Fulana tá danu hoji... Fula é nova claru... fulana tem quantus anu [ Vinti</i> (GPF2A)
“ ”	para citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos	<i>purque na Bíblia está iscritu “qui salteadores... é:: ladraum... feticeru... é... quem ainda num acredita que eu existi... num entra nu céu...”</i> (GPF2A)

Fonte: O autor.

### 3.3.2 O IPA – transcrição dos itens lexicais

A partir disso, selecionamos os itens lexicais em que se esperaria a ocorrência do fenômeno da nasalidade e nasalização, para uma análise mais específica dos casos. O procedimento para seleção desses itens se serviu da utilização de ferramentas específicas da Linguística de *Corpus*, a saber, a ferramenta *Concord* do programa *WordSmith Tools*, versão 6.0 (SCOTT, 2012). Por meio das linhas de concordância geradas nessa ferramenta, a partir da busca pelo critério \*M, \*N e \*NH, que correspondem aos sinais ortográficos utilizados na transcrição do *corpus* oral e que poderiam registrar a ocorrência de nasalidade, levantamos a lista de ocorrências.

Os itens lexicais identificados pela ferramenta *Concord* que representaram casos de nasalidade/nasalização foram transcritos foneticamente, quando necessário na representação de casos, de acordo com o IPA, ferramenta de transcrição de sons da fala.

A transcrição fonética é feita entre colchetes [ ] e, para cada som produzido por um falante, existe um dado símbolo tanto para consoantes como vogais, para o representar. Há outros tipos de alfabeto para transcrição da fala, contudo decidimo-nos pelo IPA. Dispomos a seguir o Figura 3, que apresenta os símbolos do IPA:

Figura 3 – Quadro fonético sonoro

## QUADRO FONÉTICO SONORO

Baseado no Quadro Fonético Internacional (IPA-2005)

### • CONSOANTES\* (mecanismo de corrente de ar pulmonar)

	Bilabial	Labio-dental	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Retrofl.	Palatal	Velar	Uvular	Faringal	Epi-glotal	Glotal
Oclusiva	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ	ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ			
Africada				tʃ dʒ								
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	ħ ʕ	h ɦ
Fricativa lateral				ɬ ɮ								
Vibrante	ʙ			r					ʀ			
Tepe (ou flepe)				ɾ		ɽ						
Flepe lateral				ɻ								
Aproximante		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ				
Aprox. lateral				ɭ		ɮ	ʎ	ʟ				

\* Em relação aos símbolos que aparecem em pares, o símbolo da direita representa uma consoante vozeada.

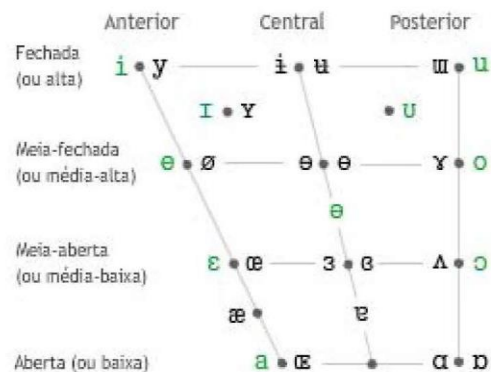
\* As áreas em cinza denotam articulações que considera-se serem impossíveis.

### • CONSOANTES

(mecanismo de corrente de ar não-pulmonar)

Cliques	Implosivas vozeadas	Ejectives
ʘ Bilabial	ɓ Bilabial	ʼ Exemplos:
ǀ Dental	ɗ Dental/Alveolar	pʼ Bilabial
ǃ Pós-alveolar	ɟ Palatal	tʼ Dental/Alveolar
ǂ Palato-alveolar	ɡ Velar	kʼ Velar
ǁ Lateral-alveolar	ɠ Uvular	sʼ Fricativa alveolar

### • VOGAIS\*\*



Obs.: os fones em verde ocorrem no Português brasileiro.

\*\* Em relação aos símbolos que aparecem em pares, o símbolo da direita representa uma vogal arredondada.

Fonte: Disponível em: <[http://www.fonologia.org/quadro\\_fonetico.php](http://www.fonologia.org/quadro_fonetico.php)>.

A partir destes símbolos, é possível realizar a transcrição da fala, conforme a seguir: a palavra ‘igual’, por exemplo, pode ser pronunciada como [i'g<sup>w</sup>aw], [i'g<sup>w</sup>aw] ou [i'g<sup>w</sup>aɫ].

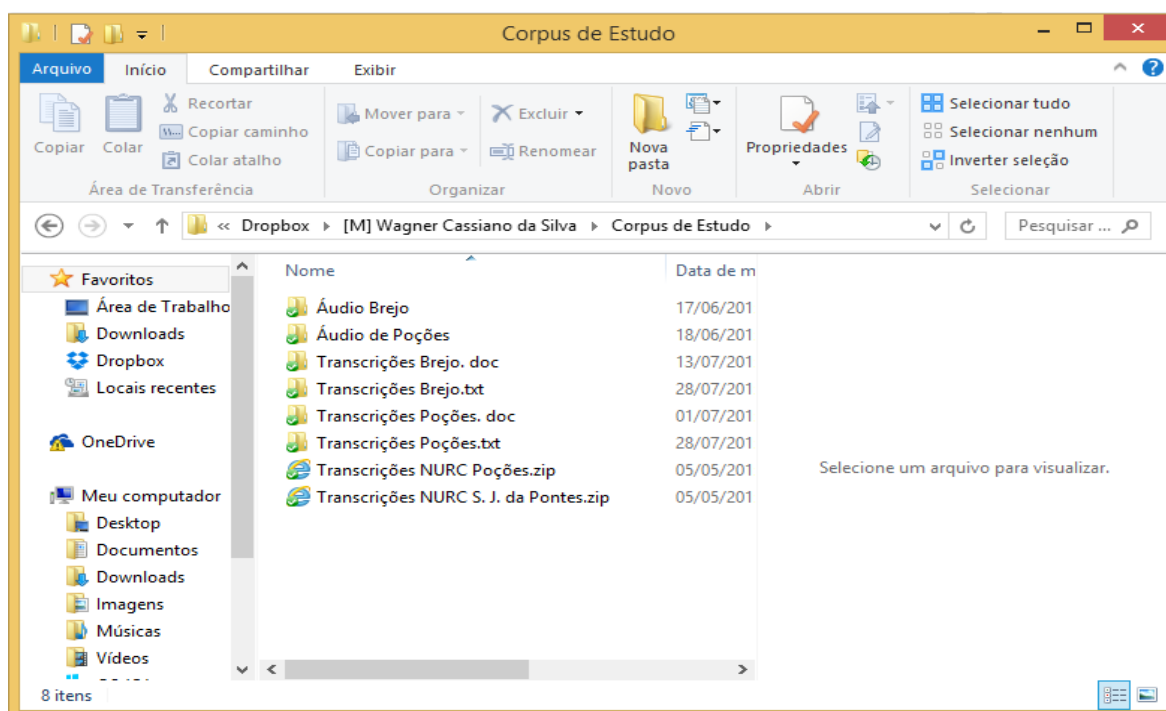
Na próxima subseção, tratamos do processo de etiquetagem dos itens lexicais que se apresentaram as propriedades em que se pauta esta pesquisa.

### 3.3.3 Etiquetagem dos itens lexicais

Para identificarmos os itens lexicais, utilizamos dois processos de identificação: o áudio das gravações juntamente com sua transcrição, conforme o NURC, e a etiquetagem para que a ferramenta *Concord* pudesse fazer a leitura e alinhar o número de ocorrências deste fenômeno.

Salientamos que o armazenamento das transcrições se deu no *Dropbox* na pasta [M] Wagner Cassiano da Silva, onde se criou uma pasta específica para o *corpus* de estudo, na qual criamos duas pastas, uma denominada Arquivos em *doc* e a outra, Arquivos em *txt* (FIGURA 4).

Figura 4 – Pasta *corpus* armazenada no *Dropbox*

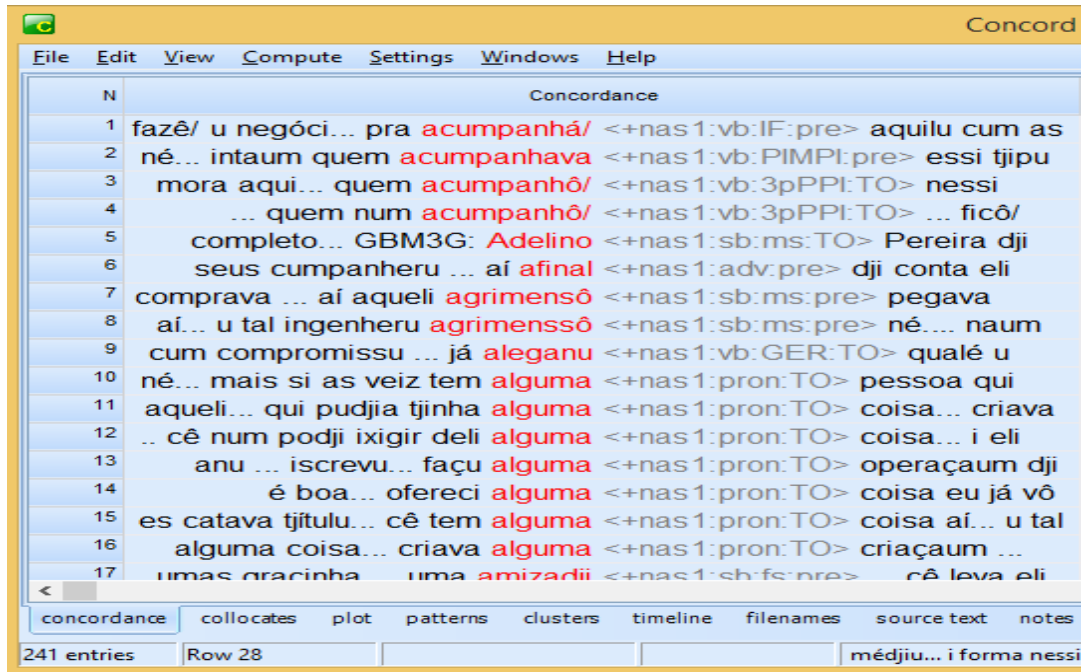


Fonte: O autor.

Em seguida, realizamos a etiquetagem semiautomática daqueles itens lexicais que, de acordo com os áudios, apresentavam nasalidade e nasalização. Para tanto, utilizamos

parênteses angulares <\*>, para propor siglas de identificação e possibilitar a quantificação mais precisa do que se estuda neste trabalho (FIGURA 5).

Figura 5 – Etiquetagem dos itens lexicais entre parênteses angulares



Fonte: O autor.

Para analisarmos os dados de maneira sistemática através de recursos tecnológicos, etiquetamos os dados, de forma a identificar os fenômenos linguísticos da nasalidade e nasalização. Esclarecemos que o primeiro item que aparece logo após o parêntese angular da esquerda traz esta informação (QUADRO 8):

Quadro 8 – Etiquetas para identificação dos itens lexicais por meio do *WordSmith Tools*

Etiqueta	Especificação
<+nas1:	Contexto para a nasalidade e sua ocorrência de nasalidade
<+nas0:	Contexto para a nasalidade e sua não ocorrência
<-nas1:	Contexto não favorável à nasalidade e sua ocorrência
<naz:	Contexto de nasalização e sua ocorrência
<naz0:	Contexto de nasalização e sua não ocorrência

Fonte: O autor.

Interessou-nos saber a relação de ocorrência das vogais segundo as categorias gramaticais dos itens lexicais, por isso o segundo item da etiquetagem se refere à categoria gramatical a que o item lexical pertence, para assim podermos verificar qual categoria favorece a realização de palavras com os fenômenos, conforme Quadro 9.

Quadro 9 – Etiquetas categoria gramatical

<b>Etiqueta</b>	<b>Especificação</b>
adj	adjetivo
adv	advérbio
num	numeral
prep	preposição
pron	pronome
sb	substantivo
vb	verbo

Fonte: O autor.

Na elaboração da etiqueta para a categoria dos substantivos, consideramos o gênero e o número do item lexical, por isso as duas letras que aparecem após a sigla “sb” indicam se o item lexical é feminino singular (fs) ou feminino plural (fp) e, ainda, masculino singular (ms) ou masculino plural (mp).

A etiqueta que identifica o item lexical como verbo traz a informação sobre o tempo e a pessoa do verbo. As primeira, segunda e terceira pessoas foram representadas nas etiquetas da seguinte maneira: 1p, 2p e 3p, respectivamente. Adotamos as seguintes etiquetas para os tempos verbais (QUADRO 10):

Quadro 10 – Etiquetas tempo verbal

<b>Etiqueta</b>	<b>Especificação</b>
GER	Gerúndio
IF	Infinitivo
PAR	Particípio
PI	Presente do Indicativo
PIMPI	Pretérito Imperfeito do Indicativo
PPI	Pretérito Perfeito do Indicativo

Fonte: O autor.



A etiqueta próxima ao parêntese angular da direita diz respeito à tonicidade da ocorrência do fenômeno da nasalidade/nasalização nos itens elencados, sendo assim dispostos:

Quadro 11 – Etiquetas tonicidade das vogais em relação ao fenômeno da nasalidade

Etiqueta	Especificação
Pre	pretônica
TO	tônica
Pos	postônica

Fonte: O autor.

### 3.3.4 Análise acústica – *software Praat*

Após a etiquetagem e a identificação dos itens lexicais que apresentaram o fenômeno da nasalidade/nasalização, fizemos uso do *software Praat* para analisarmos, através de espectrogramas, como se apresentam as vogais nasalizadas em relação às vogais tipicamente orais.

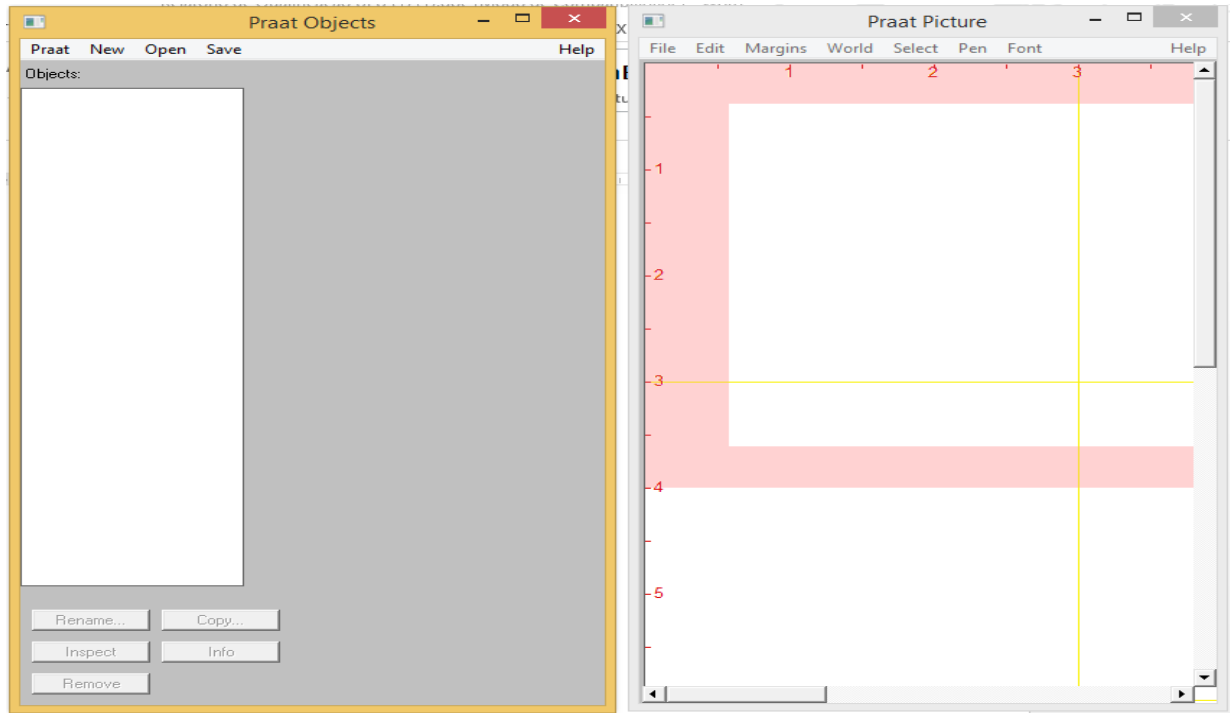
Esta ferramenta auxilia em análises de voz e foi criada por de Paul Boersma e David Weenink, do *Institute of Phonetic Sciences da Universidade de Amsterdã*. Ela tem início com duas janelas: *Praat objects* e *Praat Picture*.

*Praat objects* é a janela de controle, onde os dados e as ações (*analysis, synthesis, display, listening, drawing, etc*) podem ser selecionados. Aqui são listados os ficheiros (*objects*) em memória.

A janela *Praat Picture* é um espaço de desenho em que se pode editar diagramas e, ainda, adicionar texto.

Dispomos as imagens das janelas da ferramenta *Praat* que nos auxiliaram na análise acústica das vogais: *Praat objects* e *Praat Picture*, dispostas respectivamente (FIGURA 6).

Figura 6 – Telas *Praat objects* e *Praat Picture*

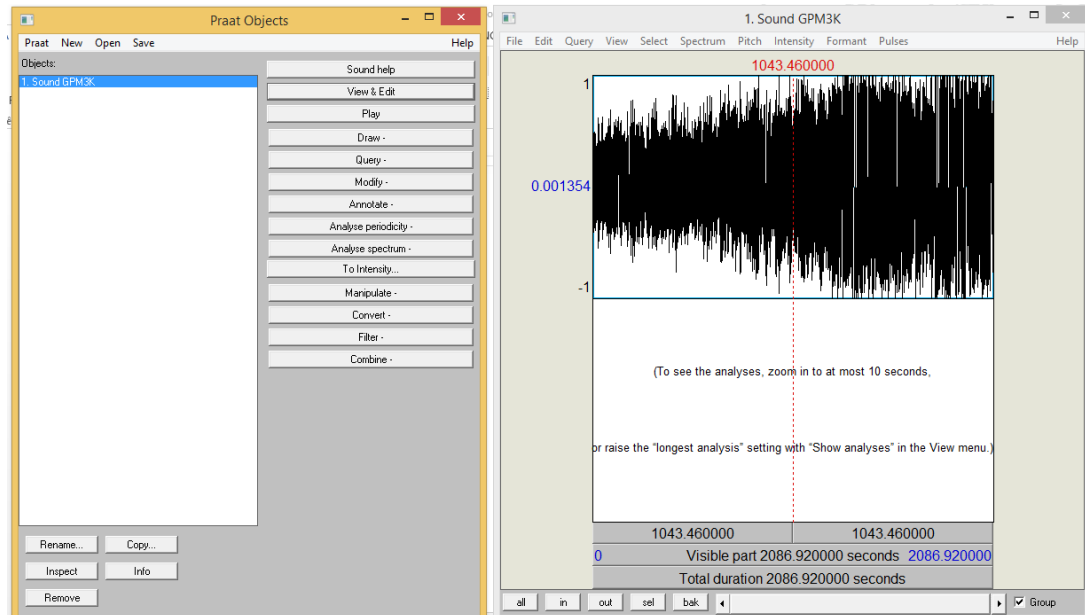


Fonte: O autor.

Esta ferramenta permite a geração de espectrograma (MAIA, 1992), sendo comumente utilizado em trabalhos fonéticos, pois emitem uma ilustração. Sua formação dá-se por meio de manchas claras e escuras, lacunas e estriações, e tais formações são marcadas pela presença ou ausência de energia-acústica.

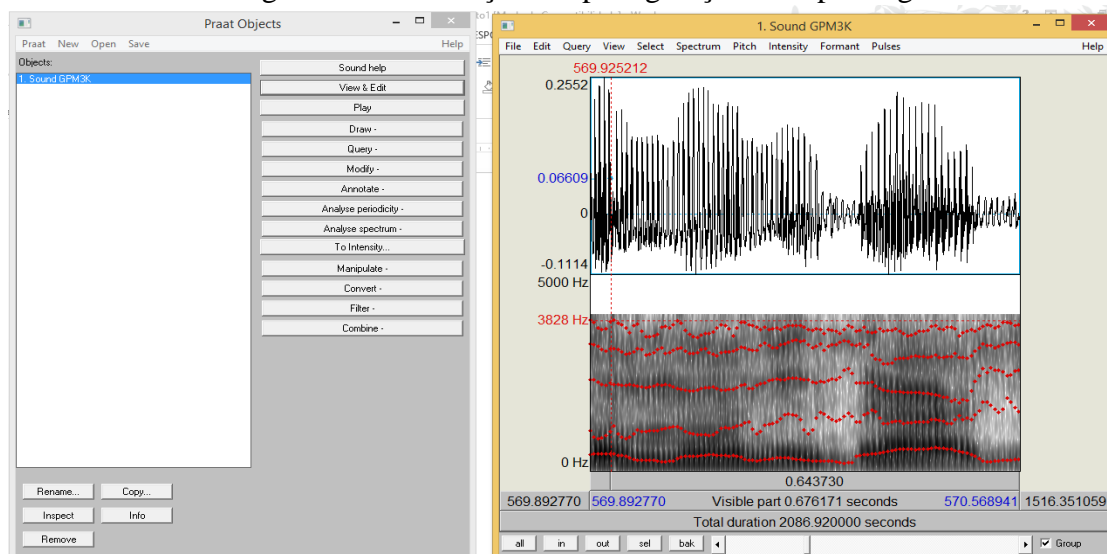
Para a geração dos espectrogramas, é necessário ter um arquivo de áudio no computador. Em nosso caso, estes arquivos foram salvos na pasta *Dropbox*, onde criamos duas subpastas: Áudio Brejo dos Crioulos e Áudio Poções.

A partir da janela *Praat Objects*, clica-se em *Open* → *Read from file...* na borda superior para selecionar no computador o arquivo que quer ouvir/trabalhar. Em seguida, em *Praat objects*, clica-se em *View & Edit* no lado direito desta mesma tela. Com esse clique, uma nova tela se abre, com o áudio selecionado (FIGURA 7).

Figura 7 – Tela *View & Edit* e tela *Sound*

Fonte: O autor, 2015

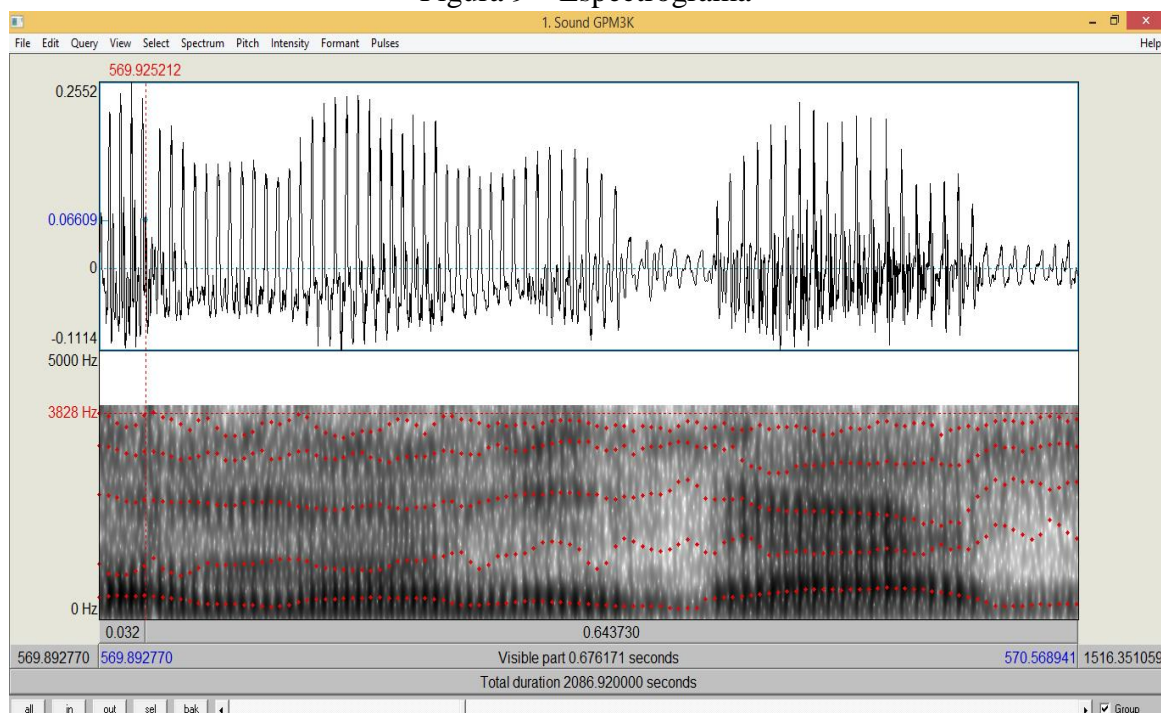
Para a geração da ilustração, uma nova caixa abre-se (FIGURA 8) e, por meio do cursor, faz-se a seleção do trecho do áudio. Em seguida, clica-se em *Sel* na parte inferior para ver o espectrograma. Para ouvir o trecho, podem ser usadas duas abas: a que fica na parte superior, onde aparecem a numeração em vermelho, ou a da parte inferior, em que a numeração aparece em azul. Para parar em algum trecho, pressiona-se o *Esc*.

Figura 8 – Tela função *Sel* para geração de espectrogramas

Fonte: O autor.

Segue um exemplo de espectrograma (FIGURA 9):

Figura 9 – Espectrograma



Fonte: O autor.

Os espectrogramas das vogais orais e nasalizadas gerados pelo *Praat* foram analisados, nesta pesquisa, considerando os F1 e F2, por causa de um dos objetivos e hipótese desta pesquisa.

### 3.3.5 Tratamento quantitativo e qualitativo dos itens lexicais

Os objetivos e hipóteses de pesquisa nortearam nosso trabalho. Dessa forma, relembramos que tivemos como objetivo geral investigar a ocorrência do fenômeno da nasalidade, no dialeto dos membros de comunidades quilombolas do Norte de Minas (Brejo dos Crioulos e Poções) e seu comportamento linguístico na fala dos indivíduos desse grupo social, à luz da Fonética e Fonologia com subsídios da Linguística de *Corpus*, considerando os fatores linguísticos que podem nelas interferir. Especificamente, objetivamos:

- detectar a ocorrência de vogais nasalizadas com auxílio dos recursos que provê a Linguística de *Corpus*;
- discriminar os diferentes tipos de contextos de ocorrência das vogais nasalizadas;

- fazer uma análise quantitativa e uma análise qualitativa da ocorrência de vogais nasalizadas no *corpus* de estudo;
- descrever e analisar o comportamento das vogais nasalizadas, na comunidade de fala pesquisada;
- contrastar os valores de F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas nas comunidades quilombolas de Brejo dos Crioulos e Poções.

Hipotetizamos que as vogais nasalizadas podem ser condicionadas por segmento consonantal nasal ou segmento vocálico nasal (seguinte à vogal nasalizada), sua posição quanto ao acento primário e a categoria gramatical e que os valores dos F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas em Brejo dos Crioulos e Poções são distintos.

Em razão disso, apresentamos as próximas subseções deste capítulo.

### 3.3.5.1 Segmento sonoro seguinte

Como hipotetizamos que as vogais nasalizadas podem ocorrer por assimilação do abaixamento do véu palatino, pois a presença de segmentos nasais (consoantes e/ou vogais) na sílaba seguinte na cadeia sonora do item lexical pronunciado favorecerá a sua ocorrência, perseguimos esse ambiente de ocorrência nos dados, como por exemplo, em:

Quadro 12 – Nasalidade quanto à presença de segmentos nasais adjacentes

consoantes			vogais	
[m]	[n]	[ɲ]	[ã]	[ĩ]
[ʃã'madə]	[ˈãnu]	[ˈbãɲu]	[ãˈidə]	[idētʃiˈdadʒɪ]
[koˈmidə]	[ˈmēnus]	[dĩˈɲerɐ]	[ãˈsĩ]	[ĩˈzēpru]
[mãˈmeɪ]	[buˈnitɐ]	[ˈmãɲã]	-	-
[ˈũmə]	[kõtʃinuˈavə]	[ˈprɛɲə]	-	-

Fonte: Dados coletados para a pesquisa e extraídos da literatura.

### 3.3.5.2 Posição quanto ao acento primário

Também hipotetizamos que a posição de ocorrência da vogal nasalizada em relação à sílaba tônica interfere em sua realização. Seguem alguns casos:

Quadro 13 – Posição do fenômeno da nasalidade quanto ao acento primário

pretônica	tônica	postônica
[ĩma'gĩnə]	[aw'sĩnə]	[ˈpɛsĩmə]
[bã'nãna]	[a'lũnʊ]	[dʒi'akõnus]
[bēnɛfisi'adə]	[ameri'kãnʊ]	[ˈfatʃĩmə]
[kũ'zĩna]	[ga'liɲə]	[ˈɔtʃĩmə]

Fonte: Dados coletados para a pesquisa.

### 3.3.5.3 Categoria gramatical

Por fim, nossa última hipótese linguística foi que a ocorrência das vogais nasalizadas é motivada pela categoria gramatical a que o item lexical pertence, por exemplo (QUADRO 14):

Quadro 14 – Categoria gramatical

substantivo	adjetivo	verbo
[kũ'midə]	[ˈɔtʃĩmə]	[kũ'zĩna]
[bã'nãna]	[ameri'kãnʊ]	[kõtʃĩnu'avə]
[ˈfatʃĩmə]	[bũ'nitu]	[ˈvãmʊ]

Fonte: Dados coletados para a pesquisa.

Esclarecemos que os itens lexicais na forma de gerúndio reduzida, por exemplo, ‘fazendo’ [fa'zẽnʊ], tiveram as vogais precedentes à consoante nasal alveolar vozeada [n] articulada no morfema gerúndio, representado pelo morfe [nʊ], pronunciadas com abaixamento do véu palatino, consideradas vogal nasalizada – casos de nasalidade.

Além desses aspectos linguísticos supracitados, consideramos os valores dos F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas, nas duas comunidades quilombolas, e os contrastamos.

No próximo capítulo, apresentamos a descrição e a análise dos dados do *corpus*, que nos conduziram para os resultados desta pesquisa.

#### 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos os dados obtidos pelas ferramentas computacionais *WordSmith Tools* e *Praat* e, a seguir, tratamos da análise dos dados extraídos do *corpus* para tecer as considerações finais sobre esta pesquisa.

Ao analisar as gravações de fala espontânea, deparamo-nos, em primeiro lugar, com a riqueza lexical dos quilombolas do Norte de Minas. Por meio da ferramenta *WordSmith Tools* → *WordList*, foi possível captar o total de itens lexicais que compõe este *corpus*: a amostra do GB é constituída por 24.733 itens lexicais, enquanto a amostra do GP, por 34.382 itens lexicais; logo, o *corpus* desta pesquisa é composto por 59.115 itens lexicais (TABELA 1).

Tabela 1 – Total de itens lexicais presentes no *corpus*

<b>Grupo</b>	<b>Itens lexicais</b>
GB	24.733
GP	34.382
<b>Total</b>	<b>59.115</b>

Fonte: Ferramenta *WordList* do software *WordSmith Tolls*.

Deste *corpus*, selecionamos 1.614 itens lexicais, que envolvem os casos de nasalidade e nasalização abordados nesta pesquisa (694 <+nas1>, 20 <+nas0>, 7 <-nas1>, 885 <naz> e 8 <naz0>), conforme Tabela 2 a seguir.

Tabela 2 – Itens lexicais com vogais nasalizadas/nasais no *corpus*

<b>Itens lexicais com vogais nasalizadas/nasais no <i>corpus</i></b>						
<b>Etiquetas</b>	<b>+nas1</b>	<b>+nas0</b>	<b>-nas1</b>	<b>naz</b>	<b>naz0</b>	<b>Total</b>
n.º de itens lexicais	694	20	7	885	8	<b>1614</b>
%	<b>43,0%</b>	<b>1,23%</b>	<b>0,43%</b>	<b>54,85%</b>	<b>0,49%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Ferramenta *WordList* do software *WordSmith Tolls*.



## 4.1 Ocorrências de vogais nasalizadas/nasais no *corpus*

Esta pesquisa está pautada na ocorrência de vogais em situação de nasalidade, ou seja, em itens lexicais com contexto para a nasalidade e sua ocorrência. Apesar disso, nossos dados revelaram também i) itens lexicais com contexto para a nasalidade e sua não ocorrência e ii) itens lexicais com contexto não favorável à nasalidade, mas com sua ocorrência e iii) itens lexicais com contexto para a nasalização e sua ocorrência e iv) itens lexicais com contexto para a nasalização e sua não ocorrência.

### 4.1.1 Contexto de nasalidade e sua ocorrência <+nas1>

Na Figura 10, ilustramos a ocorrência de casos de nasalidade em contexto propício ou favorecedor desse fenômeno.

Figura 10 – Contexto de nasalidade e sua ocorrência <+nas1>

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	imbor pra longi ... <b>abadonare</b> <+nas1:vb:3pPPl:pre> us pais...		232	22	73	0	6%			0	6%	GBF3B.txt 2016/mai
2	i comu um pai... num <b>abandonei</b> <+nas1:vb:1pPPl:TO> meus filhu.		534	24	86	0	14			0	14	GBF3B.txt 2016/mai
3	eu... eu nunca ... mim <b>abandoni</b> <+nas1:vb:1pPS:TO> ... u		979	17	53	0	30			0	30	GPF2E.txt 2016/mai
4	o mio... já tem tẽ <b>abrobinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> é que eu		1,364	57	47	0	50			0	50	GPF3D.txt 2016/mai
5	moianu já tem tẽ <b>abrobinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> ... ENT.:		1,384	58	10	0	51			0	51	GPF3D.txt 2016/mai
6	.. mais fica im roda... <b>abservanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> aquele		449	24	41	0	25			0	25	GBM3J.txt 2016/mai
7	... quando nois vê qui tá <b>abusanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> djimais du		2,739	15	23	0	81			0	81	GBM2L.txt 2016/mai
8	pedaçu pra otu... i foi <b>acabanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> cum as		1,973	49	67	0	51			0	51	GBF3B.txt 2016/mai
9	otu... e foi ficanu ... foi <b>acabanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> cum a		3,708	30	96	0	60			0	60	GPM1J.txt 2016/abr
10	nos djiisinvolve/ qui eu tô/ <b>achanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> muito		2,666	39	86	0	59			0	59	GPM3K.txt 2016/abr
11	.. GBF1D: é tô/ <b>achanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> legau...		902	81	33	0	92			0	92	GBF1D.txt 2016/mai
12	as comunidadij eu to <b>achanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> eu to		2,962	46	88	0	66			0	66	GPM3K.txt 2016/abr
13	amigus tem né? eu tô <b>achanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> muito		2,688	40	14	0	60			0	60	GPM3K.txt 2016/abr
14	atençãum as pessoa... <b>acolhenu</b> <+nas1:vb:GER:TO>... a		3,249	86	75	0	84			0	84	GBF3B.txt 2016/mai
15	pras pessoa assim <b>acomodá/</b> <+nas1:vb:IF:pre> ... na nossa		1,782	24	61	0	80			0	80	GPF1F.txt 2016/abr
16	.. qui a gentij <b>acompanha</b> <+nas1:vb:3pPl:TO> ... u livru		491	8	41	0	15			0	15	GPF2E.txt 2016/mai
17	ai a gentij <b>acompanha</b> <+nas1:vb:3pPl:TO> dii um		484	8	32	0	15			0	15	GPF2E.txt 2016/mai

Fonte: Dados da pesquisa.

Por ser o foco desta pesquisa – ambiente propício para a nasalidade e sua ocorrência –, através da ferramenta de busca <+nas1>, verificamos nos dados a ocorrência de 3.613 ocorrências de nasalidade que foram condicionados por segmento nasal na sílaba seguinte, por exemplo, ‘acabanu’ [aka'bãnu], ‘cumu’ [kũmu] e ‘tenu’ [tẽnu]. Observamos que a vogal se torna nasalizada quando seguida por uma consoante nasal ou vogal nasal na sílaba seguinte –

contexto favorecedor do fenômeno de nasalidade. Os dados apresentaram 6 ocorrências de nasalidade favorecidas por vogal nasal na sílaba seguinte (por exemplo, ‘ansim’ [ã'sĩ]).

Abaurre e Pagotto (1996, p. 496) afirmam que, nesses casos, ocorre um caso de variação fonética, pois a nasalidade não causa distinção com itens lexicais de cadeia sonora idêntica, mas sem o traço de abaixamento do véu palatino na vogal (por exemplo, ‘camareira’ [kãma'reĩrə] e [kama'reĩrə]). Temos, nesse caso, o mesmo item lexical, com possibilidade de a vogal da primeira sílaba ser pronunciada com ou sem abaixamento do véu palatino, ou seja, com ou sem a assimilação do abaixamento do véu palatino da consoante nasal presente na sílaba seguinte.

Câmara Jr. (2013, p. 36) afirma que este “tipo de nasalidade não funciona para distinguir formas e não é, portanto, de natureza fonológica”, mas de natureza fonética. Na subseção seguinte, mostramos outro contexto favorável à nasalidade, sem, contudo, haver sua ocorrência.

#### **4.1.2 Contexto de nasalidade e sua não ocorrência <+nas0>**

Os dados mostraram que, mesmo em contextos favoráveis à nasalidade, há casos em que o fenômeno não ocorreu. Encontram-se 20 itens lexicais nesse caso, com 32 ocorrências (FIGURA 11).

Figura 11 – Contexto de nasalidade e sua não ocorrência &lt;+nas0&gt;

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	passô/ um djia... sem <b>aimoçu</b> <+nas0:sb.ms:pre> ... sem a		2,806	64	47	0	84			0	84	GPF3C.txt 2016/mai
2	lei... ele respondeu ... <b>amarás</b> <+nas0:vb.FPl:pre> o senhor teu		888	57	38	0	28			0	28	GPM3H.txt 2016/mai
3	qui fala issu... né... <b>amiaça</b> <+nas0:vb:3pPl:pre> ... né...		2,129	10	87	0	69			0	69	GBF1A.txt 2016/abr.
4	intregava na casa de um <b>amigu</b> <+nas0:sb.ms:pre> deli... u oto		228	1	77	0	5%			0	5%	GPM3K.txt 2016/abr.
5	loquim ... cristu jesus meu <b>amigu</b> <+nas0:sb.ms:pre> ... cristu		1,129	61	38	0	36			0	36	GPM3H.txt 2016/mai
6	empregadu mas dji meu <b>amigu</b> <+nas0:sb.ms:pre> ... e dji meu		837	57	16	0	27			0	27	GPM3H.txt 2016/mai
7	jogá/ bola dji vez cum us <b>amigu</b> <+nas0:sb.ms:pre> ... ENT.: não		625	70	10	0	50			0	50	GBM1K.txt 2016/abr.
8	du meu... du meu <b>amigu</b> <+nas0:sb.ms:pre>... du meu		2,806	44	31	0	62			0	62	GPM3K.txt 2016/abr.
9	pEçu... eu pEçu u meus <b>amigu</b> <+nas0:sb.ms:pre> pra colaborá/		2,646	39	71	0	59			0	59	GPM3K.txt 2016/abr.
10	.. u oto intregava nu oto <b>amigu</b> <+nas0:sb.ms:pre> i voltava		235	1	84	0	5%			0	5%	GPM3K.txt 2016/abr.
11	trabaio mais... foi muitos <b>amigos</b> <+nas0:sb.mp:pre> meu mi		50	0	33	0	1%			0	1%	GPM3K.txt 2016/abr.
12	qui eu tenhu i otros <b>amigos</b> <+nas0:sb.mp:pre> tem né? eu		2,683	39	98	0	60			0	60	GPM3K.txt 2016/abr.
13	.. algum na mãos dos <b>amigos</b> <+nas0:sb.mp:pre> aí... i cortu...		432	39	75	0	14			0	14	GPM3H.txt 2016/mai
14	cum amizadi ... é que <b>amizadi</b> <+nas0:sb.fs:pre> é muito		2,573	39	16	0	57			0	57	GPM3K.txt 2016/abr.
15	.. quê/ sê/ parceru das <b>amizadi</b> <+nas0:sb.fs:pre> ... tem qui sê/		2,867	15	16	0	84			0	84	GBM2L.txt 2016/mai
16	aí trabaiano só cum <b>amizadi</b> <+nas0:sb.fs:pre>... é que		2,570	39	14	0	57			0	57	GPM3K.txt 2016/abr.
17	precisu meu filhu é um <b>amã/</b> <+nas0:vb:3nPPITQ> dii		988	35	9%	0	26			0	26	GPF3R.txt 2016/mai

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Figura 11, foram extraídos, através da etiqueta <+nas0>, os itens lexicais que possuem contexto favorável para o fenômeno da nasalidade, mas sem sua ocorrência, por exemplo, ‘amigu’ pronunciado como [a'migu] e não [ã'migu], ‘amizadi’ pronunciado como [ami'zadzɪ] e não [ãmi'zadzɪ], ‘cemitériu’ [semi'terɪu] e não [sẽmi'terɪu] e ‘dominada’ [domi'nadə] e não [dõmi'nadə].

Abaurre e Pagotto (1996, p. 523) afirmam que “aí não há oposição entre vogal nasalada e a vogal, também possível, sem qualquer nasalação. Com a nasalação, ou sem ela, aparecerão sempre as mesmas formas vocabulares [...]”.

Contudo, os dados apresentaram casos em que o contexto não era favorável à nasalidade, mas o fenômeno ocorreu. Na subseção seguinte, tratamos desse caso.

#### 4.1.3 Contexto não favorável à nasalidade e sua ocorrência <-nas1>

Os dados apontam para itens lexicais que não possuem contexto favorável à nasalidade, mas ela ocorre. Isso se deu em 7 itens lexicais, com 22 ocorrências. A Figura 12 representa esse caso:

Figura 12 – Contexto não favorável à nasalidade e sua ocorrência &lt;-nas1&gt;

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	.. orar... orar... orar sem <b>censar</b> <-nas1:vb:IF:TO> ... quem		716	52	78	0	23			0	23	GPM3H.txt 2016/mai
2	.. orar... orar... orar sem <b>censar</b> <-nas1:vb:IF:TO> ... orar... orar.		750	52	96	0	24			0	24	GPM3H.txt 2016/mai
3	.. orar... orar... orar sem <b>censar</b> <-nas1:vb:IF:TO> ... ENT.: e tem		757	52	10	0	24			0	24	GPM3H.txt 2016/mai
4	.. orar... orar... orar sem <b>censar</b> <-nas1:vb:IF:TO> ... orar... orar.		622	52	26	0	20			0	20	GPM3H.txt 2016/mai
5	.. orar... orar... orar sem <b>censar</b> <-nas1:vb:IF:TO> ... o que qui a		629	52	30	0	20			0	20	GPM3H.txt 2016/mai
6	orar... orar... orar... sem <b>censar</b> <-nas1:vb:IF:TO> ... o que qui		671	52	53	0	21			0	21	GPM3H.txt 2016/mai
7	aqui já aconteceu... <b>comperadô</b> <-nas1:sb:ms:pre> até di		1,904	45	91	0	57			0	57	GPF3C.txt 2016/mai
8	as palavra vem ... u <b>comperadô</b> <-nas1:sb:ms:pre> ... vem dji		1,861	45	14	0	56			0	56	GPF3C.txt 2016/mai
9	veim ... a gentij perdji a <b>fincha</b> <-nas1:sb:fs:TO> ... intãum é pur		1,138	45	80	0	32			0	32	GPF2A.txt 2016/mai
10	.. inducadores i <b>inducadoras</b> <-nas1:sb:ms:pre> ... religioso i		1,154	61	50	0	37			0	37	GPM3H.txt 2016/mai
11	jovi... bom líderes... <b>inducadores</b> <-nas1:sb:ms:pre> i		1,152	61	49	0	36			0	36	GPM3H.txt 2016/mai
12	tem quintal ... assim ... <b>ingou</b> <-nas1:adj:pre> nu fundu dus		1,231	65	78	0	40			0	40	GBF1A.txt 2016/mai
13	né... aconteci qui tem ... <b>ingou</b> <-nas1:adj:pre> na comunidadij		759	37	31	0	25			0	25	GBF1A.txt 2016/mai
14	cumeçanu a amadurecê/ <b>ingou</b> <-nas1:adj:pre> essi ai... eli já ia		2,469	11	32	0	81			0	81	GBF1A.txt 2016/mai
15	todo somo inguais ... <b>inguais</b> <-nas1:adj:pre> ... ENT.: deixa		1,474	13	10	0	68			0	68	GPF1B.txt 2016/mai
16	pô na cabeça todo somo <b>inguais</b> <-nas1:adj:pre> ... inguais ...		1,472	13	91	0	67			0	67	GPF1B.txt 2016/mai
17	intendê/ dii compreendê/ <b>inqual</b> <-nas1:adj:pre> todas nessoas		1,103	10	82	0	49			0	49	GPF1F.txt 2016/mai

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme Figura 12, são exemplos desse caso ‘censar’ [sẽ'sah] ao invés de ‘cessar’ [se'sah], ‘comperadô’ [kõpera'do] ao invés de ‘cooperador’ [kopera'do], ‘fincha’ [fĩfə] ao invés de ‘ficha’ [fĩfə], ‘inducadores’ [ĩduka'dores] ao invés de ‘iducadores’ [iduka'dores] e ‘inguais’ [i'gʷaĩs] ao invés de ‘iguais’ [i'gʷaĩs].

Por lidarmos com a fala espontânea de locutores que fazem uso da LP, estes casos podem caracterizar uma herança do PE. Alves (1965) fez registro da forma ‘ingreja’ [i'greʒə], em uma aldeia de pescadores de Ericeira, como apontamos em nossos resultados de pesquisa anterior (SILVA, 2010).

Nas próximas subseções, apresentamos a ocorrência da nasalização nos dados.

#### 4.1.4 Contexto de nasalização e sua ocorrência <naz>

Decidimos, ainda, mensurar a ocorrência de vogais nasais (fenômeno de nasalização), pois a literatura atesta que este fenômeno possui pronúncia com abaixamento do véu palatino uniforme no PB, mas identificamos em nossos dados casos de não ocorrência de nasalização em ambientes em que ela deveria se realizar.

Na Figura 13, demonstramos o quantitativo de vogais que foram perpassadas pelo fenômeno da nasalização, que ocorre nos dialetos brasileiros de maneira uniforme. Os dados reportaram um total de 8.415 ocorrências de nasalização no *corpus*, em 885 itens lexicais.

Figura 13 – Contexto de nasalização e sua ocorrência <naz>

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Seni	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	caridadji Deus tombém <b>abençoá</b> <naz.vb:3pPl:pre> eli tombém ...		2,341	58	54	0	70			0	70	GPF3C.txt 2016/mai
2	cum Deus pa Deus <b>abençoá</b> <naz.vb:IF:pre> NÉ? gentji fica a		959	34	98	0	35			0	35	GPF3D.txt 2016/mai
3	a igreja é uma igreja <b>abençoada</b> <naz.vb:PAR:pre> pur Deus...		1,972	47	32	0	59			0	59	GPF3C.txt 2016/mai
4	acampadu nãum ... é <b>acampadu</b> <naz.vb:PAR:pre> dji verdadji...		2,191	14	74	0	64			0	64	GBM2L.txt 2016/mai
5	purque num qué/ sê/ <b>acampadu</b> <naz.vb:PAR:pre> nãum ... é		2,187	14	70	0	64			0	64	GBM2L.txt 2016/mai
6	tem ... lá no <b>acampamentu</b> <naz.sb:ms:PRE> num tem não		1,323	10	58	0	90			0	90	GBF3F.txt 2016/mai
7	dela é lá naqueli <b>acampamentu</b> <naz.sb:ms:PRE> ... aqueli		538	66	22	0	43			0	43	GBM1K.txt 2016/abr.
8	pessoa dentu du <b>acampamentu</b> <naz.sb:ms:PRE> ... as vez as		641	26	22	0	17			0	17	GBF3B.txt 2016/mai
9	... as pessoa nu <b>acampamentu</b> <naz.sb:ms:PRE> mais ó/		612	26	7%	0	16			0	16	GBF3B.txt 2016/mai
10	aqui nu... nu <b>acampamentu</b> <naz.sb:ms:PRE> ... ENT.: isso.		1,821	17	10	0	88			0	88	GBF2C.txt 2016/mai
11	... aqueli <b>acampamentu</b> <naz.sb:ms:PRE> era terra dos		541	66	29	0	44			0	44	GBM1K.txt 2016/abr.
12	né Vêi... A (lá nu <b>acampamentu</b> <naz.sb:ms:PRE> tjinha uma luz		1,332	10	14	0	91			0	91	GBF3F.txt 2016/mai
13	né (...) ali é um <b>acampamentu</b> <naz.sb:ms:PRE> dji gentji ...		924	64	93	0	63			0	63	GBF3F.txt 2016/mai
14	qui construiu essi <b>acampamentu</b> <naz.sb:ms:PRE> aqui tem		2,213	14	92	0	65			0	65	GBM2L.txt 2016/mai
15	nãum ... aqui... nu <b>acampamentu</b> <naz.sb:ms:pre:TO> ... tem a		1,136	63	18	0	37			0	37	GBF1A.txt 2016/abr.
16	moranu aqui nu <b>acampamentu</b> <naz.sb:ms:PRE> ... aí eu moru		310	44	61	0	15			0	15	GBF2C.txt 2016/mai
17	anú nu <b>acampamentu</b> <naz.sb:ms:PRE> vai fazê/ três		41	5	69	0	2%			0	2%	GBF2C.txt 2016/mai

Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos destacar itens lexicais como ‘acampamento’ [akãpa'mẽtu], ‘aconteça’ [akõ'tesə], ‘fazenda’ [fa'zẽda], ‘gente’ [ʒẽtʃɪ], ‘tempo’ [tẽpu], que foram pronunciados pelos locutores sem que houvesse variação na pronúncia, isto é, todos estes itens lexicais foram pronunciados com o abaixamento do véu palatino.

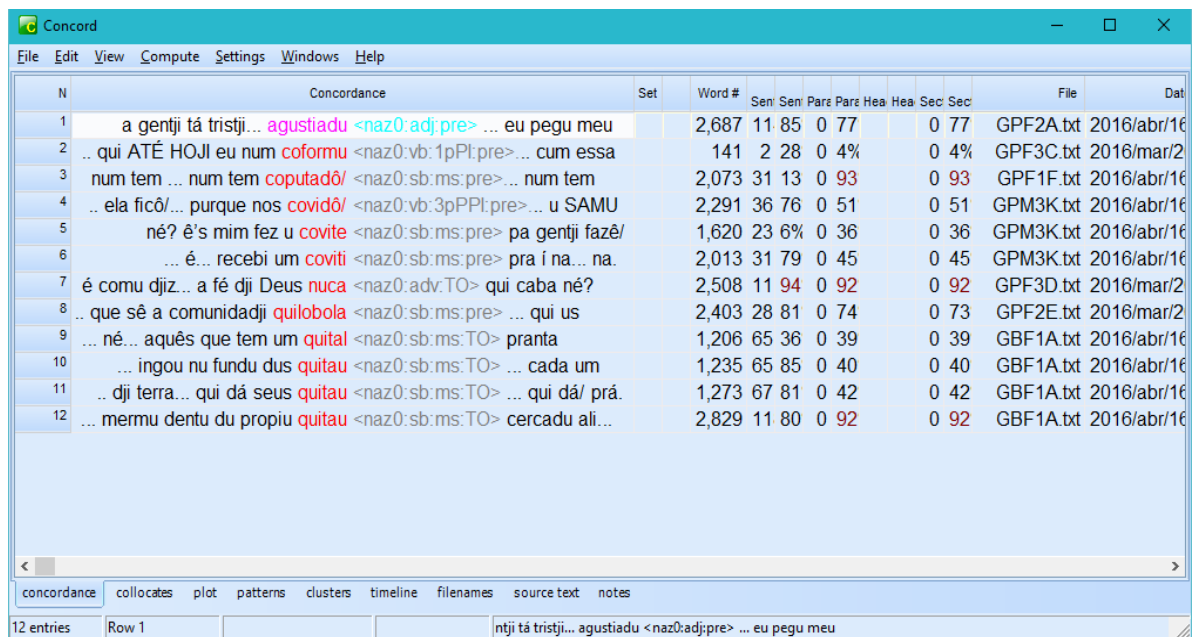
Souza (1994, p. 14) afirmou que estas vogais são consideradas vogais nasais por possuírem de maneira singular um papel distintivo em contraponto aos demais segmentos de uma língua.

Bisol (2002, p. 503) afirma ser este “um processo pós-lexical de assimilação de N *in situ*. Este cria vogais nasais [...]”. Na subseção seguinte, apresentamos os casos em que a nasalização é prevista, mas em que ela não ocorreu.

#### 4.1.5 Contexto de nasalização e sua não ocorrência <naz0>

Nossos dados evidenciaram casos em que a nasalização é prevista, dado que a literatura atesta que sua pronúncia com véu palatino abaixado é uniforme no PB, mas que foram pronunciadas com o véu palatino suspenso, ou seja, casos de nasalização com pronúncia variável no PB (FIGURA 14).

Figura 14 – Contexto de nasalização e sua não ocorrência <naz0>



N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Par	Par	Hea	Hea	Sec	Sec	File	Date
1	a gentji tá tristji... agustiadu <naz0:adj:pre> ... eu pegu meu		2,687	11	85	0	77			0	77	GPF2A.txt	2016/abr/16
2	.. qui ATÉ HOJl eu num coformu <naz0:vb:1pPl:pre>... cum essa		141	2	28	0	4%			0	4%	GPF3C.txt	2016/mar/2
3	num tem ... num tem coputadô/ <naz0:sb:ms:pre>... num tem		2,073	31	13	0	93			0	93	GPF1F.txt	2016/abr/16
4	.. ela ficô/... porque nos covidô/ <naz0:vb:3pPl:pre>... u SAMU		2,291	36	76	0	51			0	51	GPM3K.txt	2016/abr/16
5	né? ê's mim fez u covite <naz0:sb:ms:pre> pa gentji fazê/		1,620	23	6%	0	36			0	36	GPM3K.txt	2016/abr/16
6	... é... recebi um coviti <naz0:sb:ms:pre> pra í na... na.		2,013	31	79	0	45			0	45	GPM3K.txt	2016/abr/16
7	é comu djiz... a fé dji Deus nuca <naz0:adv:TO> qui caba né?		2,508	11	94	0	92			0	92	GPF3D.txt	2016/mar/2
8	.. que sê a comunidadi quilobola <naz0:sb:ms:pre> ... qui us		2,403	28	81	0	74			0	73	GPF2E.txt	2016/mar/2
9	... né... aquês que tem um quital <naz0:sb:ms:TO> pranta		1,206	65	36	0	39			0	39	GBF1A.txt	2016/abr/16
10	... ingou nu fundu dus quitalu <naz0:sb:ms:TO> ... cada um		1,235	65	85	0	40			0	40	GBF1A.txt	2016/abr/16
11	.. dji terra... qui dá seus quitalu <naz0:sb:ms:TO> ... qui dá/ prá.		1,273	67	81	0	42			0	42	GBF1A.txt	2016/abr/16
12	... memu dentu du propiu quitalu <naz0:sb:ms:TO> cercadu ali...		2,829	11	80	0	92			0	92	GBF1A.txt	2016/abr/16

Fonte: Dados da pesquisa.

Não houve a marcação de nasalização em 8 itens lexicais, com 12 ocorrências, por exemplo, em ‘agustiado’ [agustʃi'adu] e não ‘angustiado’ [ãgustʃi'adu], ‘coformu’ [kɔ'fɔɦimu] ao contrário de ‘conformu’ [kõ'fɔɦimu], ‘covidô’ [kovi'do] em lugar de ‘convidô’ [kõvi'do], ‘nuca’ [nuka] em vez de ‘nunca’ [nũka] e ‘quilobola’ [kilo'bɔlə] e não ‘quilombola’ [kilõ'bɔlə].

Apesar de a nasalização ser apontada por estudiosos (CÂMARA JR., 1977; SILVA, 2005; BISOL, 2013; ABAURRE; PAGOTTO, 1996 etc.) como um fenômeno não variável no PB, de pronúncia uniforme, os casos descritos no parágrafo anterior revelam variação na pronúncia de vogais nasais.

Sintetizamos os casos de nasalidade e de nasalização investigados na Tabela 3, a seguir, conforme o número de ocorrências:

Tabela 3 – Distribuição das vogais nasalizadas/nasais por tipo de etiqueta

<b>Casos de vogais nasalizadas/nasais no corpus</b>						
Etiquetas	+nas1	+nas0	-nas1	naz	naz0	Total
n.º de ocorrência	3.613	32	22	8.415	12	<b>12.094</b>
%	<b>29,87%</b>	<b>0,26%</b>	<b>0,18%</b>	<b>69,57%</b>	<b>0,12%</b>	<b>100%</b>

O *corpus* considerado forneceu-nos 12.094 ocorrências de casos de vogais nasalizadas e nasais, e suas pronúncias variáveis (com e sem abaixamento do véu palatino), o que totalizou os 100% das ocorrências. Desse total, tivemos um quantitativo de 3.613 ocorrências de nasalidade em contexto propício e sua ocorrência, ou seja, uma vogal oral seguida por um segmento sonoro nasal na sílaba seguinte, representando 29,87%. Tivemos 32 ocorrências de itens lexicais que possuíam o ambiente favorecedor à nasalidade, mas ela não ocorreu, com uma porcentagem de 0,26%. Por outro lado, tivemos 22 ocorrências de casos em que não houve um ambiente favorecedor à nasalidade, mas ela aconteceu, o que representa 0,18%. O maior número de ocorrências foi a de nasalização em contexto esperado com sua ocorrência: 8.415 ocorrências, em um percentual de 69,57%. Ainda, tivemos 12 ocorrências de itens lexicais que possuíam contexto para a nasalização, mas o abaixamento do véu palatino não ocorreu na pronúncia pelo falante, totalizando 0,12% das ocorrências.

Em razão de o objeto desta pesquisa ser a nasalidade, na próxima subseção, tratamos de seus contextos de ocorrência na amostra.

## 4.2 Vogais nasalizadas

Posteriormente à etiquetagem dos itens lexicais para identificação e análise, pôde-se perceber que o fenômeno da nasalidade ocorre nas vogais [ã], [ẽ], [ĩ], [õ] e [ũ].

Obtivemos um total de 538 itens lexicais que apresentaram 5 tipos de vogais nasalizadas, em 3.613 ocorrências, coletadas na fala espontânea dos 12 moradores de cada uma das comunidades pesquisadas. A seguir, apresentamos casos de vogais nasalizadas e sua ocorrência coletados através do *Concord* da ferramenta *Wordsmith Tools*, conforme tipo de vogal e seu percentual de ocorrência.

A vogal baixa central não arredondada nasalizada [ã] teve um total de 938 ocorrências (FIGURA 15).



Figura 15 – Casos de nasalidade vogal [ã]

N	Concordance	Set	Word #	Sem	Sem	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	... mais fica im roda... <b>abservanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> aqueli		449	24	41	0	25			0	25	GBM3J.txt 2016/mai
2	... quando nois vê qui tá <b>abusanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> djimais du		2,739	15	23	0	81			0	81	GBM2I.txt 2016/mai
3	pedaçu pra otu... i foi <b>acabanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> cum as		1,973	49	67	0	51			0	51	GBF3B.txt 2016/mai
4	otu... e foi ficanu ... foi <b>acabanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> cum a		3,708	30	96	0	60			0	60	GPM1J.txt 2016/abr
5	nos djsinvolvê/ qui eu tô/ <b>achanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> muito		2,666	39	86	0	59			0	59	GPM3K.txt 2016/abr
6	.. GBF1D: é tô/ <b>achanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> legau...		902	81	33	0	92			0	92	GBF1D.txt 2016/mai
7	as comunidadi eu to <b>achanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> eu to		2,962	46	88	0	66			0	66	GPM3K.txt 2016/abr
8	amigus tem né? eu tô <b>achanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> muito		2,688	40	14	0	60			0	60	GPM3K.txt 2016/abr
9	.. qui a gentji <b>acompanha</b> <+nas1:vb:3pPl:TO> ... u livru		491	8	41	0	15			0	15	GPF2E.txt 2016/mai
10	.. aí a gentji <b>acompanha</b> <+nas1:vb:3pPl:TO> dji um		484	8	32	0	15			0	15	GPF2E.txt 2016/mai
11	ficá istudanu eu ia <b>acompanhá/</b> <+nas1:vb:IF:TO> meu pai pra		428	6	53	0	10			0	10	GPM3K.txt 2016/abr
12	nãum consegue <b>acompanhá/</b> <+nas1:vb:IF:TO> ... mais a		829	6	69	0	37			0	37	GPF1F.txt 2016/abr
13	guia... aí é sempri <b>acompanhanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> as criança .		499	8	51	0	15			0	15	GPF2E.txt 2016/mai
14	.. muito poco... qui <b>acompanhei</b> <+nas1:vb:1pPPl:TO> essa luta.		488	27	92	0	28			0	28	GBM1H.txt 2016/mai
15	.. eu vô/ consiguinu ... <b>acopanhá</b> <+nas1:vb:IF:TO> u		806	6	53	0	36			0	36	GPF1F.txt 2016/abr
16	fazê/ u negôci... pra <b>acumpanhá/</b> <+nas1:vb:IF:pre> aquilu cum as		1,240	22	93	0	32			0	32	GBM3G.txt 2016/abr
17	a gentji tiinha qui <b>acumpanhá/</b> <+nas1:vb:IF:TO> eli intaum		3,503	57	70	0	78			0	78	GPM3K.txt 2016/abr

932 entries Row 932 is nãum ... ô u povu voltanu <+nas1:vb:GER:TO> sem medicu...

Fonte: Dados da pesquisa.

A vogal média anterior não arredondada nasalizada [ẽ] obteve 448 ocorrências (FIGURA 16).

Figura 16 – Casos de nasalidade vogal [ẽ]

N	Concordance	Set	Word #	Sem	Sem	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	atençãum as pessoa... <b>acolhenu</b> <+nas1:vb:GER:TO>... a		3,249	86	75	0	84			0	84	GBF3B.txt 2016/mai
2	agora... i estô feliz i <b>agradecenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> a Deus nu		277	3	43	0	8%			0	8%	GPF3C.txt 2016/mai
3	qui agora eu tô <b>agradecenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> muito		216	9	39	0	8%			0	8%	GPF3D.txt 2016/mai
4	ô djia já ta quasi <b>amanhicenu</b> <+nas1:vb:GER:pre:TO> a		826	9	49	0	18			0	18	GPM3K.txt 2016/abr
5	primeru filho... né? a <b>amentá/</b> <+nas1:vb:IF:pre> ... orienta		538	9	12	0	16			0	16	GPF2E.txt 2016/mai
6	importantji nóis tamus <b>aprendenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> bastantji ...		2,671	39	89	0	59			0	59	GPM3K.txt 2016/abr
7	cum eles nós tamus <b>aprendenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> ...		2,630	39	59	0	59			0	59	GPM3K.txt 2016/abr
8	.. i u povu foi tamém <b>aprendenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> a passá/		3,270	27	17	0	52			0	52	GPM1J.txt 2016/abr
9	nois nãum ... ela tá <b>atendenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> lá dentu lá.		2,449	23	45	0	39			0	39	GPM1J.txt 2016/abr
10	ruim ... ela ficô/ lá <b>atendenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> u povu		2,705	23	89	0	43			0	43	GPM1J.txt 2016/abr
11	na manera num tá <b>atendenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> ninguém ...		2,654	23	80	0	43			0	43	GPM1J.txt 2016/abr
12	dji... dji... azeitji i ficava <b>batenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> u panu né?		1,781	24	96	0	40			0	40	GPM3K.txt 2016/abr
13	dji sala... é dji viola... <b>batenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> a viola... i		640	75	71	0	31			0	31	GBF2C.txt 2016/mai
14	dji viola... batuque dança <b>batenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> numa caxa.		719	79	52	0	35			0	35	GBF2C.txt 2016/mai
15	na roda... i as otu vai <b>batenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> aquês...		777	87	51	0	63			0	63	GBM1K.txt 2016/abr
16	ficava batenu u panu né? <b>batenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> panu ...		1,785	25	18	0	40			0	40	GPM3K.txt 2016/abr
17	uê dennis a nãlera foi <b>batenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> venenu ná		3,262	27	0%	0	52			0	52	GPM1J.txt 2016/abr

448 entries Row 448 i discubri/... ês foi vivenu <+nas1:vb:GER:TO> ... foi diisc

Fonte: Dados da pesquisa.



Já a vogal alta anterior não arredondada nasalizada [ĩ] apresentou 1.076 ocorrências (FIGURA 17).

Figura 17 – Casos de nasalidade vogal [ĩ]

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	o mio... já tem tê <b>abrobinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> é que eu		1,364	57	47	0	50			0	50	GPF3D.txt 2016/mai
2	moianu já tem tê <b>abrobinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> ... ENT.:		1,384	58	10	0	51			0	51	GPF3D.txt 2016/mai
3	completo... GBM3G: <b>Adelinu</b> <+nas1:sb:ms:TO> Pereira dji		2,772	35	15	0	71			0	71	GBM3G.txt 2016/abr
4	seu nome... GBM1H: <b>Adelinu</b> <+nas1:sb:ms:TO> ... tenho 24		1,726	14	43	0	99			0	99	GBM1H.txt 2016/mai
5	seus cumpanheru ... aí <b>afinal</b> <+nas1:adv:pre> dji conta eli		1,533	25	7%	0	39			0	39	GBM3G.txt 2016/abr
6	comprava ... aí aquele <b>agrimensô</b> <+nas1:sb:ms:pre> pegava		1,250	22	97	0	32			0	32	GBM3G.txt 2016/abr
7	aí... u tal ingenheru <b>agrimensô</b> <+nas1:sb:ms:pre> né... naum		1,051	22	20	0	27			0	27	GBM3G.txt 2016/abr
8	... era soltera... i ela era <b>albina</b> <+nas1:sb:fs:TO>... essa		1,139	14	91	0	25			0	25	GPM3K.txt 2016/abr
9	podji usá... brusinha de <b>alcinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> ... calça...		2,975	12	15	0	85			0	85	GPF2A.txt 2016/abr
10	dji água i colocava prus <b>alimais</b> <+nas1:sb:mp:TO> ... memu		782	11	51	0	23			0	23	GPF3C.txt 2016/mai
11	os animais... GPF3C: us <b>alimais</b> <+nas1:sb:mp:TO> ... pra quem		749	11	6%	0	22			0	22	GPF3C.txt 2016/mai
12	qui num criou bichu di <b>alimau</b> <+nas1:sb:ms:TO> ... eu tenho		2,125	49	63	0	64			0	64	GPF3C.txt 2016/mai
13	é qui plantamus ... qui <b>alimentu</b> <+nas1:sb:ms:pre> servidu...		125	0	54	0	6%			0	6%	GPF1F.txt 2016/abr
14	... temos principalmentji <b>alimentus</b> <+nas1:sb:mp:pre> é qui		119	0	52	0	5%			0	5%	GPF1F.txt 2016/abr
15	.. hum... GBF1A: a gentji <b>anima</b> <+nas1:vb:1pPl:pre:TO> ...		2,079	10	8%	0	68			0	68	GBF1A.txt 2016/abr
16	normal... foi muito <b>animadu</b> <+nas1:adj:pre> i tal... aí quando		684	5	43	0	32			0	32	GPM2L.txt 2016/abr
17	mais é pra dá nris <b>animais</b> <+nas1:ch:mp:TO> ... i tem uma		1,903	11	38	0	60			0	60	GPM3H.txt 2016/mai

Fonte: Dados da pesquisa.

A vogal média posterior arredondada nasalizada [õ] teve um total de 440 ocorrências (FIGURA 18).

Figura 18 – Casos de nasalidade vogal [õ]

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	imbora pra longi ... <b>abandonare</b> <+nas1:vb:3pPPl:pre> us pais...		232	22	73	0	6%			0	6%	GBF3B.txt 2016/mai
2	i comu um pai... num <b>abadonei</b> <+nas1:vb:1pPPl:TO> meus filhu.		534	24	86	0	14			0	14	GBF3B.txt 2016/mai
3	eu... eu nunca ... mim <b>abandoni</b> <+nas1:vb:1pPS:TO> ... u		979	17	53	0	30			0	30	GPF2E.txt 2016/mai
4	pras pessoa assim <b>acomodá</b> <+nas1:vb:1F:pre> ... na nossa		1,782	24	61	0	80			0	80	GPF1F.txt 2016/abr
5	.. Zé Ogosto mas u seu <b>Antone</b> <+nas1:sb:ms:TO> de Chiquim .		1,476	25	1%	0	38			0	38	GBM3G.txt 2016/abr
6	a divisaum aqui por um <b>Antône</b> <+nas1:sb:ms:TO> de Chiquim .		943	20	63	0	24			0	24	GBM3G.txt 2016/abr
7	não... GBM2L: olha essi dji <b>boina</b> <+nas1:sb:fs:TO> aí é bem		1,656	11	33	0	49			0	49	GBM2L.txt 2016/mai
8	cercadu ali... es qui <b>comandava</b> <+nas1:vb:3pPIMPl:pre> ês num		2,834	11	86	0	92			0	92	GBF1A.txt 2016/abr
9	Secu tem até/ u teceru... <b>comé</b> <+nas1:prep:TO> qui cê fala né.		1,874	17	75	0	91			0	91	GBF2C.txt 2016/mai
10	deu depois eu vô ti contá/ <b>comé</b> <+nas1:adv:vb:pre> qui foi qui		3,760	62	30	0	84			0	84	GPM3K.txt 2016/abr
11	a reuniãum ... as roniãum <b>comé</b> <+nas1:adv:TO> qui tá u		712	13	75	0	11			0	11	GPM1J.txt 2016/abr
12	.. uma cumbuca cês sabi <b>comé</b> <+nas1:adv:TO> qui é... uma		1,502	25	3%	0	38			0	38	GBM3G.txt 2016/abr
13	.. daqui... GBF2C: <b>comé</b> <+nas1:prep:TO> quieu vê/...		150	30	60	0	7%			0	7%	GBF2C.txt 2016/mai
14	fava... GPM1J: tem qui <b>comé</b> <+nas1:vb:1F:TO> poco sinãum		257	60	42	0	4%			0	4%	GPM1J.txt 2016/abr
15	... pruke num tjinha u qui <b>comé</b> <+nas1:vb:1F:TO> né? a gentji ...		1,068	12	99	0	24			0	24	GPM3K.txt 2016/abr
16	casa num tjinha nada pa <b>comé</b> <+nas1:vb:1F:TO>... intuam a		1,115	14	39	0	25			0	25	GPM3K.txt 2016/abr
17	falu com cê ... tem hora <b>comera</b> <+nas1:vb:3nsPl:nre> uma		3,477	28	24	0	56			0	56	GPM1J.txt 2016/abr

Fonte: Dados da pesquisa.

A vogal alta posterior arredondada nasalizada [ũ] obteve 711 ocorrências (FIGURA 19).

Figura 19 – Casos de nasalidade vogal [ũ]

N	Concordance	Set	Word #	Seni	Seni	Parz	Parz	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	issu aqui benze ... és <b>acustuma</b> <+nas1:vb:3pPl:TO> muito issu.		824	41	32	0	27			0	27	GBF1A.txt 2016/abr.
2	tem pur exemplu ... qui <b>acustuma</b> <+nas1:vb:3pPl:TO> muito...		606	25	43	0	20			0	20	GBF1A.txt 2016/abr.
3	... i a di ispançaum ... vei <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> fêra ai... vinha		1,437	74	83	0	46			0	46	GPM3H.txt 2016/mai
4	nada nãum ... qui marcô/ <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> coisa... ENT.:		457	57	94	0	37			0	37	GBM1K.txt 2016/abr.
5	não... GPM1I: as veze <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> pessoa caça		533	66	17	0	28			0	28	GPM1I.txt 2016/mai
6	é boa... ofereci <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> coisa eu já vô		3,031	46	72	0	78			0	78	GBM3G.txt 2016/abr.
7	tem vontadij dji criá <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> galinha ...		1,747	92	48	0	57			0	57	GBF1A.txt 2016/abr.
8	mesmu assim ... pra criá <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> coisa... veiz a		1,738	92	32	0	57			0	57	GBF1A.txt 2016/abr.
9	vai perguntá... pergunta <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> coisa aí que		308	3	90	0	9%			0	9%	GPF2A.txt 2016/abr.
10	ou não... GPM3H: <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> coisa... ENT.:		1,279	63	75	0	41			0	41	GPM3H.txt 2016/mai
11	es catava títulu... cê tem <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> coisa aí... u tal		1,045	22	18	0	27			0	27	GBM3G.txt 2016/abr.
12	cincu ... nãum ... eles fez <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> casa pela...		2,161	13	23	0	68			0	68	GPM3H.txt 2016/mai
13	( ) pur exemplu ... si tem <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> alguma		2,497	63	13	0	65			0	65	GBF3B.txt 2016/mai
14	anu ... iscrevu... façu <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> operaçaum dji		2,864	43	60	0	73			0	73	GBM3G.txt 2016/abr.
15	meu nomi ... intendê/ <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> letrinha ... mas		167	23	79	0	5%			0	5%	GBM2I.txt 2016/mai
16	setembru ... as veis tem <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> festa assim		491	18	70	0	16			0	16	GBF1A.txt 2016/abr.
17	fil ... si nricisa resoluê/ <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> coisa tá bebo		1,761	99	82	0	56			0	56	GPM3H.txt 2016/mai

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Tabela 4, dispomos a distribuição das vogais nasalizadas por tipo, informamos seu número de ocorrências e percentual.

Tabela 4 – Distribuição das vogais nasalizadas

vogais nasalizadas						
vogais nasalizadas	[ã]	[ẽ]	[ĩ]	[õ]	[ũ]	Total
n.º de ocorrência	938	448	1.076	440	711	<b>3.613</b>
%	<b>25,96%</b>	<b>12,39%</b>	<b>29,78%</b>	<b>12,17%</b>	<b>19,70%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 4 apresenta-nos o número de ocorrência das vogais nasalizadas, distribuídas entre as cinco vogais que assimilaram o abaixamento do véu palatino por estar seguida de um segmento sonoro nasal, na cadeia sonora dos itens lexicais.

A vogal alta anterior não arredondada nasalizada [ĩ] apresentou o maior número de ocorrências 1.076 e com isso o maior índice percentual 29,78% do total geral de ocorrências.

A seguir, a vogal baixa central não arredondada nasalizada [ã] apresentou um total de 938 ocorrências, com índice percentual de 25,96%. Em seguida, temos a vogal alta posterior arredondada nasalizada [ũ] com 711 ocorrências, o que representa 19,70%; a vogal média anterior não arredondada nasalizada [ẽ] obteve 448 ocorrências, em um índice percentual de 12,39%; e a vogal média posterior arredondada nasalizada [õ] teve 440 ocorrências, o que representa um percentual de 12,17% do total de vogais nasalizadas ocorridas na fala dos moradores das comunidades quilombolas de Poções e Brejo dos Crioulos.

Exemplificamos a ocorrência do fenômeno de nasalidade:

- vogal [ã]: ‘danada’ [dã'nada], ‘cama’ ['kãma] e ‘apanha’ [[a'pãna];
- vogal [ẽ]: ‘cenoura’ [sẽ'noʊra], ‘problema’ [pro'blẽma] e ‘tenha’ ['tẽna];
- vogal [õ]: ‘como’ ['kõmo], ‘dona’ ['dõna] e ‘ponho’ ['põno];
- vogal [ĩ]: ‘anima’ [ã'nĩma], ‘assinar’ [aĩ'nah] e ‘pinha’ ['pĩna];
- vogal [ũ]: ‘assumo’ [a'sũmo], ‘único’ ['ũniko] e ‘cunhada’ [kũ'nada].

Nossos dados evidenciaram que o fenômeno pode ocorrer com qualquer uma das cinco vogais orais do PB, exceto as vogais médias-baixas, assim como no caso da nasalização. O *corpus* reportou a um número maior de ocorrência de vogais altas, seguido das ocorrências da vogal baixa e, por fim, as ocorrências das vogais médias. Sendo assim, destacamos que todos os segmentos apresentaram resultados significativos em número de ocorrências.

Na subseção que segue, consideramos os condicionadores hipotetizados como condicionadores de nasalidade. De acordo com nossa hipótese, estes fatores seriam segmento sonoro nasal seguinte, posição da vogal nasalizada quanto ao acento primário e categoria gramatical.

#### **4.2.1. Segmento sonoro nasal seguinte**

Nossos dados evidenciaram 3.613 ocorrências de vogais nasalizadas por terem na cadeia sonora um segmento sonoro nasal seguindo-as. As vogais nasalizadas (casos de nasalidade), considerando seu maior contexto de ocorrência (3.606 ocorrências), deu-se por assimilação do abaixamento do véu palatino da consoante nasal na sílaba imediatamente

seguinte (por exemplo, ‘câma’ [‘kãma]). Em um caso (‘ansim’ [ã’sĩ]), com 6 ocorrências, a assimilação ocorreu em razão da ocorrência de vogal nasal na sílaba seguinte (em contexto não imediatamente seguinte à vogal nasalizada); e, em outro (‘internidade’ [ĩtefĩni’dadʒĩ]), com 1 ocorrência, a assimilação ocorreu em razão da ocorrência de consoante nasal seguindo-a, mas também não em contexto imediatamente seguinte. A seguir, apresentamos os contextos imediatamente seguintes à vogal nasalizada:

- **vogal nasalizada seguida de [m]:** a consoante nasal bilabial vozeada ocorreu, em contexto imediatamente seguinte à vogal nasalizada, em 1.360 casos de nasalidade (37,71%). A Figura 20 a seguir, representa esse contexto:

Figura 20 – Segmento sonoro nasal imediatamente seguinte [m]

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Parz	Parz	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	pras pessoa assim <b>acomodá/</b> <+nas1:vb:IF:pre> ... na nossa		1,782	24	61	0	80			0	80	GPF1F.txt 2016/mai
2	tem pur exemplu ... qui <b>acustuma</b> <+nas1:vb:3pPl:TO> muito...		606	25	43	0	20			0	20	GBF1A.txt 2016/mai
3	issu aqui benze ... és <b>acustuma</b> <+nas1:vb:3pPl:TO> muito issu.		824	41	32	0	27			0	27	GBF1A.txt 2016/mai
4	comprava ... aí aqueli <b>agrimensô</b> <+nas1:sb:ms:pre> pegava		1,250	22	97	0	32			0	32	GBM3G.txt 2016/mai
5	aí... u tal ingenheru <b>agrimensô</b> <+nas1:sb:ms:pre> né... naum		1,051	22	20	0	27			0	27	GBM3G.txt 2016/mai
6	... mas gaguejanu <b>agumas</b> <+nas1:pron:TO> ... ENT.: ah é.		389	15	10	0	11			0	11	GPF2A.txt 2016/mai
7	aqui é doentji ... apareci <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> infermidadij		2,938	66	60	0	88			0	88	GPF3C.txt 2016/mai
8	( ) pur exemplu ... si tem <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> alguma		2,497	63	13	0	65			0	65	GBF3B.txt 2016/mai
9	... i a di ispançãum ... vei <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> fêra aí... vinha		1,437	74	83	0	46			0	46	GPM3H.txt 2016/mai
10	nada nãum ... qui marcô/ <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> coisa... ENT.:		457	57	94	0	37			0	37	GBM1K.txt 2016/mai
11	.. GPM3H: é nasceu <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> ... ENT.:		544	49	10	0	17			0	17	GPM3H.txt 2016/mai
12	... mais tem qui melhorá <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> coisa... ENT.:		868	39	94	0	25			0	25	GPF2A.txt 2016/mai
13	não... GPM1I: as veze <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> pessoa caça		533	66	17	0	28			0	28	GPM1I.txt 2016/mai
14	ou não... GPM3H: <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> coisa... ENT.:		1,279	63	75	0	41			0	41	GPM3H.txt 2016/mai
15	meu nomi ... intendê/ <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> letrinha ... mas		167	23	79	0	5%			0	5%	GBM2I.txt 2016/mai
16	... si tem alguma <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> família ... o		2,498	63	14	0	65			0	65	GBF3B.txt 2016/mai
17	um dia assim ... na <b>alguma</b> <+nas1:pron:TO> pessoa ... i		411	30	36	0	13			0	13	GPM3H.txt 2016/mai

Fonte: Dados da pesquisa.

- **vogal nasalizada seguida de [n]:** a consoante nasal alveolar vozeada, em contexto imediatamente seguinte à vogal nasalizada, também favoreceu o fenômeno da nasalidade, pois chegou a 1.267 ocorrências (35,13%). A Figura 21 a seguir, representa esse contexto:

Figura 21 – Segmento sonoro nasal imediatamente seguinte [n]

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Parz	Parz	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	imbora pra longi ... <b>abandonare</b> <+nas1:vb:3pPPl:pre> us pais...		232	22	73	0	6%		0	6%		GBF3B.txt 2016/mai
2	i comu um pai... num <b>abandonei</b> <+nas1:vb:1pPPl:TO> meus filhu.		534	24	86	0	14		0	14		GBF3B.txt 2016/mai
3	eu... eu nunca ... mim <b>abandoni</b> <+nas1:vb:1pPS:TO> ... u		979	17	53	0	30		0	30		GPF2E.txt 2016/mai
4	.. mais fica im roda... <b>abservanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> aquele		449	24	41	0	25		0	25		GBM3J.txt 2016/mai
5	... quando nois vê qui tá <b>abusanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> djimais du		2,739	15	23	0	81		0	81		GBM2I.txt 2016/mai
6	pedaçu pra otu... i foi <b>acabanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> cum as		1,973	49	67	0	51		0	51		GBF3B.txt 2016/mai
7	otu... e foi ficanu ... foi <b>acabanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> cum a		3,708	30	96	0	60		0	60		GPM1J.txt 2016/mai
8	nos djiisinvê/ qui eu tô/ <b>achanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> muito		2,666	39	86	0	59		0	59		GPM3K.txt 2016/mai
9	as comunidadi eu to <b>achanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> eu to		2,962	46	88	0	66		0	66		GPM3K.txt 2016/mai
10	amigus tem né? eu tô <b>achanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> muito		2,688	40	14	0	60		0	60		GPM3K.txt 2016/mai
11	.. GBF1D: é tô/ <b>achanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> legau...		902	81	33	0	92		0	92		GBF1D.txt 2016/mai
12	atençãum as pessoa... <b>acolhenu</b> <+nas1:vb:GER:TO>... a		3,249	86	75	0	84		0	84		GBF3B.txt 2016/mai
13	guia... aí é sempri <b>acompanhanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> as criança .		499	8	51	0	15		0	15		GPF2E.txt 2016/mai
14	... a gentji tá/ <b>acompanhanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> a lei deli...		1,006	59	92	0	57		0	57		GBM3J.txt 2016/mai
15	da escola pá tá <b>acompanhanu</b> <+nas1:vb:GER:pre:TO> eli ni		145	0	96	0	3%		0	3%		GPM3K.txt 2016/mai
16	pai... eu ficava <b>acompanhanu</b> <+nas1:vb:GER:pre> meu pai...		270	2	54	0	6%		0	6%		GPM3K.txt 2016/mai
17	día deli aí a gentji <b>acompanhava</b> <+nas1:vb:PIMPl:pre> meu pai...		265	2	41	0	6%		0	6%		GPM3K.txt 2016/mai

Fonte: Dados da pesquisa

- **vogal nasalizada seguida de [ɲ]:** a consoante nasal palatal vozeada, em contexto imediatamente seguinte à vogal nasalizada, favoreceu a nasalidade em 979 ocorrências (27,16%). A Figura 22 a seguir, representa esse contexto:

Figura 22 – Segmento sonoro nasal imediatamente seguinte [ɲ]

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Parz	Parz	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	moianu já tem tê <b>abrobinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> ... ENT.:		1,384	58	10	0	51		0	51		GPF3D.txt 2016/mai
2	o mio... já tem tê <b>abrobinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> é que eu		1,364	57	47	0	50		0	50		GPF3D.txt 2016/mai
3	.. aí a gentji <b>acompanha</b> <+nas1:vb:3pPl:TO> dji um		484	8	32	0	15		0	15		GPF2E.txt 2016/mai
4	.. qui a gentji <b>acompanha</b> <+nas1:vb:3pPl:TO> ... u livro		491	8	41	0	15		0	15		GPF2E.txt 2016/mai
5	ficá istudanu eu ia <b>acompanhá</b> <+nas1:vb:IF:TO> meu pai pra		428	6	53	0	10		0	10		GPM3K.txt 2016/mai
6	nãum consegue <b>acompanhá</b> <+nas1:vb:IF:TO> ... mais a		829	6	69	0	37		0	37		GPF1F.txt 2016/mai
7	guia... aí é sempri <b>acompanhanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> as criança .		499	8	51	0	15		0	15		GPF2E.txt 2016/mai
8	.. muito poco... qui <b>acompanhei</b> <+nas1:vb:1pPPl:TO> essa luta.		488	27	92	0	28		0	28		GBM1H.txt 2016/mai
9	.. eu vô/ consiguinu ... <b>acompanhá</b> <+nas1:vb:IF:TO> u		806	6	53	0	36		0	36		GPF1F.txt 2016/mai
10	a gentji tjinha qui <b>acompanhá</b> <+nas1:vb:IF:TO> eli...		3,503	57	79	0	78		0	78		GPM3K.txt 2016/mai
11	fazê/ u negôci... pra <b>acompanhá</b> <+nas1:vb:IF:pre> aqui cum as		1,240	22	93	0	32		0	32		GBM3G.txt 2016/mai
12	da iscola pá tá <b>acompanhanu</b> <+nas1:vb:GER:pre:TO> eli ni		145	0	96	0	3%		0	3%		GPM3K.txt 2016/mai
13	... a gentji tá/ <b>acompanhanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> a lei deli...		1,006	59	92	0	57		0	57		GBM3J.txt 2016/mai
14	pai... eu ficava <b>acompanhanu</b> <+nas1:vb:GER:pre> meu pai...		270	2	54	0	6%		0	6%		GPM3K.txt 2016/mai
15	día deli aí a gentji <b>acompanhava</b> <+nas1:vb:PIMPl:pre> meu pai...		265	2	41	0	6%		0	6%		GPM3K.txt 2016/mai
16	nê... intaum quem <b>acompanhava</b> <+nas1:vb:PIMPl:pre> essi tjipu		2,311	25	88	0	59		0	59		GBM3G.txt 2016/mai
17	sempri eu <b>acompanhei</b> <+nas1:vb:1pPPl:TO> essa luta		470	27	23	0	27		0	27		GBM1H.txt 2016/mai

Fonte: Dados da pesquisa.

Apresentamos a Tabela 5 que sintetiza o percentual de ocorrências das consoantes [m], [n] e [ɲ] em contexto imediatamente seguinte à vogal nasalizada, no dialeto quilombola de Poções e Brejo dos Crioulos. Esclarecemos que o número de ocorrências total desta tabela

possui 7 números de ocorrências menos do que o total da Tabela 4, em razão de termos subtraído as 6 ocorrências de nasalidade condicionada por vogal nasal na sílaba seguinte ('ansim' [ã<sup>1</sup>ĩ]) e 1 ocorrência de nasalidade condicionada por consoante em sílaba não imediatamente seguinte ('internidade' [ĩtefni<sup>1</sup>dadʒɪ]), conforme p. 83.

Tabela 5 – Segmento sonoro imediatamente seguinte

Segmento sonoro nasal	Consoantes nasais			n.º de ocorrências total	%
	[m]	[n]	[ɲ]		
n.º de ocorrências	1.360	1.267	979	<b>3.606</b>	100%
%	<b>37,71%</b>	<b>35,13%</b>	<b>27,16%</b>	<b>100%</b>	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Em estudo anterior, com apenas uma comunidade quilombola do Norte de Minas (SILVA, 2010, p. 68), já havíamos constatado, com base na análise, que o ambiente fonológico imediatamente seguinte – segmento sonoro nasal consonantal – condiciona a ocorrência da nasalidade, pois ocorre uma assimilação do abaixamento do véu palatino da consoante nasal pelas vogais que a precede. Daí, constatamos, a partir de Cavaliere (2005, p. 59), que “esse ambiente fonológico seguinte favorecedor caracteriza assimilação regressiva já que o som modificado se localiza antes do som modificador” (SILVA, 2010, p. 68).

Os dados revelaram uma possível preferência de as vogais assimilarem o abaixamento do véu palatino pela consoante nasal bilabial vozeada [m], seguida pela consoante nasal alveolar vozeada [n] e, por fim, nasal palatal vozeada [ɲ]. Dessa maneira, os dados, em comparação com o que já fora pesquisado por Abaurre e Pagotto (1996), apontam uma possível novidade. Esses pesquisadores afirmaram, a partir de seus dados, que “as consoantes dentais têm uma influência mais forte sobre a nasalização do que as consoantes bilabiais” e, ainda, que “as labiais constituiriam um ponto de menor condicionamento de nasalidade e as palatais, o ponto de maior condicionamento” (*Idem*, p. 512). Diferentemente, nossos dados apontaram para as consoantes nasais labiais como sendo a maior favorecedora do fenômeno. Além de consoantes nasais seguintes às vogais nasalizadas, nossos dados apontaram caso de nasalidade condicionada por vogal nasal, em menor percentual de ocorrência.



Contudo, nos contextos investigados a seguir (posição da vogal nasalizada quanto ao acento primário e categoria gramatical), tratamos apenas dos casos em que havia as consoantes [m], [n] e [ɲ] em contexto imediatamente seguinte à vogal nasalizada. Na próxima subseção, consideramos a posição da vogal nasalizada em relação ao acento primário.

#### 4.2.2 Posição quanto ao acento primário

Consideramos também a nasalidade da vogal de acordo e sua posição em relação ao acento primário do item lexical: posição pretônica, tônica ou postônica:

- **posição pretônica:** levando em consideração a posição pretônica, os dados apontam para 901 ocorrências de vogais nasalizadas nesta posição (25%). A Figura 23, a seguir, representa esse contexto:

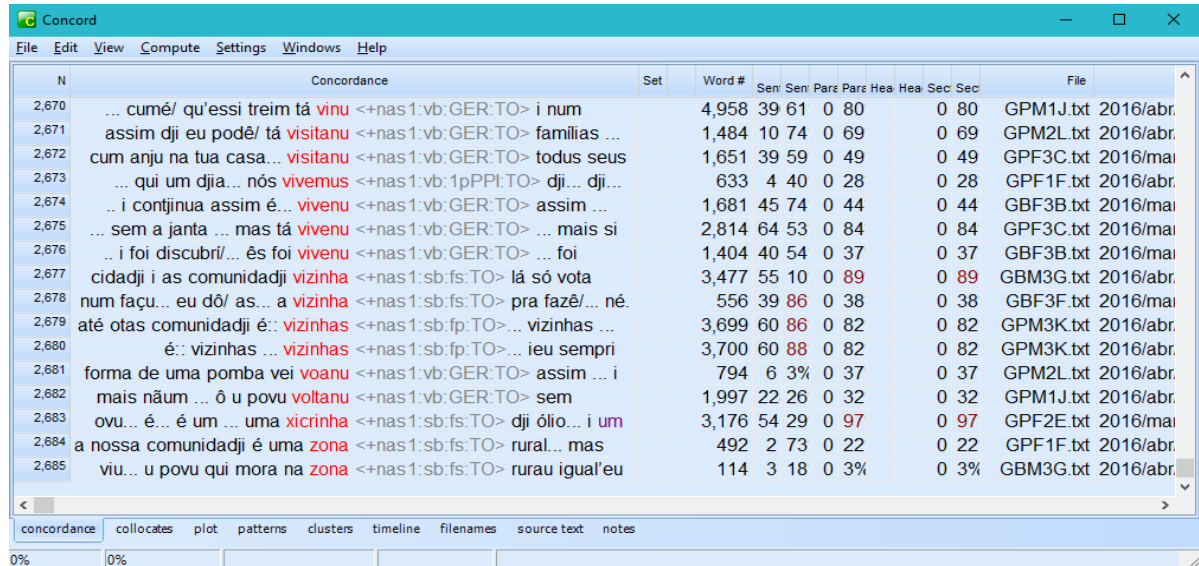
Figura 23 – Posição da vogal nasalizada (pretônica)

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
891	né... tirá/ dji dentu ... i eli <b>tomém</b> <+nas1:adv:pre> quandu tem só		83	1	43	0	6%			0	6%	GBM2L.txt 2016/mai
892	dji saum juaum da pontji <b>tomém</b> <+nas1:adv:pre> nos ajuda...		828	51	71	0	47			0	47	GBM3J.txt 2016/mai
893	qui nós somos pessoas <b>tomém</b> <+nas1:adv:pre> é com a		1,091	10	72	0	49			0	49	GPF1F.txt 2016/abr.
894	chamô/ as duas eu saí <b>tomém</b> <+nas1:adv:pre> num falei mais		2,640	23	78	0	42			0	42	GPM1J.txt 2016/abr.
895	.. só qui a gentji costuma <b>tomém</b> <+nas1:adv:pre> ... né... gentji		1,507	84	16	0	49			0	49	GBF1A.txt 2016/abr.
896	né} GBM1H: é.: um <b>torremim</b> <+nas1:sb:ms:pre> ... dji porcu.		1,413	11	80	0	81			0	81	GBM1H.txt 2016/mai
897	cunhecimentu ... aí eli <b>tumeim</b> <+nas1:adv:pre> falô/... chegô/		90	2	32	0	3%			0	3%	GBF1A.txt 2016/abr.
898	casa cuidá/... ela vai... i <b>tumém</b> <+nas1:adv:pre> ... só ela i a		298	12	53	0	23			0	23	GBM2L.txt 2016/mai
899	aqui... né... i num tjinha <b>tumém</b> <+nas1:adv:pre> fazidu issu		2,333	11	91	0	76			0	76	GBF1A.txt 2016/abr.
900	familia todú mundo é <b>unidu</b> <+nas1:adj:pre> ... mais issu eu		2,650	11	74	0	76			0	76	GPF2A.txt 2016/abr.
901	gentji é tudo... é... tudu <b>unidu</b> <+nas1:vb:PAR:pre> ... favô/ da		914	64	57	0	62			0	62	GBF3F.txt 2016/mai
902	está unido... GBM3J: tá <b>unidu</b> <+nas1:vb:PAR:pre> uá... aqui u		808	51	12	0	46			0	46	GBM3J.txt 2016/mai
903	familia mudô tantu ... nós é <b>unidu</b> <+nas1:adj:pre> ... na nossa		2,642	11	71	0	75			0	75	GPF2A.txt 2016/abr.
904	questãum tamém dji <b>vacinaçaum</b> <+nas1:sb:fs:pre> ... a gentji		773	15	46	0	24			0	24	GPF2E.txt 2016/mai
905	E foi apoiá/ aquela jovi <b>Vanilha</b> <+nas1:sb:fs:pre> ... pra ela dá/		6	0	8%	0	0%			0	0%	GPM3H.txt 2016/mai
906	cum que essi jovem <b>vinhesse</b> <+nas1:vb:3pPIMPS:pre> da		1,248	7	41	0	58			0	58	GPM2L.txt 2016/abr.

Fonte: Dados da pesquisa.

- **posição tônica:** levando em consideração a posição tônica, os dados apontam para de 2.672 ocorrências nesta posição (74,08%). Segundo a literatura sobre a nasalidade, a posição tônica é contexto favorecedor do fenômeno. A Figura 24, a seguir, representa esse contexto:

Figura 24 – Posição da vogal nasalizada (tônica)

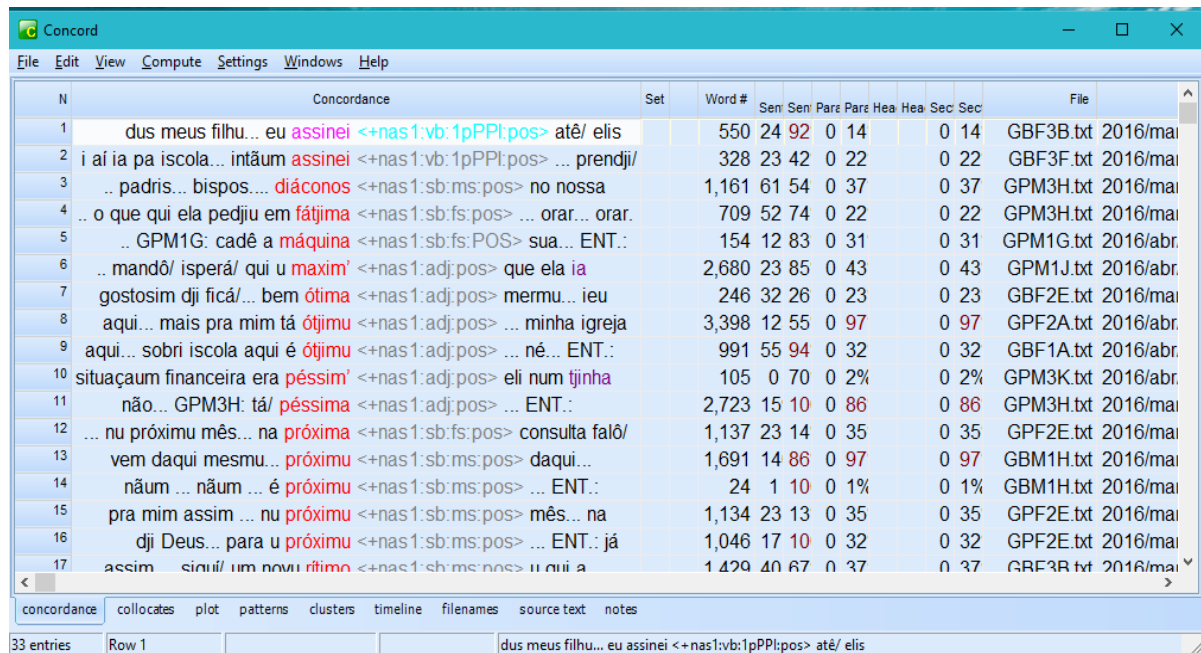


N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
2,670	... cumé/ qu'essi treim tá <b>vinu</b> <+nas1:vb:GER:TO> i num		4,958	39	61	0	80			0	80	GPM1J.txt 2016/abr
2,671	assim dji eu podê/ tá <b>visitanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> familias ...		1,484	10	74	0	69			0	69	GPM2L.txt 2016/abr
2,672	cum anju na tua casa... <b>visitanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> todus seus		1,651	39	59	0	49			0	49	GPF3C.txt 2016/mai
2,673	... qui um djia... nós <b>vivemus</b> <+nas1:vb:1pPPl:TO> dji... dji...		633	4	40	0	28			0	28	GPF1F.txt 2016/abr
2,674	... i continua assim é... <b>vivenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> assim ...		1,681	45	74	0	44			0	44	GBF3B.txt 2016/mai
2,675	... sem a janta ... mas tá <b>vivenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> ... mais si		2,814	64	53	0	84			0	84	GPF3C.txt 2016/mai
2,676	... i foi descubri/... ês foi <b>vivenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> ... foi		1,404	40	54	0	37			0	37	GBF3B.txt 2016/mai
2,677	cidadji i as comunidadji <b>vizinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> lá só vota		3,477	55	10	0	89			0	89	GBM3G.txt 2016/abr
2,678	num façu... eu dô/ as... a <b>vizinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> pra fazê/... né.		556	39	86	0	38			0	38	GBF3F.txt 2016/mai
2,679	até otas comunidadji é: <b>vizinhas</b> <+nas1:sb:fp:TO>... vizinhas ...		3,699	60	86	0	82			0	82	GPM3K.txt 2016/abr
2,680	é: vizinhas ... <b>vizinhas</b> <+nas1:sb:fp:TO>... ieu sempri		3,700	60	88	0	82			0	82	GPM3K.txt 2016/abr
2,681	forma de uma pomba vei <b>voanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> assim ... i		794	6	3%	0	37			0	37	GPM2L.txt 2016/abr
2,682	mais nãum ... ô u povu <b>voltanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> sem		1,997	22	26	0	32			0	32	GPM1J.txt 2016/abr
2,683	ovu... é... é um ... uma <b>xicrinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> dji ólio... i um		3,176	54	29	0	97			0	97	GPF2E.txt 2016/mai
2,684	a nossa comunidadji é uma <b>zona</b> <+nas1:sb:fs:TO> rural... mas		492	2	73	0	22			0	22	GPF1F.txt 2016/abr
2,685	viu... u povu qui mora na <b>zona</b> <+nas1:sb:fs:TO> rurau igual'eu		114	3	18	0	3%			0	3%	GBM3G.txt 2016/abr

Fonte: Dados da pesquisa,

- **posição postônica:** levando em consideração a posição postônica, os dados apontam para 33 ocorrências nesta posição (0,92%). A Figura 25, a seguir, representa esse contexto:

Figura 25 – Posição da vogal nasalizada (postônica)



N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	dus meus filhu... eu <b>assinei</b> <+nas1:vb:1pPPl:pos> até/ elis		550	24	92	0	14			0	14	GBF3B.txt 2016/mai
2	i aí ia pa escola... intãum <b>assinei</b> <+nas1:vb:1pPPl:pos> ... prendji/		328	23	42	0	22			0	22	GBF3F.txt 2016/mai
3	.. padris... bispos... <b>diáconos</b> <+nas1:sb:ms:pos> no nossa		1,161	61	54	0	37			0	37	GPM3H.txt 2016/mai
4	.. o que qui ela pedjiu em <b>fátjima</b> <+nas1:sb:fs:pos> ... orar... orar.		709	52	74	0	22			0	22	GPM3H.txt 2016/mai
5	.. GPM1G: cadê a <b>máquina</b> <+nas1:sb:fs:POS> sua... ENT.:		154	12	83	0	31			0	31	GPM1G.txt 2016/abr
6	.. mandô/ isperá/ qui u <b>maxim'</b> <+nas1:adj:pos> que ela <b>ia</b>		2,680	23	85	0	43			0	43	GPM1J.txt 2016/abr
7	gostosis dji ficá/... bem <b>ótima</b> <+nas1:adj:pos> mermu... ieu		246	32	26	0	23			0	23	GBF2E.txt 2016/mai
8	aqui... mais pra mim tá <b>ótjimu</b> <+nas1:adj:pos> ... minha igreja		3,398	12	55	0	97			0	97	GPF2A.txt 2016/abr
9	aqui... sobri iscola aqui é <b>ótjimu</b> <+nas1:adj:pos> ... né... ENT.:		991	55	94	0	32			0	32	GBF1A.txt 2016/abr
10	situaçaum financeira era <b>péssima</b> <+nas1:adj:pos> eli num <b>tjinha</b>		105	0	70	0	2%			0	2%	GPM3K.txt 2016/abr
11	não... GPM3H: tá/ <b>péssima</b> <+nas1:adj:pos> ... ENT.:		2,723	15	10	0	86			0	86	GPM3H.txt 2016/mai
12	... nu próximo mês... na <b>próxima</b> <+nas1:sb:fs:pos> consulta falô/		1,137	23	14	0	35			0	35	GPF2E.txt 2016/mai
13	vem daqui mesmu... <b>próximo</b> <+nas1:sb:ms:pos> daqui...		1,691	14	86	0	97			0	97	GBM1H.txt 2016/mai
14	nãum ... nãum ... é <b>próximo</b> <+nas1:sb:ms:pos> ... ENT.:		24	1	10	0	1%			0	1%	GBM1H.txt 2016/mai
15	pra mim assim ... nu <b>próximo</b> <+nas1:sb:ms:pos> mês... na		1,134	23	13	0	35			0	35	GPF2E.txt 2016/mai
16	dji Deus... para u <b>próximo</b> <+nas1:sb:ms:pos> ... ENT.:		1,046	17	10	0	32			0	32	GPF2E.txt 2016/mai
17	assim ... siqui/ um novu <b>ritimo</b> <+nas1:sb:ms:pos> u qui a		1,429	40	67	0	37			0	37	GBF3B.txt 2016/mai

Fonte: Dados da pesquisa.



A Tabela 6, a seguir, apresenta o percentual de ocorrência de nasalidade, considerando a posição da vogal nasalizada em relação ao acento primário. Segundo Silva (2005, p. 121), “os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram”:

Tabela 6 – Posição da vogal nasalizada em relação ao acento primário

<b>posição da vogal nasalizada</b>	<b>pretônica</b>	<b>tônica</b>	<b>postônica</b>	<b>total</b>
n.º ocorrências	901	2.672	33	<b>3.606</b>
%	25,0%	74,08%	0,92%	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto à posição da vogal nasalizada em relação ao acento primário, o fenômeno da nasalidade totalizou 3.606 ocorrências.

A Tabela 6 permite-nos afirmar que a posição tônica (74,08%) favorece o fenômeno da nasalidade no dialeto quilombola do Norte de Minas, por exemplo, como ocorre em ‘abobrinha’ [abo**ʔ**riɲa], ‘acostuma’ [ako**s**ʔũma], ‘aluno’ [a**ʔ**lũno]. Com um valor percentual também expressivo, a posição pretônica também favorece a nasalidade (25,0%) como ocorre nos exemplos ‘amado’ [ã**ʔ**mado], ‘amanhecido’ [a**m**ãɲeʔsido], ‘analfabeto’ [ã**n**awfaʔbeto]. A posição postônica, conforme nossos dados, não parece favorecer a nasalidade dado o baixo percentual de ocorrência (0,92%) do fenômeno nesta posição.

Dessa maneira, os dados desta pesquisa convergem para o que foi exposto por Silva (2005, p. 121). Para ela, “[...] em vários dialetos da região Sudeste, uma vogal tônica é obrigatoriamente nasalizada quando seguida de consoante nasal [...]” e, “[...] em dialetos do Nordeste do Brasil, toda vogal (tônica ou pretônica) seguida de consoante nasal é obrigatoriamente nasalizada [...]”.

A Tabela 6 também aponta para o trabalho de análise da nasalidade das vogais de Abaurre e Pagotto (1996), em que se evidenciou ser a sílaba acentuada a que favorece o fenômeno nasalidade. Além disso, corrobora os resultados de Coelho e Nazário (2007, p. 12), em que a nasalidade tende a ocorrer em sílaba tônica: “[...] com esse resultado, compreende-se que quando a variável ocorre em sílaba tônica há um emprego quase categórico [...]”.

Na próxima subseção, consideramos o fenômeno em relação às categorias gramaticais.

### 4.2.3 Categoria gramatical

Pelo fato de alguns fenômenos linguísticos ocorrerem, específica ou preferencialmente, em algumas categorias gramaticais, hipotetizamos que esse fator poderia condicionar a nasalidade. Para tanto, categorizamos os dados que apresentaram nasalidade em categorias gramaticais e identificamos as seguintes categorias: adjetivo, advérbio, numeral, preposição, pronome, substantivo e verbo. A seguir, analisamos cada uma delas:

- **adjetivo:** nesta categoria gramatical, obtivemos 86 ocorrências de nasalidade (2,38%). A Figura 26, a seguir, representa essa categoria:

Figura 26 – Categoria gramatical (adjetivo)

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
73	ai quando foi nu prazu <b>prometidu</b> <+nas1:adj:pre>... saiu <b>dji</b> lá... i		2,070	25	63	0	53			0	53	GBM3G.txt 2016/abr
74	.. é desejá/ mau pru <b>próximo</b> <+nas1:adj:pós> ... pus <b>vizim</b> ...		2,498	11	25	0	71			0	71	GPF2A.txt 2016/abr
75	dentu du quartu... <b>quetinha</b> <+nas1:adj:TO> dentu <b>du</b> quartu.		1,477	23	91	0	45			0	45	GPF2E.txt 2016/mai
76	viu falá qui... quem é:: <b>reman</b> <+nas1:sb:adj:pre> ..		2,470	30	21	0	76			0	75	GPF2E.txt 2016/mai
77	.. quem é:: reman .. <b>remacente</b> <+nas1:sb:adj:pre> quilombola		2,472	30	23	0	76			0	75	GPF2E.txt 2016/mai
78	na nossas... é:: <b>remanescência</b> <+nas1:adj:pre> ... na <b>nossa</b> ...		573	2	97	0	26			0	26	GPF1F.txt 2016/abr
79	GPM1J: num é muito <b>salgadona</b> <+nas1:adj:TO> nãum ... <b>ENT</b> ..		5,434	46	86	0	87			0	87	GPM1J.txt 2016/abr
80	pruque a minha filha <b>sonhadora</b> <+nas1:adj:pre> dji <b>casá</b> /... vai		241	2	90	0	7%			0	7%	GPF3C.txt 2016/mai
81	nós preparamu ... a fé <b>tamaim</b> <+nas1:adj:pre> que é <b>a</b> obra		2,259	25	58	0	69			0	69	GPF2E.txt 2016/mai
82	.. cantava ... ai.. jovi muito <b>tjimi</b> <+nas1:adj:TO> ... começô/ ...		59	0	82	0	2%			0	2%	GPM3H.txt 2016/mai
83	tempu ela é <b>tjstjmunhada</b> <+nas1:adj:pre> ... porque <b>tudu</b>		1,460	37	33	0	44			0	44	GPF3C.txt 2016/mai
84	foi o homi qui inventô/ ... a <b>única</b> <+nas1:adj:TO> coisa <b>qui</b> num é		1,842	15	33	0	84			0	84	GPF1B.txt 2016/abr
85	im todus us lugares... é a <b>única</b> <+nas1:adj:TO> coisa <b>qui</b> eli		2,104	15	69	0	96			0	96	GPF1B.txt 2016/abr
86	qui Deus inviô/ um só <b>unicu</b> <+nas1:adj:TO> filhu <b>queli</b> tjinha		2,047	47	72	0	61			0	61	GPF3C.txt 2016/mai
87	familia todú mundo é <b>unidu</b> <+nas1:adj:pre> ... mais <b>issu</b> eu		2,650	11	74	0	76			0	76	GPF2A.txt 2016/abr
88	familia mudô tantu ... nós é <b>unidu</b> <+nas1:adj:pre> ... na <b>nossa</b>		2,642	11	71	0	75			0	75	GPF2A.txt 2016/abr

Fonte: Dados da pesquisa.

- **advérbio:** nesta categoria gramatical, obtivemos 261 ocorrências de nasalidade (7,22%). A Figura 27, a seguir, representa essa categoria:

Figura 27 – Categoria gramatical (advérbio)

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Parz	Parz	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	seus cumpanheru ... aí <b>afinal</b> <+nas1:adv:pre> dji conta eli		1,533	25	7%	0	39		0	39		GBM3G.txt 2016/abr.
2	... uma cumbuca cês sabi <b>comé</b> / <+nas1:adv:TO> qui é... uma		1,502	25	3%	0	38		0	38		GBM3G.txt 2016/abr.
3	deu depois eu vô ti contá/ <b>comé</b> / <+nas1:adv:vb:pre> qui foi qui		3,760	62	30	0	84		0	84		GPM3K.txt 2016/abr.
4	a reuniãum ... as roniãum <b>comé</b> / <+nas1:adv:TO> qui tá u		712	13	75	0	11		0	11		GPM1J.txt 2016/abr.
5	aqueli... aqueli é... é <b>como</b> <+nas1:adv:TO> é qui fala u... u		695	8	61	0	15		0	15		GPM3K.txt 2016/abr.
6	qui nós já foi reconhecido <b>como</b> <+nas1:adv:TO> remanescentji		2,607	39	41	0	58		0	58		GPM3K.txt 2016/abr.
7	... faz a visita na casa... vê <b>como</b> <+nas1:adv:TO> que tá/... a		509	8	64	0	16		0	16		GPF2E.txt 2016/mai
8	em deus foi a seguintji ... <b>como</b> <+nas1:adv:TO> eu tava tji		60	0	54	0	3%		0	3%		GPM2L.txt 2016/abr.
9	pai morreu... aqui cê sabe <b>como</b> <+nas1:adv:TO> é qui é... eu		765	18	72	0	20		0	20		GBM3G.txt 2016/abr.
10	povu porque... eu... ieu <b>como</b> <+nas1:adv:TO> diretô/ dji		3,908	65	37	0	87		0	87		GPM3K.txt 2016/abr.
11	igreja... comu a come ... <b>comu</b> <+nas1:adv:TO> a cometarista .		42	0	18	0	2%		0	2%		GPF1F.txt 2016/abr.
12	cheia só qui... ((risos)) <b>comu</b> <+nas1:adv:TO> dize a		1,299	16	64	0	29		0	29		GPM3K.txt 2016/abr.
13	participu aqui da igreja... <b>comu</b> <+nas1:adv:TO> a come ...		38	0	16	0	2%		0	2%		GPF1F.txt 2016/abr.
14	recunhecia a gentji <b>comu</b> <+nas1:adv:TO> poco valô/...		556	2	92	0	25		0	25		GPF1F.txt 2016/abr.
15	vez essas pessoas é... <b>comu</b> <+nas1:adv:TO> eu ia istudá/ au		303	2	16	0	14		0	14		GPF1F.txt 2016/abr.
16	... na nossa... na nossa... <b>comu</b> <+nas1:adv:TO> fala... na nossa.		579	2	99	0	26		0	26		GPF1F.txt 2016/abr.
17	né privilegiada <b>comu</b> <+nas1:adv:TO> a quilombola		66	0	29	0	3%		0	3%		GPF1F.txt 2016/abr.

Fonte: Dados da pesquisa.

- **numeral**: nesta categoria gramatical, obtivemos 348 ocorrências de nasalidade (9,63%). A Figura 28, a seguir, representa essa categoria:

Figura 28 – Categoria gramatical (numeral)

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Parz	Parz	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	méis de abriu... dji <b>djizenovi</b> <+nas1:num:pre> pur aí... dji		1,265	10	68	0	73		0	73		GBM1H.txt 2016/mai
2	... ontem mermu... dji <b>djizenovi</b> <+nas1:num:pre> ... tevi a reza		668	29	69	0	22		0	22		GBF1A.txt 2016/abr.
3	através de um sonhu ... <b>duma</b> <+nas1:num:fs:TO> visãum ...		953	6	42	0	44		0	44		GPM2L.txt 2016/abr.
4	até/ hoji... tji ranu ... tji ranu <b>duma</b> <+nas1:num:fs:TO> fêra qui nós		772	13	86	0	12		0	12		GPM1J.txt 2016/abr.
5	... na cidadji... entrá/ dentu <b>duma</b> <+nas1:num:fs:TO> casa chiqui.		2,561	63	44	0	67		0	67		GBF3B.txt 2016/mai
6	... aí intãum eu fui trabaiá <b>numa</b> <+nas1:num:TO> fazenda		221	2	85	0	6%		0	6%		GPF2A.txt 2016/abr.
7	dessa criança ... <b>numa</b> <+nas1:num:TO> criança ...		2,014	24	72	0	62		0	61		GPF2E.txt 2016/mai
8	atravessô/... dji lá cês saiu <b>numa</b> <+nas1:num:TO> ota estrada		1,932	13	50	0	57		0	57		GBM2L.txt 2016/mai
9	uma dona choranu eu tô <b>numa</b> <+nas1:num:TO> votadji dji dá/		2,128	22	96	0	99		0	99		GPM2L.txt 2016/abr.
10	criança ... numa criança ... <b>numa</b> <+nas1:num:TO> pessoa normal.		2,017	24	73	0	62		0	61		GPF2E.txt 2016/mai
11	aí im vista que ieu fiquei <b>numa</b> <+nas1:num:TO> casa nem ... i		2,186	89	42	0	80		0	80		GPF3D.txt 2016/mai
12	negra tem ... tem dji entrá/ <b>numa</b> <+nas1:num:TO> faculdadj...		1,280	14	80	0	57		0	57		GPF1F.txt 2016/abr.
13	essa vida defecientji ... <b>numa</b> <+nas1:num:TO> pessoa normal.		2,064	24	80	0	63		0	63		GPF2E.txt 2016/mai
14	... antigamentji ... eu <b>numa</b> <+nas1:num:TO> faxa dus dez		238	24	43	0	49		0	49		GPM1G.txt 2016/abr.
15	... uma época eli pôs fogo <b>numa</b> <+nas1:num:TO> manga deli lá i		1,359	73	30	0	77		0	77		GBM3J.txt 2016/mai
16	um dji moçu... na... na... <b>numa</b> <+nas1:num:TO> quarta pa...		156	1	16	0	7%		0	7%		GPM2L.txt 2016/abr.
17	baturu dança batenu <b>numa</b> <+nas1:num:TO> cava né i		720	79	56	0	35		0	35		GBF2C.txt 2016/mai

Fonte: Dados da pesquisa.

- **preposição:** nesta categoria gramatical, obtivemos 13 ocorrências de nasalidade (0,42%). A Figura 29, a seguir, representa essa categoria:

Figura 29 – Categoria gramatical (preposição)

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Parz	Parz	Hea	Hea	Sec	Sec	File	Date
1	Secu tem até/ u teceru... <b>comé/ &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> qui cê fala né.		1,874	17	75	0	91			0	91	GBF2C.txt	2016/mar/1
2	.. daqui... GBF2C: <b>comé/ &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> quieu vê/...		150	30	60	0	7%			0	7%	GBF2C.txt	2016/mar/1
3	.. assim num tem ... isquici <b>comu &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> qui fala... ENT.		948	10	92	0	77			0	77	GBM1K.txt	2016/abr/16
4	podji nãum ... falei vô/ <b>cumé/ &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> qui mandô/		2,465	23	48	0	40			0	40	GPM1J.txt	2016/abr/16
5	sentadu ... um chegô/... <b>cumé/ &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> qui chama a		2,369	23	32	0	38			0	38	GPM1J.txt	2016/abr/16
6	cum cê/ aí... aí ela falô/... <b>cumé/ &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> qui cê chama .		2,518	23	57	0	40			0	40	GPM1J.txt	2016/abr/16
7	lá pertu du morrãum ... <b>cumé/ &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> qui sapu qui		6,096	50	92	0	98			0	98	GPM1J.txt	2016/abr/16
8	qui tá cumenu ... <b>cumé/ &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> qu'essi treim		4,954	39	58	0	80			0	80	GPM1J.txt	2016/abr/16
9	maridu farta das vista <b>cumé/ &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> qui a pessoa		257	9	64	0	9%			0	9%	GPF3D.txt	2016/mar/2
10	negru... i... num tem é... <b>cumé/ &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> qui é qui fala.		938	10	50	0	76			0	76	GBM1K.txt	2016/abr/16
11	coisa dji num tê/ nada... <b>cumé/ &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> qui o médjicu		2,070	22	67	0	33			0	33	GPM1J.txt	2016/abr/16
12	Poções... GPM1J: cê fala <b>cumé/ &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> qui foi... ENT.:		871	14	71	0	14			0	14	GPM1J.txt	2016/abr/16
13	separaçãum é muito tristji <b>p'uma &lt;+nas1:prep:TO&gt;</b> mãim Wagna.		148	2	32	0	4%			0	4%	GPF3C.txt	2016/mar/2

Fonte: Dados da pesquisa.

- **pronome:** nesta categoria gramatical, obtivemos 277 ocorrências de nasalidade (7,67%). A Figura 30, a seguir, representa essa categoria:

Figura 30 – Categoria gramatical (pronome)

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Parz	Parz	Hea	Hea	Sec	Sec	File	Date
262	verdadji queu vi nossa <b>senhora &lt;+nas1:pron:pre&gt;</b> mermu eu vi i		889	6	26	0	41			0	41	GPM2L.txt	2016/abr/16
263	.. é u pedjidu dji nossa <b>senhora &lt;+nas1:pron:pre&gt;</b> ... o que qui		600	52	14	0	19			0	19	GPM3H.txt	2016/mar/16
264	é um pedjidu dji nossa <b>senhora &lt;+nas1:pron:pre&gt;</b> ... o que qui a		644	52	38	0	20			0	20	GPM3H.txt	2016/mar/16
265	.. é u pedidu dji nossa <b>senhora &lt;+nas1:pron:pre&gt;</b> ... orar... orar.		615	52	22	0	19			0	19	GPM3H.txt	2016/mar/16
266	é um pedjidu de nossa <b>senhora &lt;+nas1:pron:pre&gt;</b> ... a família da		659	52	46	0	21			0	21	GPM3H.txt	2016/mar/16
267	.. dji... podê vê nossa <b>senhora &lt;+nas1:pron:pre&gt;</b> assim cum o		1,675	15	73	0	78			0	78	GPM2L.txt	2016/abr/16
268	semana pedjiru nossa <b>senhora &lt;+nas1:pron:pre&gt;</b> um sinal i qui		1,722	16	78	0	80			0	80	GPM2L.txt	2016/abr/16
269	pagá/ uma taxazinha i... u <b>sinhô &lt;+nas1:pron:TO&gt;</b> té/ uma		1,119	22	46	0	29			0	29	GBM3G.txt	2016/abr/16
270	.. preguntava ... ô meu <b>sinhô/ &lt;+nas1:pron:TO&gt;</b> ... minha		978	20	88	0	25			0	25	GBM3G.txt	2016/abr/16
271	tá venu aqui... é seu meu <b>sinhô &lt;+nas1:pron:TO&gt;</b> ... ô minha		1,157	22	61	0	30			0	30	GBM3G.txt	2016/abr/16
272	u tempu ... chegô/ um <b>sinhô/ &lt;+nas1:pron:TO&gt;</b> aí falanu ... ô		1,809	25	36	0	46			0	46	GBM3G.txt	2016/abr/16
273	Firmina ... quando esse <b>sinhô/ &lt;+nas1:pron:TO&gt;</b> chegô/ lá ela		1,423	24	78	0	36			0	36	GBM3G.txt	2016/abr/16
274	meu piquenu i tudu... i eu <b>sinhô/ &lt;+nas1:pron:TO&gt;</b> arranchô/ ...		1,450	24	90	0	37			0	37	GBM3G.txt	2016/abr/16
275	... do lugá/ qui cê mora... u <b>sinhô &lt;+nas1:pron:TO&gt;</b> vai mim		1,136	22	53	0	29			0	29	GBM3G.txt	2016/abr/16
276	aqui essi circluzim qui o <b>sinhô &lt;+nas1:pron:TO&gt;</b> tá venu aqui...		1,150	22	58	0	29			0	29	GBM3G.txt	2016/abr/16
277	... ô meu <b>sinhô/ ... minha sinhora &lt;+nas1:pron:TO&gt;</b> ... ucê mora...		980	20	89	0	25			0	25	GBM3G.txt	2016/abr/16

Fonte: Dados da pesquisa.

- **substantivo:** nesta categoria gramatical, obtivemos 1.231 ocorrências de nasalidade (34,11%). A Figura 31, a seguir, representa essa categoria:

Figura 31 – Categoria gramatical (substantivo)

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Seni	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1	moianu já tem tê <b>abrobinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> ... ENT.:		1,384	58	10	0	51			0	51	GPF3D.txt 2016/mai
2	o mio... já tem tê <b>abrobinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> é <b>que</b> eu		1,364	57	47	0	50			0	50	GPF3D.txt 2016/mai
3	completo... GBM3G: <b>Adelino</b> <+nas1:sb:ms:TO> Pereira <b>dji</b>		2,772	35	15	0	71			0	71	GBM3G.txt 2016/abr.
4	seu nome... GBM1H: <b>Adelino</b> <+nas1:sb:ms:TO> ... tenho <b>24</b>		1,726	14	43	0	99			0	99	GBM1H.txt 2016/mai
5	comprava ... aí aquele <b>agrimensô</b> <+nas1:sb:ms:pre> pegava		1,250	22	97	0	32			0	32	GBM3G.txt 2016/abr.
6	aí... u tal ingenheru <b>agrimensô</b> <+nas1:sb:ms:pre> né... <b>naum</b>		1,051	22	20	0	27			0	27	GBM3G.txt 2016/abr.
7	... era soltera... i ela era <b>albina</b> <+nas1:sb:fs:TO> ... essa		1,139	14	91	0	25			0	25	GPM3K.txt 2016/abr.
8	podji usá... brusinha de <b>alcinha</b> <+nas1:sb:fs:TO> ... calça...		2,975	12	15	0	85			0	85	GPF2A.txt 2016/abr.
9	dji água i colocava prus <b>alimais</b> <+nas1:sb:mp:TO> ... memmu		782	11	51	0	23			0	23	GPF3C.txt 2016/mai
10	os animais... GPF3C: us <b>alimais</b> <+nas1:sb:mp:TO> ... pra <b>quem</b>		749	11	6%	0	22			0	22	GPF3C.txt 2016/mai
11	qui num criu bichu di <b>alimau</b> <+nas1:sb:ms:TO> ... eu tenho		2,125	49	63	0	64			0	64	GPF3C.txt 2016/mai
12	é qui plantamus ... qui <b>alimentu</b> <+nas1:sb:ms:pre> servidu...		125	0	54	0	6%			0	6%	GPF1F.txt 2016/abr.
13	... temos principalmentji <b>alimentus</b> <+nas1:sb:mp:pre> é <b>qui</b>		119	0	52	0	5%			0	5%	GPF1F.txt 2016/abr.
14	muitu tempu ... ô... uma <b>aluna</b> <+nas1:sb:fs:TO> memmu minha		321	2	21	0	14			0	14	GPF1F.txt 2016/abr.
15	... é pirigoso u ômbus dus <b>alunu</b> <+nas1:sb:ms:TO> qui istuda im		1,264	50	28	0	36			0	36	GPF2A.txt 2016/abr.
16	assim no dji <b>amanhã</b> <+nas1:sb:ms:pre> ... elis vinhê/		1,998	49	76	0	52			0	52	GBF3B.txt 2016/mai
17	e vô nra montiis claris <b>amanhã</b> <+nas1:sb:ms:pre> ... foi		362	1	91	0	17			0	17	GPM2L.txt 2016/abr.

Fonte: Dados da pesquisa.

- **verbo:** nesta categoria gramatical, obtivemos 1.390 ocorrências de nasalidade (38,57%). A Figura 32, a seguir, representa essa categoria:

Figura 32 – Categoria gramatical (verbo)

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Seni	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File
1,379	cum que essi jovem <b>vinhesse</b> <+nas1:vb:3pPIMPS:pre> da		1,248	7	41	0	58			0	58	GPM2L.txt 2016/abr.
1,380	é limpa... GPF1B: o pipa ta <b>vino</b> <+nas1:vb:GER:TO> ... mas <b>só</b>		1,086	10	23	0	50			0	50	GPF1B.txt 2016/abr.
1,381	... mas agora que o pipo tá <b>vino</b> <+nas1:vb:GER:TO> mas <b>só</b>		1,055	10	73	0	48			0	48	GPF1B.txt 2016/abr.
1,382	mesmu hoje... tá/ <b>vino</b> <+nas1:vb:GER:TO> um projeto		1,290	65	17	0	41			0	41	GPM3H.txt 2016/mai
1,383	... tá inu pra lá i ficô/ qui tava <b>vinu</b> <+nas1:vb:GER:TO> ... ia <b>tê/</b>		4,811	39	65	0	77			0	77	GPM1J.txt 2016/abr.
1,384	... cumê/ qu'essi treim tá <b>vinu</b> <+nas1:vb:GER:TO> i <b>num</b>		4,958	39	61	0	80			0	80	GPM1J.txt 2016/abr.
1,385	du povu... quilombola tá <b>vinu</b> <+nas1:vb:GER:TO> ... tá aquilu		4,930	39	40	0	79			0	79	GPM1J.txt 2016/abr.
1,386	i tá cumenu ... i num tá <b>vinu</b> <+nas1:vb:GER:TO> ... essa		4,973	39	73	0	80			0	80	GPM1J.txt 2016/abr.
1,387	cum anju na tua casa... <b>visitanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> todus <b>seus</b>		1,651	39	59	0	49			0	49	GPF3C.txt 2016/mai
1,388	assim dji eu podê/ tá <b>visitanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> familias ...		1,484	10	74	0	69			0	69	GPM2L.txt 2016/abr.
1,389	... qui um dji... nós <b>vivemus</b> <+nas1:vb:1pPPI:TO> dji... <b>dji</b> ...		633	4	40	0	28			0	28	GPF1F.txt 2016/abr.
1,390	... i foi descubri/... ês foi <b>vivenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> ... foi		1,404	40	54	0	37			0	37	GBF3B.txt 2016/mai
1,391	... sem a janta ... mas tá <b>vivenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> ... mais <b>si</b>		2,814	64	53	0	84			0	84	GPF3C.txt 2016/mai
1,392	... i contjnuu assim é... <b>vivenu</b> <+nas1:vb:GER:TO> assim ...		1,681	45	74	0	44			0	44	GBF3B.txt 2016/mai
1,393	forma de uma pomba vei <b>voanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> assim ... i		794	6	3%	0	37			0	37	GPM2L.txt 2016/abr.
1,394	mais nãum ... ô u povu <b>voltanu</b> <+nas1:vb:GER:TO> sem		1,997	22	26	0	32			0	32	GPM1J.txt 2016/abr.

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 7 sintetiza a ocorrência da nasalidade, considerando as categorias gramaticais em que o fenômeno ocorreu.

Tabela 7 – Categoria gramatical dos itens lexicais nasalizados

	adj	adv	num	prep	pron	sb	vb	total
n.º de oc.	86	261	348	13	277	1.231	1.390	3.606
%	2,38%	7,22%	9,63%	0,42%	7,67%	34,11%	38,57%	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

num: numeral

sb: substantivo

adj: adjetivo

adv: advérbio

pron: pronome

prep: preposição

vb: verbo

oc.: ocorrências

De acordo com a Tabela 7, a categoria dos **verbos** aparece com um percentual de (38,57%), logo favorece o fenômeno de nasalidade, como ocorre em ‘pudemos’ [pu'dêmus], ‘chamada’ [ʃã'madə], ‘tenhu’ [têɲu], ‘começa’ [kũ'mesə] e ‘prometeu’ [prõ'meteu]. Em seguida, aparece a categoria dos **substantivos**, com um percentual de 34,11%, como em ‘zona’ [zõnə], ‘ano’ [ãnu], ‘cozinha’ [kũ'ʒĩnə] e ‘aranha’ [a'rãɲə]. A categoria gramatical dos **numerais** apresentou um percentual de 9,63%, como ocorre em ‘primeira’ [prĩ'meĩra] e ‘quinhentas’ [kĩ'nêtas]. Segue a categoria dos **pronomes**, com um percentual de 7,67%, como em ‘menus’ [mẽnus] e ‘minha’ [mĩɲə]. A categoria dos **advérbios** surge a seguir com um percentual de 7,22%, como nos itens lexicais ‘comu’ [kõmu] e ‘dimais’ [dʒĩ'maĩs]. Posteriormente, aparece a categoria dos **adjetivos** com um percentual 2,38%, exemplificado por ‘sonhadora’ [sõ'ɲadorə], ‘piquena’ [pi'kẽnə], ‘tímido’ [tʃĩmidu] e ‘única’ [ũnikə]. Por fim, a categoria das **preposições** com um percentual de 0,42%, como em ‘sinão’ [sĩ'nãu]. Em pesquisa anterior (SILVA, 2010, p. 68), observamos que a categoria dos verbos foi a categoria que mais contribuiu para a ocorrência da nasalidade no dialeto quilombola lá investigado. Na ocasião, o resultado apontou que a nasalidade ocorre, “preferencialmente, na categoria gramatical verbo, embora tenha ocorrido em substantivos, adjetivos, pronomes e advérbios, com um menor percentual”. E, nesta pesquisa atual, novamente, os dados permitem-nos

afirmar que o fenômeno da nasalidade não ocorre de maneira categórica em uma categoria gramatical.

Alves (2014), em estudo recente do falar dos quilombolas do Norte de Minas, também refutou a hipótese de que existe uma categoria gramatical que favorece a ocorrência de nasalidade de vogais. Seu resultado apontou para as categorias dos adjetivos e advérbios como condicionadoras do fenômeno. Segundo ele,

vemos que as categorias gramaticais que são determinadas tendem a conservar mais a sua estrutura fonológica, diferentemente do que acontece com as categorias gramaticais modificadoras, ou determinantes, as quais são mais susceptíveis a modificações na sua estrutura no processo variável de alternância de qualidade vocálica [...] (ALVES, 2014, p. 117).

Na próxima subseção, apresentamos o tratamento acústico das vogais orais e nasalizadas extraídas da fala espontânea dos quilombolas.

### **4.3 Análise acústica das vogais orais e nasalizadas**

Realizamos a análise acústica (F1 e F2) dos segmentos vocálicos orais pronunciados pelos quilombolas; em seguida, procedemos à análise acústica dos segmentos vocálicos nasalizados seguidos de uma consoante nasal e contrastamos os resultados entre as duas comunidades de fala investigadas.

#### **4.3.1 Análise acústica das vogais orais**

Conforme descrição na metodologia, os formantes (F1 e F2) desta pesquisa foram gerados de forma automática, ao selecionarmos uma dada vogal, através do *Praat*. A geração dos F1 e F2 dá-se pela frequência, isto é, o quanto de energia é utilizado na produção da fala de um determinado locutor.

#### 4.3.1.1 F1 e F2 das vogais orais do GP

Esclarecemos que a representação dos formantes, nos quadros a seguir, está apresentada da seguinte maneira: F1/F2, respectivamente. No Quadro 15, apresentamos os F1 e F2 das vogais orais dos locutores femininos do GP.

Quadro 15 – F1/F2 das vogais orais de locutores femininos do GP

vogal	<b>GPF2A</b>	<b>GPF1B</b>	<b>GPF3C</b>	<b>GPF3D</b>	<b>GPF2E</b>	<b>GPF1F</b>
[a]	840/1421	754/1491	762/1489	649/1417	735/1406	832/1447
[e]	433/1396	452/1705	384/2323	335/2077	321/2299	668/2180
[ɛ]	629/1527	652/1661	581/999	556/1504	472/1110	484/1549
[i]	299/1364	370/1933	292/2249	340/2008	333/1814	380/918
[o]	453/914	479/923	461/1002	382/683	358/874	628/916
[ɔ]	605/1217	650/1136	487/1065	633/1058	706/1154	683/1340
[u]	421/1717	342/962	262/924	373/979	270/642	545/1327

Fonte: Dados coletados para a pesquisa.

Por sua vez, apresentamos, no Quadro 16, os F1 e F2 das vogais orais extraídos da fala de locutores masculinos do GP.

Quadro 16 – F1/F2 das vogais orais de locutores masculinos do GP

vogal	<b>GPM1G</b>	<b>GPM3H</b>	<b>GPM1I</b>	<b>GPM1J</b>	<b>GPM3K</b>	<b>GPM2L</b>
[a]	718/1111	680/2250	718/983	728/1104	580/1249	685/1367
[e]	408/1629	331/942	491/2185	318/2265	324/1883	575/1181
[ɛ]	574/1562	513/1836	656/1155	402/1809	439/1528	486/1164
[i]	423/1386	503/2089	379/610	320/1565	269/2028	297/1074
[o]	625/1009	400/1348	518/1721	467/747	424/1056	417/1296
[ɔ]	556/1567	462/808	604/831	460/869	473/1095	532/1099
[u]	536/1074	353/1897	388/588	362/1221	381/593	245/1338

Fonte: Dados coletados para a pesquisa.

A seguir, descrevemos os valores dos F1 e F2 expostos nesses quadros:

- a vogal baixa central não arredondada [a] apresentou os valores ( $> 840\text{Hz}/1421\text{Hz}$  e  $< 649\text{Hz}/1417$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 718\text{Hz}/1111\text{Hz}$ ;  $< 580\text{Hz}/1249\text{Hz}$ )<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Decidimos por utilizar os símbolos matemáticos  $>$  (maior) e  $<$  (menor) nessas representações. Os espaços entre estes símbolos e os números servem para distinguir os símbolos matemáticos das etiquetas utilizadas na categorização dos dados – estratégia que se repete, em outras ocasiões, ao longo do texto.



- a vogal média-alta anterior não arredondada [e] apresentou os valores ( $> 668\text{Hz}/2180\text{Hz}$ ;  $< 321\text{Hz}/2299\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 575\text{Hz}/1181\text{Hz}$ ;  $< 318\text{Hz}/2265\text{Hz}$ );
- a vogal média-baixa anterior não arredondada [ɛ] apresentou os valores ( $> 652\text{Hz}/1155\text{Hz}$ ;  $< 472\text{Hz}/1110\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 656\text{Hz}/1155\text{Hz}$ ;  $< 402\text{Hz}/1809\text{Hz}$ );
- a vogal média-alta posterior arredondada [o] apresentou os valores ( $> 628\text{Hz}/916\text{Hz}$ ;  $< 358\text{Hz}/874\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 625\text{Hz}/1009\text{Hz}$ ;  $< 400\text{Hz}/1348\text{Hz}$ );
- a vogal média-baixa posterior arredondada [ɔ] apresentou os valores ( $> 706\text{Hz}/1154\text{Hz}$ ;  $< 487\text{Hz}/1065\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 604\text{Hz}/831\text{Hz}$ ;  $< 460\text{Hz}/869\text{Hz}$ );
- a vogal alta anterior não arredondada [i] apresentou os valores ( $> 380\text{Hz}/918\text{Hz}$ ;  $< 292\text{Hz}/2249\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 503\text{Hz}/2089\text{Hz}$ ;  $< 269\text{Hz}/2028\text{Hz}$ );
- a vogal alta posterior arredondada [u] apresentou os valores ( $> 545\text{Hz}/1327\text{Hz}$ ;  $< 262\text{Hz}/924\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 536\text{Hz}/1074\text{Hz}$ ;  $< 245\text{Hz}/1338\text{Hz}$ ).

Tendo como base os Quadros 15 e 16, observamos que, em sua maioria, os formantes de locutores femininos possuem valores dos F1 e F2 maiores em comparação aos valores dos locutores masculinos, exceto em alguns casos, conforme descrição anterior.

A seguir, apresentamos as médias dos valores dos F1 e F2 das vogais orais do GP para posterior contraste com as vogais orais do GB. Esclarecemos que a média foi calculada levando-se em conta a soma dos valores de cada formante por grupo de locutores<sup>13</sup> dividida pelo número total de locutores de cada grupo.

---

<sup>13</sup> Referimo-nos aos 6 locutores femininos e 6 locutores masculinos de cada grupo, num total de 12 informantes do GP e 12 informantes do GB.

#### 4.3.1.1.1 Médias de F1 das vogais orais do GP

Considerando as médias dos valores do F1 apresentados pelos locutores tanto feminino como os locutores masculinos do GP, verifica-se que as vogais orais se comportam da seguinte maneira:

- a vogal alta anterior não arredondada [i] apresentou as médias 335Hz para locutores femininos e 365Hz para locutores masculinos;
- a vogal alta posterior arredondada [u] apresentou as médias 368Hz para locutores femininos e 377,5Hz para locutores masculinos;
- a vogal média-alta anterior não arredondada [e] apresentou as médias 432Hz para locutores femininos e 407Hz para locutores masculinos;
- a vogal média-alta posterior arredondada [o] apresentou as médias 460Hz para locutores femininos e 475Hz para os locutores masculinos;
- a vogal média-baixa anterior não arredondada [ɛ] apresentou as médias 562Hz para locutores femininos e 511Hz para locutores masculinos;
- a vogal média-baixa posterior arredondada [ɔ] apresentou as médias 627Hz para locutores femininos e 514,5Hz para locutores masculinos;
- a vogal baixa central não arredondada [a] apresentou as médias 762Hz para locutores femininos e 684Hz para locutores masculinos.

Nas médias dos valores do F1 das vogais orais do GP, nota-se que três vogais de locutores masculinos tiveram valores mais altos em relação aos dos locutores femininos: vogal alta anterior não arredondada [i], vogal alta posterior arredondada [u] e a vogal média-alta posterior arredondada [o]. Esse resultado permite-nos afirmar que no GP as vogais altas tendem a apresentar valores maiores na fala de locutores masculinos se comparado aos valores de locutores femininos. A seguir, apresentamos as médias dos valores do F2 das vogais orais do GP.

#### 4.3.1.1.2 Médias dos valores de F2 das vogais orais do GP

Considerando a média dos valores do F2 apresentados pelos locutores tanto feminino como os locutores masculinos do GP, verifica-se que as vogais orais se comportam da seguinte maneira:

- a vogal alta anterior não arredondada [i] apresentou as médias 1714Hz para locutores femininos e 1458Hz para locutores masculinos;
- a vogal alta posterior arredondada [u] apresentou as médias 1091Hz para locutores femininos e 1118,5Hz para locutores masculinos;
- a vogal média-alta anterior não arredondada [e] apresentou as médias 1996Hz para locutores femininos e 1680Hz para locutores masculinos;
- a vogal média-alta posterior arredondada [o] apresentou as médias 885Hz para locutores femininos e 1196Hz para os locutores masculinos;
- a vogal média-baixa anterior não arredondada [ɛ] apresentou as médias 1391Hz para locutores femininos e 1509Hz para os locutores masculinos;
- a vogal média-baixa posterior arredondada [ɔ] apresentou as médias 1161Hz para locutores femininos e 1044Hz para os locutores masculinos;
- a vogal baixa central não arredondada [a] apresentou valores 1445Hz para locutores femininos e 1344Hz para locutores masculinos.

Sintetizamos, no Quadro 17, a seguir, as médias dos F1 e F2 das vogais orais do GP descritas.

Quadro 17 – Médias dos F1 e F2 das vogais orais do GP

vogais	locutores femininos		locutores masculinos	
	formantes		formantes	
	F1	F2	F1	F2
[a]	762Hz	1.445Hz	684Hz	1.344Hz
[e]	432Hz	1.996Hz	407Hz	1.680Hz
[ɛ]	562Hz	1.391Hz	511Hz	1.509Hz
[o]	460Hz	885Hz	475Hz	1.196Hz
[ɔ]	627Hz	1.161Hz	514,5Hz	1.044Hz
[i]	335Hz	1.714Hz	365Hz	1.458Hz
[u]	368Hz	1.091Hz	377,5Hz	1.118,5Hz

Fonte: Formantes extraídos automaticamente do nosso *corpus* com o *Praat*.

A seguir, as médias dos F1 e F2 das vogais orais do GB.

#### 4.3.1.2 F1 e F2 das vogais orais do GB

Nesta subseção, apresentamos os F1 e F2 das vogais orais do GB, sendo que a apresentação se dá como dispusemos para o GP, ou seja, primeiramente os locutores femininos e, posteriormente, os locutores masculinos. A apresentação dos formantes, nos quadros, também, está disposta como anteriormente: F1/F2, nessa ordem.

No Quadro 18, apresentamos os F1 e F2 das vogais orais dos locutores femininos do GB.

Quadro 18 – F1/F2 das vogais orais de locutores femininos do GB

vogal	GBF1A	GBF3B	GBF2C	GBF1D	GBF2E	GPF3F
[a]	746/1588	737/1686	532/1435	770/1698	833/966	706/1291
[e]	498/1767	512/1836	486/1696	442/1558	660/1164	627/1572
[ɛ]	643/1493	622/757	608/1081	698/1039	594/944	685/2074
[i]	470/1659	327/1385	446/1220	533/1047	498/1319	279/1227
[o]	517/933	417/1436	417/1128	499/1244	544/1233	696/1123
[ɔ]	713/1138	776/789	614/1178	783/1428	660/1125	796/1041
[u]	521/1263	454/1460	358/1561	436/1332	363/1408	482/1059

Fonte: Dados coletados para a pesquisa.

Por sua vez, no Quadro 19 a seguir, apresentamos os F1 e F2 dos locutores masculinos do GB.

Quadro 19 – F1/F2 das vogais orais de locutores masculinos do GB

vogal	GBM3G	GBM1H	GBM2I	GBM3J	GBM1K	GBM2L
[a]	652/1311	542/1324	814/1257	508/1395	674/1303	706/1507
[e]	518/1576	479/1586	532/1927	466/1432	397/1706	417/1594
[ɛ]	490/1461	498/1842	422/1950	496/1381	622/1347	633/1674
[i]	433/1694	373/1711	381/1555	316/1662	324/1290	366/1501
[o]	709/1003	551/987	477/1271	452/1426	488/1096	550/1184
[ɔ]	534/983	509/1124	574/846	614/1121	475/865	595/1051
[u]	301/683	395/1397	409/1349	384/1222	394/1360	427/1277

Fonte: Dados coletados para a pesquisa.

A seguir, descrevemos os valores dos F1 e F2 expostos nesses quadros:

- a vogal baixa central não arredondada [a] apresentou os valores ( $> 833\text{Hz}/966\text{Hz}$ ;  $< 532\text{Hz}/1435\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 814\text{Hz}/1257\text{Hz}$ ;  $< 508\text{Hz}/1395\text{Hz}$ ).
- a vogal média-alta anterior não arredondada [e] apresentou os valores ( $> 660\text{Hz}/1164\text{Hz}$ ;  $< 442\text{Hz}/1558\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 532\text{Hz}/1927\text{Hz}$ ;  $< 397\text{Hz}/1706\text{Hz}$ );
- a vogal média-baixa anterior não arredondada [ɛ] apresentou os valores ( $> 698\text{Hz}/1039\text{Hz}$ ;  $< 594\text{Hz}/944\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 633\text{Hz}/1674\text{Hz}$ ;  $< 422\text{Hz}/1950\text{Hz}$ );
- a vogal média-alta posterior arredondada [o] apresentou os valores ( $> 696\text{Hz}/1123\text{Hz}$ ;  $< 417\text{Hz}/1436\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 709\text{Hz}/1003\text{Hz}$ ;  $< 452\text{Hz}/1426\text{Hz}$ ).
- a vogal média-baixa posterior arredondada [ɔ] apresentou os valores ( $> 783\text{Hz}/1428\text{Hz}$ ;  $< 614\text{Hz}/1178\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 614\text{Hz}/1121\text{Hz}$ ;  $< 475\text{Hz}/865\text{Hz}$ );
- a vogal alta anterior não arredondada [i] apresentou os valores ( $> 533\text{Hz}/1047\text{Hz}$ ;  $< 327\text{Hz}/1385\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 433\text{Hz}/1694\text{Hz}$ ;  $< 316\text{Hz}/1662\text{Hz}$ );

- a vogal alta posterior arredondada [u] apresentou os valores ( $> 521\text{Hz}/1263\text{Hz}$ ;  $< 358\text{Hz}/1561\text{Hz}$ ) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos ( $> 427\text{Hz}/1277\text{Hz}$ ;  $< 301\text{Hz}/683\text{Hz}$ ).

Tendo como base os Quadros 18 e 19, observamos que, em sua maioria, os formantes de locutores femininos possuem valores dos F1 e F2 maiores em comparação aos valores dos locutores masculinos, exceto em alguns casos, conforme descrição anterior. A seguir, apresentamos as médias dos valores dos F1 e F2 das vogais orais do GB para posterior contraste com as vogais orais do GP.

#### **4.3.1.2.1 Médias dos valores do F1 das vogais orais do GB**

Assim como foram apresentadas as médias dos valores de F1 das vogais orais do GP e sua descrição, a seguir, fazemos o mesmo com o GB. Verifica-se que as vogais orais deste grupo comportam-se da seguinte maneira:

- a vogal alta anterior não arredondada [i] apresentou as médias 425,5Hz para locutores femininos e 365,5Hz para locutores masculinos;
- a vogal alta posterior arredondada [u] apresentou as médias 435Hz para locutores femininos e 385Hz para locutores masculinos;
- a vogal média-alta anterior não arredondada [e] apresentou as médias 537,5Hz para locutores femininos e 468Hz para locutores masculinos;
- a vogal média-alta posterior arredondada [o] apresentou as médias 515Hz para locutores femininos e 537Hz para locutores masculinos;
- a vogal média-baixa anterior não arredondada [ɛ] apresentou as médias 641Hz para locutores femininos e 526Hz para locutores masculinos;
- a vogal média-baixa posterior arredondada [ɔ] apresentou as médias 723Hz para locutores femininos e 550Hz para locutores masculinos;
- a vogal baixa central não arredondada [a] apresentou as médias 720Hz para locutores femininos e 649Hz para locutores masculinos.

Neste grupo, a vogal média-baixa posterior arredondada [ɔ] apresentou valor do F1 (723Hz) maior do que o valor da vogal baixa central não arredondada [a] (720Hz), o que nos permite afirmar que os locutores deste grupo tendem a produzir a vogal [ɔ] próxima à vogal [a].

Já a vogal média-alta posterior arredondada [o] apresentou valor do F1 maior nos locutores masculinos (537Hz) do que nos locutores femininos (515Hz), diferentemente da tendência de os maiores valores de F1 estarem nos locutores femininos, em relação aos locutores masculinos. A seguir, apresentamos a média dos valores do F2 das vogais orais do GB.

#### **4.3.1.2.2 Médias dos valores do F2 das vogais orais do GB**

Considerando as médias dos valores do F2 apresentados pelos locutores tanto feminino como os locutores masculinos do GB, verifica-se que as vogais orais se comportam da seguinte maneira:

- a vogal alta anterior não arredondada [i] apresentou as médias 1309Hz para locutores femininos e 1568Hz para locutores masculinos;
- a vogal alta posterior arredondada [u] apresentou as médias 1347Hz para locutores femininos e 1214Hz para locutores masculinos;
- a vogal média-alta anterior não arredondada [e] apresentou as médias 1598Hz para locutores femininos e 1636Hz para locutores masculinos;
- a vogal média-alta posterior arredondada [o] apresentou as médias 1182Hz para locutores femininos e 1161Hz para os locutores masculinos;
- a vogal média-baixa anterior não arredondada [ɛ] apresentou as médias 1231Hz para locutores femininos e 1609Hz para locutores masculinos;
- a vogal média-baixa posterior arredondada [ɔ] apresentou as médias 1116,5Hz para locutores femininos e 998Hz para os locutores masculinos;
- a vogal baixa central não arredondada [a] apresentou as médias 1444Hz para locutores femininos e 1349,5Hz para locutores masculinos.

Sintetizamos, no Quadro 20, a seguir, as médias dos F1 e F2 das vogais orais do GB descritas.

Quadro 20 – Médias dos F1 e F2 das vogais orais do GB

vogais	locutores femininos		locutores masculinos	
	formantes		formantes	
	F1	F2	F1	F2
[a]	720Hz	1.444Hz	649Hz	1.349,5Hz
[e]	537,5Hz	1.598Hz	468Hz	1.636Hz
[ɛ]	641Hz	1.231Hz	526Hz	1.609Hz
[o]	515Hz	1.182Hz	537Hz	1.161Hz
[ɔ]	723Hz	1.116,5Hz	550Hz	998Hz
[i]	425,5Hz	1.309Hz	365,5Hz	1.568Hz
[u]	435Hz	1.347Hz	385Hz	1.214Hz

Fonte: Formantes extraídos automaticamente do nosso *corpus* com o *Praat*

A seguir, contrastamos os valores dos F1 e F2 das vogais orais das duas comunidades quilombolas investigadas.

#### 4.3.1.3 Análise contrastiva entre F1 e F2 das vogais orais do GP e GB

Consideramos que os formantes dos dois gêneros considerados permitem-nos visualizar o comportamento das vogais orais na perspectiva acústica. Nesta subseção, realizamos análise contrastiva dos valores dos F1 e F2 das vogais orais dos locutores do GP e do GB. Vários recortes nos dados foram estabelecidos nesta análise.

##### 4.3.1.3.1 F1 das vogais orais do GP e GB

Inicialmente, contrastamos os valores do F1 das vogais orais dos locutores femininos do GP e do GB. A seguir, verificamos o que emerge desse contraste estabelecido:



- a vogal baixa central não arredondada [a] apresentou a média de 762Hz para F1 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 720Hz no GB – uma diferença de 42Hz –, o que gera uma média de 741Hz do F1 para a vogal [a] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal média-alta anterior não arredondada [e] apresentou a média de 432Hz para F1 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 537,5Hz no GB – uma diferença de 105,5Hz –, o que gera uma média de 485Hz do F1 para a vogal [e] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal média-baixa anterior não arredondada [ɛ] apresentou a média de 562Hz para F1 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 641Hz no GB – uma diferença de 79Hz –, o que gera uma média de 601,5Hz do F1 para a vogal [ɛ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal média-alta posterior arredondada [o] apresentou a média de 460Hz para F1 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 515Hz no GB – uma diferença de 55Hz –, o que gera uma média de 487,5Hz do F1 para a vogal [o] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal média-baixa posterior arredondada [ɔ] apresentou a média de 627Hz para F1 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 723Hz no GB – uma diferença de 96Hz –, o que gera uma média de 675Hz do F1 para a vogal [ɔ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal alta anterior não arredondada [i] apresentou a média de 335Hz para F1 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 425,5Hz no GB – uma diferença de 90,5Hz –, o que gera uma média de 380Hz do F1 para a vogal [i] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal alta posterior arredondada [u] apresentou a média de 368Hz para F1 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 435Hz no GB – uma diferença de 67Hz –, o que gera uma média de 401,5Hz do F1 para a vogal [u] dos locutores femininos dos dois grupos.

As médias dos valores do F1 das vogais orais dos locutores femininos foram maiores no GB, exceto da vogal [a]. Sintetizando, apresentamos as médias do F1 das vogais orais dos locutores femininos entre o GP e o GB no Quadro 21 a seguir:

Quadro 21 – Médias do F1 das vogais orais dos locutores femininos entre GP e GB

Vogais	Formantes
	F1
[i]	380Hz
[u]	401,5Hz
[e]	485Hz
[o]	487,5Hz
[ɛ]	601,5Hz
[ɔ]	675Hz
[a]	741Hz

Fonte: Dados coletados para a pesquisa.

Agora, descrevemos os valores do F1 das vogais orais dos locutores masculinos do GP e do GB. A seguir, verificamos o que emerge desse contraste estabelecido:

- a vogal baixa central não arredondada [a] apresentou a média de 684Hz para o F1 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 649Hz no GB – uma diferença de 35Hz –, o que gera uma média de 666,5Hz do F1 para a vogal [a] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal média-alta anterior não arredondada [e] apresentou a média de 407Hz para o F1 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 468Hz no GB – uma diferença de 61Hz –, o que gera uma média de 437,5Hz do F1 para a vogal [e] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal média-baixa anterior não arredondada [ɛ] apresentou a média de 511Hz para o F1 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 526Hz no GB – uma diferença de 15Hz –, o que gera uma média de 518,5Hz do F1 para a vogal [ɛ] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal média-alta posterior arredondada [o] apresentou a média de 475Hz para o F1 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 537Hz no GB – uma diferença de 62Hz –, o que gera uma média de 506Hz do F1 para a vogal [o] dos locutores masculinos dos dois grupos;

- a vogal média-baixa posterior arredondada [ɔ] apresentou a média de 514,5Hz para o F1 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 550Hz no GB – uma diferença de 35,5Hz –, o que gera uma média de 532Hz do F1 para a vogal [ɔ] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal alta anterior não arredondada [i] apresentou a média de 365Hz para o F1 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 365,5Hz no GB – uma diferença de 0,5Hz –, o que gera uma média de 365Hz do F1 para a vogal [i] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal alta posterior arredondada [u] apresentou a média de 377,5Hz para o F1 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 385Hz no GB – uma diferença de 7,5Hz –, o que gera uma média de 381Hz do F1 para a vogal [u] dos locutores masculinos dos dois grupos.

As médias dos valores do F1 das vogais [e], [ɛ], [ɔ], [o] e [u] dos locutores masculinos foram maiores no GB, enquanto a vogal [a] teve maior média no GP. Apresentamos, a seguir, a síntese das médias do F1 das vogais orais dos locutores masculinos entre o GP e o GB, no Quadro 22:

Quadro 22 – Médias do F1 das vogais orais dos locutores masculinos entre GP e GB

Vogais	Formantes
	F1
[i]	365Hz
[u]	381Hz
[e]	437,5Hz
[o]	506Hz
[ɛ]	518,5Hz
[ɔ]	532Hz
[a]	666,5Hz

Fonte: Dados coletados para a pesquisa

Após a análise do F1 das vogais orais nas duas comunidades quilombolas, que nos possibilitou traçar uma média geral deste formante na fala de locutores femininos e masculinos, realizamos o mesmo para F2 na subseção a seguir.

#### **4.3.1.3.2 F2 das vogais orais do GP e GB**

Contrastamos os valores do F2 das vogais orais dos locutores femininos do GP e do GB. A seguir, verificamos o que emerge desse contraste estabelecido:

- a vogal baixa central não arredondada [a] apresentou a média de 1445Hz para F2 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 1444Hz no GB – uma diferença de 1Hz –, o que gera uma média de 1444,5Hz do F2 para a vogal [a] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal média-alta anterior não arredondada [e] apresentou a média de 1996Hz para F2 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 1598Hz no GB – uma diferença de 398Hz –, o que gera uma média de 1797Hz do F2 para a vogal [e] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal média-baixa anterior não arredondada [ɛ] apresentou a média de 1391Hz para F2 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 1231Hz no GB – uma diferença de 160Hz –, o que gera uma média de 1286,5Hz do F2 para a vogal [ɛ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal média-alta posterior arredondada [o] apresentou a média de 885Hz para F2 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 1182Hz no GB – uma diferença de 29Hz –, o que gera uma média de 1033,5Hz do F2 para a vogal [o] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal média-baixa posterior arredondada [ɔ] apresentou a média de 1161Hz para F2 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 1116,5Hz no GB – uma diferença de 44,5Hz –, o que gera uma média de 1139Hz do F2 para a vogal [ɔ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal alta anterior não arredondada [i] apresentou a média de 1714Hz para F2 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 1309Hz no GB – uma diferença de

405Hz –, o que gera uma média de 1511,5Hz do F2 para a vogal [i] dos locutores femininos dos dois grupos;

- a vogal alta posterior arredondada [u] apresentou a média de 1091Hz para F2 das vogais orais dos locutores femininos no GP, e 1347Hz no GB – uma diferença de 256Hz –, o que gera uma média de 1219Hz do F2 para a vogal [u] dos locutores femininos dos dois grupos.

As médias dos valores do F2 das vogais [a], [e], [ɛ], [ɔ] e [i] dos locutores femininos foram maiores no GP, enquanto as vogais [o] e [u] tiveram médias maiores no GB. Apresentamos, a seguir, a síntese das médias do F2 das vogais orais dos locutores femininos entre o GP e o GB, no Quadro 23:

Quadro 23 – Médias do F2 das vogais orais dos locutores femininos entre GP e GB

Vogais	Formantes
	F2
[i]	1511,5Hz
[u]	1219Hz
[e]	1797Hz
[o]	1033,5Hz
[ɛ]	1286,5Hz
[ɔ]	1139Hz
[a]	1444,5Hz

Fonte: Dados coletados para a pesquisa.

Agora, descrevemos os valores do F2 das vogais orais dos locutores masculinos do GP e do GB. A seguir, verificamos o que emerge desse contraste estabelecido:

- a vogal baixa central não arredondada [a] apresentou a média de 1344Hz para o F2 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 1349,5Hz no GB – uma diferença de 5Hz –, o que gera uma média de 1346,5Hz do F2 para a vogal [a] dos locutores masculinos dos dois grupos;

- a vogal média-alta anterior não arredondada [e] apresentou a média de 1680Hz para o F2 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 1636Hz no GB – uma diferença de 44Hz –, o que gera uma média de 1658Hz do F2 para a vogal [e] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal média-baixa anterior não arredondada [ɛ] apresentou a média de 1509Hz para o F2 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 1609Hz no GB – uma diferença de 100Hz –, o que gera uma média de 1559Hz do F2 para a vogal [ɛ] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal média-alta posterior arredondada [o] apresentou a média de 1196Hz para o F2 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 1161Hz no GB – uma diferença de 35Hz –, o que gera uma média de 1178,5Hz do F2 para a vogal [o] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal média-baixa posterior arredondada [ɔ] apresentou a média de 1044Hz para o F2 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 998Hz no GB – uma diferença de 46Hz –, o que gera uma média de 1021Hz do F2 para a vogal [ɔ] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal alta anterior não arredondada [i] apresentou a média de 1458Hz para o F2 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 1568Hz no GB – uma diferença de 110Hz –, o que gera uma média de 1166Hz do F2 para a vogal [i] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal alta posterior arredondada [u] apresentou a média de 1118,5Hz para o F2 das vogais orais dos locutores masculinos no GP, e 1214Hz no GB – uma diferença de 95,5Hz –, o que gera uma média de 1513Hz do F2 para a vogal [i] dos locutores masculinos dos dois grupos.

As médias do F2 das vogais [e], [o] e [ɔ] dos locutores masculinos foram maiores no GP, enquanto as vogais [a], [ɛ], [i] e [u] tiveram médias maiores no GB. Apresentamos, a seguir, a síntese das médias do F2 das vogais orais dos locutores masculinos entre o GP e o GB, no Quadro 24:

Quadro 24 – Médias do F2 das vogais orais dos locutores masculinos entre GP e GB

Vogais	Formantes
	F2
[i]	1166Hz
[u]	1513Hz
[e]	1658Hz
[o]	1178,5Hz
[ɛ]	1559Hz
[ɔ]	1021Hz
[a]	1346,5Hz

Fonte: Dados coletados para a pesquisa.

A seguir, análise acústica das vogais nasalizadas das duas comunidades quilombolas investigadas.

#### 4.3.2 Análise acústica das vogais nasalizadas

Após análise acústica das vogais orais do GP e GB, tratamos dos F1 e F2 das vogais nasalizadas do GP e do GB a fim de, posteriormente, contrastarmos os resultados, conforme já explicitado.

##### 4.3.2.1 F1 e F2 das vogais nasalizadas do GP

Nesta subseção, analisamos os F1 e F2 das vogais nasalizadas do GP. Relembramos que a representação dos formantes, nos quadros a seguir, está apresentada da seguinte maneira: F1/F2, respectivamente. Iniciamos a análise pela apresentação dos F1 e F2 das vogais nasalizadas dos locutores femininos do GP (QUADRO 25).

Quadro 25 – F1/F2 das vogais nasalizadas de locutores femininos do GP

vogal	GPF2A	GPF1B	GPF3C	GPF3D	GPF2E	GPF1F
[ã]	623/1283	583/1485	701/1573	638/1701	854/1377	762/866
[ẽ]	489/1235	475/2075	408/2430	545/580	573/1347	544/2276
[ĩ]	357/1230	386/1699	372/2206	331/2286	272/1669	285/592
[õ]	619/1252	617/1333	444/974	357/815	277/1173	536/1432
[ũ]	446/931	326/823	435/1542	282/531	240/1229	571/1595

Fonte: Dados coletados para a pesquisa.

No Quadro 26, a seguir, apresentamos os F1 e F2 das vogais nasalizadas produzidas pelos locutores masculinos do GP:

Quadro 26 – F1/F2 das vogais nasalizadas de locutores masculinos do GP

vogal	GPM1G	GPM3H	GPM1I	GPM1J	GPM3K	GPM2L
[ã]	682/1025	464/1330	542/692	431/1046	469/1673	351/1245
[ẽ]	586/1330	372/2344	430/636	378/1475	368/1888	386/1533
[ĩ]	420/1708	256/1234	361/1801	299/1590	253/1759	305/2479
[õ]	580/1168	388/1087	521/865	360/900	385/1026	382/786
[ũ]	390/1722	264/821	559/887	340/2006	397/1822	243/1200

Fonte: Dados coletados para a pesquisa.

Descrevemos agora os valores dos F1 e F2 expostos nesses dois quadros:

- a vogal baixa central não arredondada nasalizada [ã] apresentou os valores (> 854/1377Hz; < 583/1485Hz) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos (> 682/1025Hz; < 351/1245Hz);
- a vogal média anterior não arredondada nasalizada [ẽ] apresentou os valores (> 573/1347Hz; < 408/2430Hz) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos (> 586/1330Hz; < 368/1888Hz);
- a vogal média posterior arredondada nasalizada [õ] apresentou os valores (> 619/1252Hz; < 277/1173Hz) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos (> 580/1168Hz; < 360/900Hz);
- a vogal alta anterior não arredondada nasalizada [ĩ] apresentou os valores (> 386/1699Hz; < 272/1669Hz) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos (> 420/1708Hz; < 253/1759Hz);



- a vogal alta posterior arredondada nasalizada [ũ] apresentou os valores (> 571/1595Hz; < 240/1229Hz) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos (> 559/887Hz; < 243/1200Hz).

Tendo como base os Quadros 25 e 26, observamos que, em sua maioria, os formantes de locutores femininos possuem valores dos F1 e F2 maiores em comparação aos valores dos locutores masculinos, exceto em alguns casos, conforme descrição anterior. A seguir, apresentamos as médias dos valores do F1 das vogais nasalizadas do GP.

#### **4.3.2.1.1 Médias dos valores do F1 das vogais nasalizadas do GP**

Considerando as médias dos valores do F1 das vogais nasalizadas apresentadas pelos locutores femininos e masculinos do GP, verifica-se que as vogais nasalizadas se comportam da seguinte maneira:

- a vogal alta anterior não arredondada nasalizada [ĩ] apresentou as médias 333Hz para locutores femininos e 315Hz para locutores masculinos;
- a vogal alta posterior arredondada nasalizada [ũ] apresentou as médias 383Hz para locutores femininos e 365Hz para locutores masculinos;
- a vogal média anterior não arredondada nasalizada [ẽ] apresentou as médias 505Hz para locutores femininos e 420Hz para locutores masculinos;
- a vogal média posterior arredondada nasalizada [õ] apresentou as médias 475Hz para locutores femininos e 436Hz para os locutores masculinos;
- a vogal baixa central não arredondada nasalizada [ã] apresentou as médias 693Hz para locutores femininos e 489Hz para locutores masculinos.

Neste grupo, as médias do F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos tiveram valores maiores do que os dos locutores masculinos. A seguir, consideramos as médias dos valores do F2 das vogais nasalizadas do GP.

#### 4.3.2.1.2 Médias dos valores do F2 das vogais nasalizadas do GP

A partir dos Quadros 25 e 26, é possível constatar que, considerando as médias dos valores do F2 das vogais nasalizadas apresentadas pelos locutores femininos e masculinos do GP, as vogais nasalizadas se comportam da seguinte maneira:

- a vogal alta anterior não arredondada nasalizada [ĩ] apresentou as médias 1613Hz para locutores femininos e 1761Hz para locutores masculinos;
- a vogal alta posterior arredondada nasalizada [ũ] apresentou as médias 1108,5Hz para locutores femininos e 1409Hz para locutores masculinos;
- a vogal média anterior não arredondada nasalizada [ẽ] apresentou as médias 1657Hz para locutores femininos 1534Hz para locutores masculinos;
- a vogal média posterior arredondada nasalizada [õ] apresentou as médias 1163Hz para locutores femininos e 972Hz para os locutores masculinos;
- a vogal baixa central não arredondada nasalizada [ã] apresentou as médias 1380Hz para locutores femininos e 1165,5Hz para locutores masculinos.

Neste grupo, as médias do F2 das vogais nasalizadas dos locutores femininos tiveram valores maiores do que as dos locutores masculinos, exceto nas vogais [ĩ] e [ũ], ou seja, nas vogais altas. A seguir, sintetizamos, no Quadro 27, as médias dos F1 e F2 das vogais nasalizadas do GP descritas.

Quadro 27 – Médias dos F1 e F2 das vogais nasalizadas do GP

vogais	locutores femininos		locutores masculinos	
	formantes		formantes	
	F1	F2	F1	F2
[ã]	693Hz	1380Hz	489Hz	1165,5Hz
[ẽ]	505Hz	1657Hz	420Hz	1534Hz
[õ]	475Hz	1163Hz	436Hz	972Hz
[ĩ]	333Hz	1613Hz	315Hz	1761Hz
[ũ]	383Hz	1108,5Hz	365Hz	1409Hz

Fonte: Dados da pesquisa.

A próxima subseção trata da análise dos F1 e F2 das vogais nasalizadas do GB.

#### 4.3.2.2 F1 e F2 das vogais nasalizadas do GB

Nesta subseção, analisamos os F1 e F2 das vogais nasalizadas do GB. Iniciamos a análise pela apresentação dos F1 e F2 das vogais nasalizadas dos locutores femininos do GB (QUADRO 28).

Quadro 28 – F1/F2 das vogais nasalizadas de locutores femininos do GB

vogal	GBF1A	GBF3B	GBF2C	GBF1D	GBF2E	GPF3F
[ã]	603/1331	499/927	384/1308	568/1484	668/1330	752/1438
[ẽ]	597/1777	438/2195	431/1147	432/1392	487/1348	458/1734
[ĩ]	487/1205	305/1213	498/1145	487/1177	489/1658	363/1331
[õ]	516/1060	533/899	435/1204	757/1024	357/971	411/1115
[ũ]	611/1256	322/1183	356/1210	294/1389	340/1131	644/1080

Fonte: Formantes extraídos automaticamente do nosso *corpus* com o *Praat*.

No Quadro 29, apresentamos os F1 e F2 das vogais nasalizadas produzidas pelos locutores masculinos do GB:

Quadro 29 – F1/F2 das vogais nasalizadas de locutores masculinos do GB

vogal	GBM3G	GBM1H	GBM2I	GBM3J	GBM1K	GBM2L
[ã]	487/1419	468/1329	407/1607	538/1446	544/1311	475/1702
[ẽ]	417/1599	373/1393	429/1290	435/1615	466/1345	550/1373
[ĩ]	288/1844	370/1102	308/1486	314/1417	337/1259	386/1552
[õ]	585/1568	375/1228	495/1408	251/1528	338/1335	243/1178
[ũ]	347/1312	547/836	448/1382	487/1427	484/1017	318/1519

Fonte: Formantes extraídos automaticamente do nosso *corpus* com o *Praat*.

Descrevemos agora os valores dos F1 e F2 expostos nesses dois quadros:

- a vogal baixa central não arredondada nasalizada [ã] apresentou os valores (> 752/1438Hz; < 384/1308Hz) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos (> 544/1311Hz; < 407/1607Hz).

- a vogal média anterior não arredondada nasalizada [ẽ] apresentou os valores (> 597/1777Hz; < 431/1147Hz) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos (> 550/1373Hz; < 373/1393Hz);
- a vogal média posterior arredondada nasalizada [õ] apresentou os valores (> 757/1024Hz; < 357/971Hz) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos (> 585/1568Hz; < 251/1528Hz);
- a vogal alta anterior não arredondada nasalizada [ĩ] apresentou os valores (> 498/1145Hz; < 305/1213Hz) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos (> 386/1552Hz; < 308/1486Hz);
- a vogal alta posterior arredondada nasalizada [ũ] apresentou os valores (> 644/1080Hz; < 294/1389Hz) nos locutores femininos deste grupo, em comparação aos locutores masculinos (> 547/836Hz; < 318/1519Hz).

Neste grupo, observa-se que todas as vogais orais [ã], [ẽ], [õ], [ĩ] e [ũ] tiveram valores dos F1 e F2 maiores para os locutores femininos em relação aos masculinos.

A seguir, apresentamos as médias dos valores do F1 das vogais nasalizadas do GB.

#### **4.3.2.2.1 Médias dos valores do F1 das vogais nasalizadas do GB**

A partir dos Quadros 28 e 29, é possível constatar que, considerando as médias dos valores do F1 das vogais nasalizadas apresentados pelos locutores femininos e masculinos do GB, as vogais nasalizadas se comportam da seguinte maneira:

- a vogal alta anterior não arredondada nasalizada [ĩ] apresentou os valores 438Hz para locutores femininos e 333Hz para locutores masculinos;
- a vogal alta posterior arredondada nasalizada [ũ] apresentou os valores 427Hz para locutores femininos e 438Hz para locutores masculinos;
- a vogal média anterior não arredondada nasalizada [ẽ] apresentou os valores 473Hz para locutores femininos e 445Hz para locutores masculinos;
- a vogal média posterior arredondada nasalizada [õ] apresentou os valores 501Hz para locutores femininos e 381Hz para os locutores masculinos;

- a vogal baixa central não arredondada nasalizada [ã] apresentou os valores 573Hz para locutores femininos e 486,5Hz para locutores masculinos.

Esses valores permitem-nos afirmar que os valores do F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos deste grupo foram superiores em relação aos dos locutores masculinos.

A seguir, consideramos as médias dos valores do F2 das vogais nasalizadas do GB.

#### **4.3.2.2.2 Médias dos valores do F2 das vogais nasalizadas do GB**

As médias dos valores do F2 das vogais nasalizadas apresentadas pelos locutores femininos e masculinos do GB possibilitam-nos afirmar que:

- a vogal alta anterior não arredondada nasalizada [ĩ] apresentou os valores 1288Hz para locutores femininos e 1443Hz para locutores masculinos;
- a vogal alta posterior arredondada nasalizada [ũ] apresentou os valores 1208Hz para locutores femininos e 1248Hz para locutores masculinos;
- a vogal média anterior não arredondada nasalizada [ẽ] apresentou os valores 1598Hz para locutores femininos e 1435Hz para locutores masculinos;
- a vogal média posterior arredondada nasalizada [õ] apresentou os valores 1045Hz para locutores femininos e 1374Hz para os locutores masculinos;
- a vogal baixa central não arredondada nasalizada [ã] apresentou os valores 1303Hz para locutores femininos e 1469Hz para locutores masculinos.

Neste grupo, as médias do F2 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos tiveram valores maiores do que as dos locutores femininos, exceto na vogal nasalizada [ẽ]. A seguir, sintetizamos, no Quadro 30, as médias dos F1 e F2 das vogais nasalizadas do GB descritas.

Quadro 30 – Médias dos F1 e F2 das vogais nasalizadas do GB

vogais	locutor feminino		locutor masculino	
	formantes		formantes	
	F1	F2	F1	F2
[ã]	573Hz	1303Hz	486,5Hz	1469Hz
[ẽ]	473Hz	1598Hz	445Hz	1435Hz
[õ]	501Hz	1045Hz	381Hz	1374Hz
[ĩ]	438Hz	1288Hz	333Hz	1443Hz
[ũ]	427Hz	1208Hz	438Hz	1248Hz

Fonte: Dados da pesquisa.

Após descrição e considerações sobre os valores dos F1 e F2 das vogais nasalizadas do GP e GB, analisamos estes formantes contrastando-os entre as duas comunidades quilombolas.

#### 4.3.2.3 Análise contrastiva entre F1 e F2 das vogais nasalizadas do GP e GB

Consideramos que os formantes dos dois gêneros nos permitem visualizar o comportamento das vogais nasalizadas na perspectiva acústica. Nesta subseção, realizamos análise contrastiva dos valores dos F1 e F2 das vogais nasalizadas dos locutores do GP e do GB. Vários recortes nos dados foram estabelecidos nesta análise.

##### 4.3.2.3.1 F1 das vogais nasalizadas do GP e GB

Inicialmente, contrastamos os valores do F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos do GP e do GB. A seguir, verificamos o que emerge desse contraste estabelecido:

- a vogal baixa central não arredondada nasalizada [ã] apresentou a média de 693Hz para F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 573Hz no GB –

uma diferença de 120Hz –, o que gera uma média de 633Hz do F1 para a vogal [a] dos locutores femininos dos dois grupos;

- a vogal média anterior não arredondada nasalizada [ẽ] apresentou a média de 505Hz para F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 473Hz no GB – uma diferença de 32Hz –, o que gera uma média de 489Hz do F1 para a vogal [ẽ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal média posterior arredondada nasalizada [õ] apresentou a média de 475Hz para F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 501Hz no GB – uma diferença de 26Hz –, o que gera uma média de 488Hz do F1 para a vogal [õ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal alta anterior não arredondada nasalizada [ĩ] apresentou a média de 333Hz para F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 438Hz no GB – uma diferença de 105Hz –, o que gera uma média de 385,5Hz do F1 para a vogal [ĩ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal alta posterior arredondada nasalizada [ũ] apresentou a média de 383Hz para F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 427Hz no GB – uma diferença de 44Hz –, o que gera uma média de 405Hz do F1 para a vogal [ũ] dos locutores femininos dos dois grupos.

As médias do F1 das vogais nasalizadas [ã] e [ẽ] foram maiores no GP, enquanto as vogais nasalizadas [õ], [ĩ] e [ũ] tiveram médias maiores no GB. Apresentamos, a seguir, a síntese das médias do F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos entre o GP e o GB, no Quadro 31:

Quadro 31 – Médias do F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos entre GP e GB

vogais	formante
	F1
[ĩ]	385,5Hz
[ũ]	405Hz
[ẽ]	489Hz
[õ]	488Hz
[ã]	633Hz

Fonte: Formantes extraídos automaticamente do nosso *corpus* com o *Praat*.

Agora, descrevemos os valores do F1 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos do GP e do GB. Verificamos o que emerge desse contraste estabelecido:

- a vogal baixa central não arredondada nasalizada [ã] apresentou a média de 489Hz para F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 486,5Hz no GB – uma diferença de 2,5Hz –, o que gera uma média de 488Hz do F1 para a vogal [ã] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal média anterior não arredondada nasalizada [ẽ] apresentou a média de 420Hz para F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 445Hz no GB – uma diferença de 25Hz –, o que gera uma média de 432,5Hz do F1 para a vogal [ẽ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal média posterior arredondada nasalizada [õ] apresentou a média de 436Hz para F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 381Hz no GB – uma diferença de 55Hz –, o que gera uma média de 408,5Hz do F1 para a vogal [õ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal alta anterior não arredondada nasalizada [ĩ] apresentou a média de 315Hz para F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 333Hz no GB – uma diferença de 18Hz –, o que gera uma média de 324Hz do F1 para a vogal [ĩ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal alta posterior arredondada nasalizada [ũ] apresentou a média de 365Hz para F1 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 438Hz no GB – uma



diferença de 73Hz –, o que gera uma média de 401,5Hz do F1 para a vogal [ũ] dos locutores femininos dos dois grupos.

As médias do F1 das vogais nasalizadas [ã] e [õ] foram maiores no GP, enquanto as vogais nasalizadas [ẽ], [ĩ] e [ũ] tiveram médias maiores no GB. Apresentamos, a seguir, a síntese das médias do F1 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos entre o GP e o GB, no Quadro 32:

Quadro 32 – Médias do F1 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos entre GP e GB

vogais	formante
	F1
[ĩ]	324Hz
[ũ]	401,5Hz
[ẽ]	432,5Hz
[õ]	408,5Hz
[ã]	488Hz

Fonte: Formantes extraídos automaticamente do nosso *corpus* com o *Praat*.

Após a análise do F1 das vogais nasalizadas nas duas comunidades quilombolas, que nos possibilitou traçar uma média geral deste formante na fala de locutores femininos e masculinos, realizamos o mesmo para o F2, na subseção a seguir.

#### 4.3.2.3.2 F2 das vogais nasalizadas do GP e GB

Nesta subseção, contrastamos os valores do F2 das vogais nasalizadas dos locutores femininos do GP e do GB, inicialmente. A seguir, verificamos o que emerge desse contraste estabelecido:

- a vogal baixa central não arredondada nasalizada [ã] apresentou a média de 1380Hz para F2 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 1303Hz no GB – uma diferença de 77Hz –, o que gera uma média de 1341,5Hz do F2 para a vogal [ã] dos locutores femininos dos dois grupos;

- a vogal média anterior não arredondada nasalizada [ẽ] apresentou a média de 1657Hz para F2 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 1598Hz no GB – uma diferença de 59Hz –, o que gera uma média de 1627,5Hz do F2 para a vogal [ẽ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal média posterior arredondada nasalizada [õ] apresentou a média de 1163Hz para F2 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 1045Hz no GB – uma diferença de 118Hz –, o que gera uma média de 1104Hz do F2 para a vogal [õ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal alta anterior não arredondada nasalizada [ĩ] apresentou a média de 1613Hz para F2 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 1288Hz no GB – uma diferença de 325Hz –, o que gera uma média de 1450,5Hz do F2 para a vogal [ĩ] dos locutores femininos dos dois grupos;
- a vogal alta posterior arredondada nasalizada [ũ] apresentou a média de 1108,5Hz para F2 das vogais nasalizadas dos locutores femininos no GP, e 1208Hz no GB – uma diferença de 99,5Hz –, o que gera uma média de 1158Hz do F2 para a vogal [ũ] dos locutores femininos dos dois grupos.

As médias do F2 das vogais nasalizadas [ã], [ẽ], [ĩ] e [ũ] foram maiores no GP, enquanto a vogal nasalizada [õ] teve média maior no GB. Apresentamos, a seguir, a síntese das médias do F2 das vogais nasalizadas dos locutores femininos entre o GP e o GB, no Quadro 33:

Quadro 33 – Médias do F2 das vogais nasalizadas dos locutores femininos entre GP e GB

vogais	formante
	F2
[ĩ]	1450,5Hz
[ũ]	1158Hz
[ẽ]	1627,5Hz
[õ]	1104Hz
[ã]	1341,5Hz

Fonte: Formantes extraídos automaticamente do nosso *corpus* com o *Praat*.

Agora, descrevemos os valores do F2 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos do GP e do GB. Verificamos o que emerge desse contraste estabelecido:

- a vogal baixa central não arredondada nasalizada [ã] apresentou a média de 1165,5Hz para F2 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos no GP, e 1469Hz no GB – uma diferença de 303,5Hz –, o que gera uma média de 1317Hz do F2 para a vogal [ã] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal média anterior não arredondada nasalizada [ẽ] apresentou a média de 1534Hz para F2 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos no GP, e 1435Hz no GB – uma diferença de 99Hz –, o que gera uma média de 1484,5Hz do F2 para a vogal [ẽ] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal média posterior arredondada nasalizada [õ] apresentou a média de 972Hz para F2 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos no GP, e 1374Hz no GB – uma diferença de 402Hz –, o que gera uma média de 1173Hz do F2 para a vogal [õ] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal alta anterior não arredondada nasalizada [ĩ] apresentou a média de 1761Hz para F2 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos no GP, e 1443Hz no GB – uma diferença de 318Hz –, o que gera uma média de 1602Hz do F2 para a vogal [ĩ] dos locutores masculinos dos dois grupos;
- a vogal alta posterior arredondada nasalizada [ũ] apresentou a média de 1409Hz para F2 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos no GP, e 1248Hz no GB – uma diferença de 161Hz –, o que gera uma média de 1328,5Hz do F2 para a vogal [ũ] dos locutores masculinos dos dois grupos.

Segundo a descrição anterior, as médias do F2 das vogais nasalizadas [ã], [õ] e [ũ] foram maiores no GB, enquanto as vogais nasalizadas [ẽ] e [ĩ] tiveram médias maiores no GP. Apresentamos, a seguir, a síntese das médias do F2 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos entre o GP e o GB, no Quadro 34:

Quadro 34 – Médias do F2 das vogais nasalizadas dos locutores masculinos entre GP e GB

vogais	formante
	F2
[ĩ]	1602Hz
[ũ]	1328,5Hz
[ẽ]	1484,5Hz
[õ]	1173Hz
[ã]	1317Hz

Fonte: Formantes extraídos automaticamente do nosso *corpus* com o *Praat*.

As análises realizadas considerando os F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas das duas comunidades quilombolas pesquisadas permitem-nos afirmar que:

- as médias dos valores do F1 das vogais orais dos locutores femininos foram maiores no GB, exceto da vogal [a], em relação ao GP. Logo, podemos inferir que o GP produziu as vogais [e], [ɛ], [ɔ], [o] e [u] com o dorso da língua mais abaixado do que o GB; enquanto o GB produziu a vogal [a] com o dorso da língua mais abaixado em relação ao GP;
- as médias dos valores do F1 das vogais [e], [ɛ], [ɔ], [o] e [u] dos locutores masculinos foram maiores no GB, enquanto a vogal [a] teve maior média no GP. Logo, podemos afirmar que os locutores masculinos do GB produziram cinco das sete vogais orais com o dorso da língua mais abaixado em relação à produção das mesmas vogais pelo GP. Por sua vez, o GP produziu a vogal [a] com a mesma característica de abaixamento em relação à produção dessa vogal pelo GB;
- as médias dos valores do F2 das vogais [a], [e], [ɛ], [ɔ] e [i] dos locutores femininos foram maiores no GP, enquanto as vogais [o] e [u] tiveram médias maiores no GB. Logo, notou-se que o GP tendeu a produzir aquelas vogais, no eixo horizontal, em posição mais anterior do que o GB; enquanto o GB produziu as vogais [o] e [u] com a mesma característica de posição mais anterior, em relação à produção dessas vogais, pelo GP;

- as médias do F2 das vogais [e], [o] e [ɔ] dos locutores masculinos foram maiores no GP, enquanto as vogais [a], [ɛ], [i] e [u] tiveram médias maiores no GB. Logo, no eixo horizontal, o GP realizou as vogais [e], [o] e [ɔ] em posição mais anterior em relação ao GB; o GB, por sua vez, realizou as vogais [a], [ɛ], [i] e [u] em posição mais anterior em relação aos locutores do GP;
- as médias do F1 das vogais nasalizadas [ã] e [ẽ] foram maiores no GP, enquanto as vogais nasalizadas [õ], [ĩ] e [ũ] tiveram médias maiores no GB. Logo, o GP produziu as vogais nasalizadas [ã] e [ẽ] com o dorso da língua em posição mais baixa do que o GB. Por sua vez, o GB produziu as vogais nasalizadas [õ], [ĩ] e [ũ] com o dorso da língua em posição mais abaixada do que os locutores do GP;
- as médias do F1 das vogais nasalizadas [ã] e [õ] foram maiores no GP, enquanto as vogais nasalizadas [ẽ], [ĩ] e [ũ] tiveram médias maiores no GB. Logo, as vogais nasalizadas [ã] e [õ] foram produzidas em posição mais baixa no GP do que no GB e as vogais nasalizadas [ẽ], [ĩ] e [ũ] foram produzidas com a mesma característica de posição mais baixa, no GB;
- as médias do F2 das vogais nasalizadas [ã], [ẽ], [ĩ] e [ũ] foram maiores no GP, enquanto a vogal nasalizada [õ] teve média maior no GB. Logo, o GP produziu as vogais nasalizadas [ã], [ẽ], [ĩ] e [ũ] em posição mais anterior do que o GB. O GB produziu a vogal nasalizada [õ] com a mesma característica de posição mais anterior do GP;
- as médias do F2 das vogais nasalizadas [ã], [õ] e [ũ] foram maiores no GB do que no GP e as vogais nasalizadas [ẽ] e [ĩ] tiveram médias maiores no GP. Logo, podemos afirmar que as vogais nasalizadas [ã], [õ] e [ũ] foram produzidas em posição mais anterior no GB do que no GP. O GP, por sua vez, produziu as vogais nasalizadas [ẽ] e [ĩ] com a mesma característica de posição mais anterior do GB.

No capítulo que segue, apresentamos a discussão dos resultados encontrados nesta pesquisa.

## 5 RESULTADOS

Neste capítulo, discutimos as evidências que emergiram da descrição e análise realizadas no capítulo anterior, considerando o referencial teórico que sustenta esta pesquisa e as hipóteses de pesquisa elaboradas.

Apesar de a pesquisa estar pautada na ocorrência de vogais em situação de nasalidade, ou seja, em itens lexicais com contexto para a nasalidade e sua ocorrência (por exemplo, ‘amizadi’ [ãmi'zadzɪ] e ‘ansim’ [ã'sĩ]), nossos dados revelaram também i) itens lexicais com contexto para a nasalidade e sua não ocorrência (por exemplo, ‘amigu’ [a'migu] e ‘cemitériu’ [semi'terjo]); ii) itens lexicais com contexto não favorável à nasalidade, mas com sua ocorrência (por exemplo, ‘inguais’ [i'g<sup>w</sup>ajs] e ‘censar’ [sẽ'sah]); iii) itens lexicais com contexto para a nasalização e sua ocorrência (por exemplo, ‘impostu’ [ĩ'postu] e ‘imbaxu’ [ĩ'baʃu]) e iv) itens lexicais com contexto para a nasalização e sua não ocorrência (por exemplo, ‘coviti’ [ko'vitɪ] e ‘coputador’ [koputa'do]).

No que se refere aos itens lexicais com contexto para a nasalidade e sua ocorrência, objeto de estudo desta pesquisa, a análise revelou que o segmento sonoro seguinte tende a condicionar a nasalidade. Nesse caso, os dados apontaram a tendência de assimilação do abaixamento do véu palatino de consoante nasal seguinte, apesar de ter havido casos de vogal nasal (por exemplo, ‘ansim’ [ã'sĩ]) – assimilação regressiva, segundo Cavaliere (2005, p. 59).

Assim como em outros estudos sobre a nasalidade no PB (ABAURRE; PAGOTTO, 1996; SILVA, 2010; ALVES, 2014), a vogais tenderam a assimilar o abaixamento do véu palatino de consoante nasal presente no início da sílaba seguinte (por exemplo, [pã'nɛlɔ]), apesar de ter havido caso de vogal nasal na sílaba imediatamente seguinte (por exemplo, ‘ansim’ [ã'sĩ]) e caso de consoante nasal em sílaba não imediatamente seguinte (por exemplo, ‘internidadi’ [ĩtefɪni'dadzɪ]).

A tendência de assimilação do abaixamento do véu palatino de consoante nasal presente no início da sílaba seguinte apontou preferência pela consoante nasal bilabial vozeada [m] (37,71%), seguida pela consoante nasal alveolar vozeada [n] (35,13%) e, por fim, a nasal palatal vozeada [ɲ] (27,16%), mesmo as diferenças percentuais não sendo tão expressivas. Esses percentuais apresentaram as consoantes labiais como de maior condicionamento para a nasalidade, diferentemente do resultado da pesquisa de Abaurre e Pagotto (1996, p. 512), em

que os dados evidenciaram que “as labiais constituiriam um ponto de menor condicionamento de nasalidade e as palatais, o ponto de maior condicionamento”.

Consideramos também a nasalidade da vogal de acordo com a sua posição em relação ao acento primário do item lexical: posição pretônica, tônica ou postônica. No dialeto investigado, a tendência é a nasalidade ocorrer em posição tônica (74,08%), embora também se dê, em menor percentual de ocorrência, em posição pretônica (25,0%) e em posição postônica (0,92%). Em todos os itens lexicais com contexto para nasalidade da vogal, em posição tônica, nos dados, houve nasalidade. Esse resultado confirma o que já fora apontado por Silva (2005, p. 121): “em vários dialetos da região Sudeste, uma vogal tônica é obrigatoriamente nasalizada quando seguida de consoante nasal – ‘c[ã]ma’”.

Os dados apontaram que a nasalidade não ocorre em uma categoria gramatical específica, mas tende a ocorrer em verbos (38,57%) e substantivos (34,11%). Esse resultado ratifica Silva (2010). Ele postula que a nasalidade ocorre “preferencialmente, na categoria gramatical verbo, embora tenha ocorrido em substantivos, adjetivos, pronomes e advérbios, com um menor percentual” (*Idem*, 2010, p. 68).

Durante a seleção dos dados, identificamos casos de itens lexicais com contexto para a nasalidade e sua não ocorrência (0,26%), isto é, casos em que a assimilação não aconteceu, apesar do contexto favorável. Segundo Silva (2005, p. 93), “a nasalidade marca variação dialetal” já que este fenômeno não altera o significado do item lexical. Abaurre e Pagotto (1996, p. 523) afirmam que com “[...] a nasalação, ou sem ela, aparecerão sempre as mesmas formas vocabulares [...]”. Silva (2005, p. 93), ainda, afirma que “variantes nordestinas parecem preferir a nasalidade. Variantes paulistas, por outro lado, expressam uma falta de preferência no uso da nasalidade”. Essa preferência é detectada nas comunidades de fala investigadas, embora não seja uma preferência 100% categórica. No caso aqui exposto, o fenômeno de nasalidade caracteriza uma marca de variação intradialetal.

Itens lexicais com contexto não favorável à nasalidade, mas com sua ocorrência também emergiram do *corpus* (0,18%). Alves (2014, p. 21) denominou esses casos de nasalização espúria, pois a vogal não possui ambiente favorecedor e se realiza com o abaixamento do véu palatino. Segundo ele e Amaral (1976), a nasalização espúria, ocorre, principalmente, nas vogais [ɛ], [e], [i], pois detectaram que estas vogais médias alçam e se realizam como [i], além de trazer em si a marca da nasalidade realizando-se como [ĩ]. Além disso, há registro desse fenômeno na fala de pescadores de uma aldeia de Ericeira (Portugal), por exemplo, ‘ingreja’ [ĩ'greʒə], conforme Alves (1965).

O *corpus* é constituído de itens lexicais com contexto para a nasalização e sua ocorrência (69,57%). Segundo a literatura, a nasalização – vogais nasais – refere-se aos casos de abaixamento do véu palatino distintivo na LP, ou seja, em que as posições diferentes (abaixado e levantado) deste órgão do aparelho fonador gera diferença de significado entre itens lexicais, por exemplo, ‘nunca’ [ˈnũkə] e ‘nuca’ [ˈnukə]. Silva (2005, p. 93) afirma que “uma vogal nasal ocorre obrigatoriamente em qualquer dialeto do português”. Contudo, nosso *corpus* apresenta itens lexicais com contexto para a nasalização e sua não ocorrência (0,12%). Ou seja, apesar de seu baixo percentual de ocorrência, identificamos variação na nasalização, fenômeno não previsto na literatura investigada.

A análise dos F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas em Brejo dos Crioulos e Poções teve como resultado no que se refere ao i) F1 das vogais orais: o GB tendeu a produzir a maioria das vogais com o dorso da língua mais abaixado do que o GP, exceto [a]; ii) F2 das vogais orais: a maioria das vogais orais do GB tendeu a ser produzida com a língua em posição mais anteriorizada do que o GP; iii) F1 das vogais nasalizadas: a maioria das vogais nasalizadas do GB tendeu a ser produzida com o dorso da língua mais abaixado do que o do que o GP; iv) F2 das vogais nasalizadas: as vogais anteriores nasalizadas tenderam a ser produzidas com a língua em posição mais anteriorizada no GP e as vogais posteriores nasalizadas, no GB.

Com os resultados desta pesquisa aqui expostos, a seguir, tecemos as considerações finais.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa investigou o fenômeno da nasalidade de vogais na fala espontânea de moradores das comunidades quilombolas de Brejo dos Crioulos e Poções (MG). Como aporte teórico, baseamo-nos nos pressupostos da Fonética e Fonologia, em estudiosos renomados na investigação do fenômeno da nasalidade (CAGLIARI, 1977; CÂMARA JR., 2013; BISOL, 2013; ABAURRE; PAGOTTO, 1996; SILVA, 2005), com subsídios da Linguística de *Corpus*.

Objetivamos investigar a ocorrência do fenômeno da nasalidade, no dialeto dessas comunidades quilombolas e seu comportamento linguístico na fala dos indivíduos desse grupo social, considerando os fatores linguísticos que podem no fenômeno interferir. Especificamente, objetivamos a) detectar a ocorrência de vogais nasalizadas com auxílio dos recursos que provê a Linguística de *Corpus* (*Praat* e *WorldSmith Tolls*); b) discriminar os diferentes tipos de ambientes de ocorrência das vogais nasalizadas; c) fazer análises quantitativa e qualitativa das vogais nasalizadas no *corpus* de estudo; d) descrever e analisar o comportamento das vogais nasalizadas, nas comunidades de fala pesquisada e; e) contrastar os valores de F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas nas comunidades quilombolas de Poções e Brejo dos Crioulos.

Hipotetizamos que esse fenômeno linguístico, denominado nasalidade, que trata dos casos de vogais nasalizadas, acontece por ser condicionado pelo segmento nasal seguinte à vogal nasalizada – processo fonológico de “assimilação” –, sua posição quanto ao acento primário e categoria gramatical. Acreditamos que as comunidades quilombolas do Norte de Minas produzem em suas falas vogais nasalizadas e que esse fenômeno linguístico é favorecido pela presença adjacente de consoantes ou vogais nasais. Além disso, hipotetizamos que os valores de F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas em Brejo dos Crioulos e Poções são distintos.

A partir da fala quilombola e da ampliação da discussão para os demais dialetos do PB, elaboramos as seguintes perguntas de pesquisa, que derivam das hipóteses: (i) a presença de vogais nasalizadas na fala das comunidades quilombolas do Norte de Minas está condicionada à presença de um segmento sonoro nasal? (ii) o segmento sonoro nasal seguinte à vogal nasalizada favorece a ocorrência do fenômeno da nasalidade? Há diferença entre os valores de F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas nas duas comunidades quilombolas consideradas? Para compor o nosso *corpus* utilizamos gravações de 24 entrevistas, sendo: 12 locutores femininos

e 12 locutores masculinos, um total de 24 participantes pertencentes às comunidades mencionadas. O *corpus* desta pesquisa foi constituído 1.614 itens lexicais, que envolvem os casos de nasalidade e nasalização abordados nesta pesquisa (694 <+nas1>, 20 <+nas0>, 7 <-nas1>, 885 <naz> e 8 <naz0>).

Algumas hipóteses levantadas para problematizar esta pesquisa confirmaram-se pois:

- i) segmento sonoro nasal seguinte tende a condicionar a vogal oral anterior a ser nasalizada. Geralmente, assimila-se o abaixamento do véu palatino de segmentos consonantais nasais imediatamente seguintes, mas há casos de segmentos vocálicos nasais – fenômeno de assimilação regressiva;
- ii) a sílaba tônica tende a favorecer a nasalidade, mas ela ocorre em posição pretônica e postônica também;
- iii) os valores dos F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas nas comunidades quilombolas de Poções e Brejo dos Crioulos são distintos, dado que o GB tende a produzir o F1 das vogais orais e nasalizadas mais abaixado do que o GP e o F2, mais anteriorizado.

Por outro lado, a nasalidade não é específica a uma categoria gramatical, apesar de tender a ocorrer em verbos e substantivos, pois a identificamos em outras categorias gramaticais.

Esta pesquisa apontou casos de itens lexicais com contexto não favorável à nasalidade, mas com sua ocorrência (nasalização espúria), confirmando pesquisas já realizadas. Por sua vez, revelou casos de itens lexicais com contexto favorável à nasalização, mas com sua não ocorrência. Este último caso, tido como de abaixamento do véu palatino uniforme no PB, apresentou itens lexicais pronunciados sem o abaixamento do véu palatino, nas comunidades quilombolas investigadas. Ou seja, detectamos variação no fenômeno de nasalização no PB.

Esperamos que a partir desta pesquisa outras investigações de cunho fonético-fonológico sejam alavancadas, considerando-se a metodologia utilizada, ou mesmo a aperfeiçoando para outros estudos da fala espontânea da LP.

É salutar enfatizar que mesmo não utilizando os recursos mais modernos para obter a fala espontânea, como laboratórios acústicos, os dados coletados nos permitiram estudar e realizar o que nos propusemos no início desta dissertação. Ainda que sem um tratamento mais acurado, foi possível realizar as análises acústicas e perceber como se portam as vogais orais e as vogais nasalizadas.

Nossos resultados, em específico a análise acústica de vogais, aproximaram-se dos resultados de Medeiros *et al.* (2008), Medeiros (2007), Sousa (1994), Seara (2000) e Santos (2013). Entretanto, não demos conta de preencher todo o universo de discussão sobre a análise acústica das vogais orais e vogais nasalizadas, o que aponta para outros estudos a serem desenvolvidos e empreendidos nestas comunidades de fala – os quilombolas.

Assim, podemos concluir que o estudo sobre o fenômeno nasalidade continua em aberto e nos instiga a continuar na busca de melhores elucidações para este e outros fenômenos.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Nasalização no português do Brasil. *In*: KOCH, Ingedore G. V. (org.). v. 6. **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996. p. 495-522.
- ALLPORT, Gordon W. **The natureza of prejudice**. Oxford, England: Addison-Wesley, 1954.
- ALVES, Joana Lopes. **A linguagem dos pescadores de Ericeira**. Lisboa: Junta Districtal de Lisboa, 1965.
- ALVES, Diocles Igor Castro Pires. **O processo de nasalização no dialeto quilombola gurutubano**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. 3. ed. Prefácio de Paulo Duarte. São Paulo: Hucitec; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.
- BACK, E. São fonemas as vogais nasais do Português? **Construtura**, ano 1, n. 4, 1973, p. 297-318.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007.
- BERBER SARDINHA, Tony. Linguística de *corpus*: histórico e problemática. **Revista D.E.L.T.A.**, v. 16, n. 2, 2000, p. 323-367.
- BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.
- BISOL, Leda. Estudo sobre a nasalidade. *In*: ABAURRE, Maria Bernadete M.; C. S., Ângela. **Gramática do português falado**. v. 8. Campinas: Editora Campinas, 2002.
- BRASIL. Constituição (1988). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm#adct](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm#adct)>. Acesso em: 20 abr. 2010.
- BRASIL. Decreto n.º 4887, de 20 de novembro de 2003. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto/2003/D4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto/2003/D4887.htm)>. Acesso em: 20 abr. 2010.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese**. Tese de Doutorado (inérita) – University of Edinburgh, Edinburgh, 1977.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. 194f. Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1981.

CAGLIARI, L.; MASSINI-CAGLIARI, G. A epêntese consonantal em português e sua interpretação na Teoria da Otimalidade. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 163-192, 2000.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yone. **Iniciação à fonética e à fonologia do português**. Rio de Janeiro: Zabar, 1994.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonética portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1984.

CASTILHO, Ataliba T. de; PRETI, Dino (org.) **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: TAQ/Fapesp. v. II: diálogos entre dois informantes, 1987.

CASTILHO, Ataliba T. de (org.). **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALIERE, Ricardo Stavola. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CEDEFES; COSTA, João Batista de Almeida. **Brejo dos Crioulos**. 1999. Disponível em: <<http://www.cedefes.org.br>>. Acesso em: 15 set. 2015.

CEDEFES. **Comunidades quilombolas de Minas Gerais no séc. XXI**: história e resistência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

COELHO, Vanilda Oliveira; NAZÁRIO, Maria de Lurdes. **O processo de assimilação da nasalidade das vogais orais na fala anapolina**. 2007. Disponível em: <<http://www.prp.ueg.br>>. Acesso em: 19 maio 2009.

COSTA, João Batista de Almeida. **Do tempo da fartura dos crioulos ao tempo de penúria dos morenos**: a identidade através de um rito em Brejo dos Crioulos. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília (DF), 1999.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. versão 3.0. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

EAGLY, A. H.; DIEKMAN, A. B. What is the problem? Prejudice as an attitude-incontext. *In: DOVIDIO, J. F.; GLICK, P.; RUDMAN, L. A. On the nature of prejudice: fifty years after.* Allport. Blackwell: Oxford, 2005.

FILLMORE, C. 'Corpus linguistics' or 'computer corpus linguistics'. *In: J. SVARTVIK (org.). Directions in Corpus Linguistics.* Proceedings of Nobel Symposium 82, Stockholm, 4-8 August 1991. Berlin, New York: De Gruyter, 1992.

GONÇALVES, Flávio José. **Negros de Poções: feitiços e outros Caxangás em seus processos sociais: historicidade, identidade e territorialidade em Brejo das Almas – MG.** 192 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2007.

HANSON, N. **Patrones de descubrimiento: observación y explicación.** Madrid: Alianza Editorial, 1977.

HEAD, Bryan. **A comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro.** Dissertação. Austin, Texas, 1964.

JAKOBSON, Roman. **Phonological studies.** Gravenhage: Mouton, 1962.

JAKOBSON, Roman; FANT, Gunmar; HALLE, Morris. **Preliminares to speech analysis.** Cambridge: MIT Press, 1952.

MAIA, Eleonora Motta. **No reino da fala: a linguagem e seus sons.** 3. ed. São Paulo: Editora Ática S/A, 1992.

MARCHAL, A.; REIS, C. **Produção da fala.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

MATEUS, M. H. M; FALÉ, I.; FREITAS, M. J. **Fonética e fonologia do português.** Lisboa: Universidade Aberta, 2005.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: fonologia.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

MEDEIROS, B. R. de. Vogais nasais no português brasileiro: reflexões preliminares de uma revista. **Revista Letras,** Curitiba, n. 72, p. 165-188, maio/ago., 2007.

MEDEIROS, B. R. de; D'IMPERIO, M.; ESPESSER, R. O apêndice nasal: dados aerodinâmicos e duracionais. **Revista do GEL,** São Paulo, v. 5, n. 2, p. 123-138, 2008.

MELLO, Heliana. Os *corpora* orais e o C-ORAL BRASIL. *In: MELO, Heliana; RASO, Tommaso. C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal.* Belo Horizonte: UFMG, 2012.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas.** A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORAES, João Antônio. Produção e percepção das vogais nasais. In: CASTILHO, Ataliba T. de. **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção fonológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2013.

MORAIS BARBOSA, Jorge. **Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

NOVODVORSKI, Ariel; FINATTO, Maria José Bocorny. Linguística de *Corpus* no Brasil: uma aventura mais do que adequada. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, v. 30, n. 2, p. 7-16, jul./dez. 2014.

PONTES, Eunice. **Estrutura do verbo no português coloquial**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

QUADRO FONÉTICO SONORO. Disponível em: <[http://www.fonologia.org/quadro\\_fonetico.php](http://www.fonologia.org/quadro_fonetico.php)>. Acesso em: 15 set. 2015.

RAJAGOPALAN, K. Línguas Nacionais como bandeiras patrióticas, ou a linguística que nos deixou na mão. In: SILVA, F. L. da; RAJAGOPALAN, K. (org.). **A linguística que nos faz falhar**: investigação crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Gisélia Brito dos. Análise fonético-acústica das vogais orais e nasais do português: Brasil e Portugal. 199f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SCOTT, M. **WordSmith Tools (6.0)** [Programa computacional]. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2012. Disponível em: <<http://www.lexically.net/wordsmith/version6/index.html>>. Acesso em: 15 set. 2015.

SEARA, Izabel Christine. **Estudo acústico-perceptual da nasalidade das vogais do português brasileiro**. 288f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2000.

SOUZA, Elizabeth Maria Gigliotti de. **Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no português do Brasil**. 180f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1994.

SIL International. **IPA Fonts**. Disponível em: <<http://www.sil.org>>. Acesso em: 30 maio 2015.

SILVA, Thaïs Cristófar. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Thaís Cristófar. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Wagner Cassiano. **A nasalidade no dialeto quilombola de Poções (MG)**. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras Português-Espanhol) – Instituto Superior de Educação de Montes Claros, Montes Claros, 2010.

SUNDBERG. J. Articulatory in introduction of the singing formant. **Journal of the Acoustical Society of America** (Jasa), v. 55, p. 838-844, 1974.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VALADARES, Flávio Biasutti. Gramática e escola: considerações sobre variação linguística e ensino de língua portuguesa. **Domínios da Linguagem**, v. 4, n. 2, 2º sem., 2010.

VALENÇA, Eugênia Hermínia Oliveira. **Análise acústica dos formantes em indivíduos com deficiência isolada do hormônio do crescimento**. 97 fl. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2014.

ZEMLIN, W. R. Fonação. *In*: **Princípios de anatomia e fisiologia em fonoaudiologia**. Tradução de T. OPPIDO. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.



# **APÊNDICE A – Itens lexicais com marca de nasalidade**

abandonare	americanu	assinava	cama (câmara)
abandonei	amiaçava	assinei	caminhá
abandoni	amigu	assumí	caminhada
abrobrinha	amigus	assumida	caminhandu
abusanu	amizadji	assumo	caminhu
acabanu	amumbilária	atendenu	caminhus
acampamentu	Ana	bacanaum	camiseta
achanu	analfabetu	bahianu	cana
acompanha	Anestesa	balunganu	candeinha
acompanhá	anima	banana	canjiquinha
acumpanhanu	animadu	banhava	cantanu
acumpanhava	animal	banheru	cantjina
acumpanhei	animô	banhu	capiná
acumpanhê	aninhu	baratim	carinha
acumpanhu	Anira	barraginha	carinhoso
acustuma	anotei	barriguinha	carreganu
Adelinu	anu	bastiana	casinha
afastanu	anus	batenu	catuni
africana	apanhadu	bebenu	cebolinha
agradecenu	apanhê	bejamim	cenora
agrumenssô	apertanu	benefíci	cerâmica
aguardanu	apoianu	beneficiada	cerquinha
ajudanu	aproveitanu	bichinha	cervinha
albina	aproximá	boazinha	chama
alcinha	aproximaçaum	boina	chamá
algumas	aproximadu	bolinha	chamada
alimais	aproximanu	bombinha	chamadu
alimentu	aranha	botava	chamará
alimentus	arguma	botjina	chamava
aluna	arinha	briganu	chamego
alunu	arriscanu	brincanu	cham'ela
amadu	arruma	brusinha	chamô
amanhã	arrumá	bunita	chamu
amanhecidu	arrumava	bunitaum	chegamu
amanhicê	arrumei	buniteza	cheganu
amar	arrumo	bunitinha	choranu
amarás	arrumô	caçanu	cima
amargá	assiná	cainu	cobranu
amentá	assinatura	cama	coisanu

coisinha	cordenadora	customis	evoluímos
Colestina	correnu	custumo	falamu
colocanu	cortanu	danada	falanu
comandava	cozinha	danu	falinha
combatenu	crescenu	delfino	faltanu
combinô	criame	demorá	famia
comê	criamu	demorava	familha
começa	criancinha	dependenu	família
começamu	crianu	descenu	familiar
começava	cuidanu	desejanu	famílias
comecei	cume	devenu	farinha
começo	cumé	dexanu	fartanu
comemora	cumê	diáconos	fátjima
comemoranu	cumeça	dinherim	fazemu
comi	cumeçá	dinheru	fazenu
comida	cumeçamu	discriminada	felicianu
compranu	cumeçanu	discubrinu	fêmia
compretjinha	cumeço	disponu	ferinha
comprô	cumeçu	distribuinu	Fernandjis
compromissu	cumenu	djidjinha	fervenu
comu	cumérci	djimaís	ficamu
comum	cumi	djiminuiu	ficanu
comunidadji	cumia	djisinvolvenu	filhinha
comunidadjinha	cumida	djisinvolvenu	final
comunitára	cumigu	djividjinu	fizemu
comunitáriu	cumpanheru	Djivinu	fomi
condenado	cumpanhu	djizenovi	fomos
conheci	cumu	djizenovi	fomu
conhecí	cunhada	djizenu	foni
conhecia	cunhadu	doidjinha	forçanu
conheçu	cunhecê	doméstica	fruitjinha
consegue	cunheci	domicíflu	fulano
consiguinu	cunhecimentu	dominada	fulanu
consumu	cunheçu	dona	funciona
contanu	cunhici	donim	furanu
contjinua	cunhicia	donu	gaguejanu
contjinuá	cunversinha	doutrina	gaiolinha
contjinuuanu	cunzinha	drumia	gaiolona
contjinuava	cunzinha	duma	galinha
contjinuô	curanu	durminu	galinhas
conversanu	custuma	encontranu	gamela
convivenu	custumada	entramu	ganha
cordenadô	custumi	estamos	ganhá

ganhadu	inxerganu	mamaim	murchanu
ganhau	iscuienu	mamãum	namora (comemora)
ganhava	isperamu	mamei	namorá
ganhei	isperanu	mamonas	namoradu
ganhô	ispinhaçu	manera	namoranu
Gaudjina	istamus	manero	namoru
generu (gênio)	istranha	manhã	neném
gostamu	istranhu	manhicia	nestresianu
gostanu	istreitjinha	manipulanu	ninhum
gracinha	istudanu	mantenu	nomi
gravanu	ixami	máquina	novena
grebizinha	ixplicanu	matemática	novinha
gripizinha	Izaldjina	maxim	novinhu
helenas	Janaúba	memóra	numa
higiene	jeneru	memu	numas
hináru	Januara	menô	número
homi	Joana	menus	observanu
humana	joanoqui	mexenu	oianu
igualanu	jonas	mina	ônibus
imagi	junhu	Minas	oportunidadji
imagine	Jusefina	minazinha	orientanu
imbrumanu	justjina	mineru	ortesanatu
imóvi	lambuzinha	minguanu	ótjima
impreitjinha	laiganu	minha	ótjimu
impurranu	lama	minhas	paganu
incentjivanu	lasanha	minina	palavrinha
inchenu	lavanu	mininada	panha
inganaçaum	lembranu	mininu	panhadu
ingenheru	lenha	mininus	panhava
inha	letrinha	minúscula	panhó
iníci	levanu	minutim	pano
iniciô	lima	minutu	panu
inimigu	liminá	misturanu	paramus
ino	liminanu	mocinha	paranu
insina	limitji	moianu	passamu
insinanu	limpano	momentu	passanu
insinu	limpanu	moranu	pedinu
intendenu	lupinu	moranu	pedrinha
intendjimentu	lurdjiana	morrenu	peganu
intendjimentuzim	lutanu	mostranu	pensanu
intercedenu	madrinha	movimentanu	pequenu
intramu	madrugadinha	mudanu	percebemus
inu	maianu	municipi	perdenu

perguntanu	próxima	reuniram	somu
permanecenu	próximo	rezanu	somus
pesamu	pulanu	rigridjinu	sonha
péssim	punha	rimãum	sonhadora
pidjinu	puxanu	rinu	sonho
Pimenta	queimá	rítimo	subrinha
pineu	quemá	robanu	sumiu
pinha	quemanu	rodanu	surginu
pinhu	queremu	romeu	sustentanu
piquena	querenu	Ronaldu	tabuquinha
piqueninha	quetinha	Ronilda	tamaim
piquininha	quilom	rufinu	tamanhu
piquininim	quilome	sabenu	tamém
piranha	quilometru	sacristiazinha	tamu
plantamus	quilometu	sadamu	tardjinha
planu	quinhentas	safena	telefoni
pobrema	rainha	saidjinha	temos
pocinhos	rapanu	sainu	temu
podemu	recebemu	saladinha	tenha
policlínica	reconhecê	salgadona	tenhu
ponhu	reconheci	SAMU	tentanu
pon'i	reconhecida	sanfrona	tenu
ponu	reconhecido	santíssimo	termina
portunidadji	recrama	sariemas	terminei
precisamu	recramaçãum	seguranu	terrenu
precisanu	recramava	semana	terrinha
premeteu	recunhecenu	senadô	testemunhu
preparamu	recunheci	senhora	tistimunhada
prestanu	recunhecia	sentá	tjími
pricisanu	recunhecidas	sentjimentu	tjinha
primera	regazãuzinha	senu	tjiranu
primeramentji	remanescência	servimu	tjirinha
primeru	remanescentji	sétjima	tocanu
primu	remédiu	Silvana	toma
priquena	remedjió	sinal	tomá/
problema	remédjiu	Sinhô	tomadu
probrema	rendenu	sintjinu	tomanu
procuranu	reromadu	sintonizada	tomara
programanu	reuni	sintu	tomara(m)
promessa	reuní	sinusitji	tomava
prometji	reunia	sitjinu	tomei
prometjidu	reunida	socorrenu	tomô
PRONERA	reunido	somanu	Toni

torremim	uma	valdjivina	Vina
trabaiamu	umas	vamos	vinha
trabaianu	uní	vamu	vinhê
trabalthanu	única	Vanilza	vinhesse
tradicional	únicu	vaquinha	vino
transformanu	unido	varanu	vinu
tratanu	unidu	vendenu	visitanu
trazemu	usanu	venenu	vivemu
trazenu	útjimu	venha	vivenu
trená	vaciná	venhu	vizinhas
turminha	vacinaçãum	venu	voanu
últjimas	valcina	vergonha	xicrinha
			zona